

Na véspera de sessão importante em Monsanto

ESPECULAÇÕES PRESSIONAM JULGAMENTO DAS "FP-25"

O julgamento do chamado «Caso FUP/FP-25», que se vem arrastando em Monsanto há mais de um ano, vai conhecer amanhã um dia diferente, pois na barra do Tribunal, para além do general Ramalho Eanes, estarão presentes em defesa de Otelo outras testemunhas de renome.

Continua na pag. 24



Eanes figura entre as importantes testemunhas de Otelo que amanhã estarão em Monsanto



Tubos, luz, música — juventude

DANCETERIAS A nova "febre" das noites jovens

Chegou a «febre» das danceterias. De há um ano a esta parte, elas vão se dissiminando pela Grande Lisboa. O êxito de mais esta ideia importada do estrangeiro, parece garantido. Público jovem decoração simples, elas aí estão!

Págs. 12 e 13

Porto, Benfica, Sporting e Guimarães continuam na Europa

Para integração total falta a adesão do Boavista

Vitamina do coração

Beja Santos

O sucesso escolar aparece invariavelmente associado a uma alimentação adequada. Pais há que não se preocupam com o fastio ou a irregularidade das refeições dos seus filhos. Como escreve o dr. Virgílio Moreira no seu mais recente livro (1), «Os pais que investem demasiado na alimentação da criança, que lhe determinam a quantidade de alimento, muito emotivos, irascíveis e sem paciência, muito fatigados e apressados, são causa muito comum de falta de apetite das crianças». Como importantes, para o comer bem ou mal, são as condições ambientais, físicas e emocionais, que rodeiam a criança. A afeição, o companheirismo, o estímulo e um programa de vida, o aproveitar este início de ano escolar para reconverter hábitos dos grávidos e mais novos, lá em casa, é, sem tirar nem pôr, a vitamina do coração, a de melhor sucesso para o recomeço das aulas.

Começemos por um elenco de preocupações essenciais, tal como vêm descritas no último número de «J'achète mieux», a revista dos consumidores suíços.

A actividade cerebral

Existem poucos estudos que esclareçam com nitidez quais são os elementos nutritivos que facilitam a reflexão e a concentração, se bem que as condições da actividade muscular tenham sido apreciadas até à exaustão.

O cérebro não tem reservas e funciona ininterruptamente, e por isso é que é importante que o reabastecimento do organismo em glúcidos se faça sem grandes quebras. Igualmente, sabe-se que a vitamina C e a vitamina B6 estimulam a actividade eléctrica do cérebro. Do mesmo modo, o fósforo é indispensável à transformação da glucose em energia «cerebral».

Ao invés, conhece-se um pouco melhor os efeitos de uma alimentação insuficiente sobre o crescimento cerebral. A falta de proteínas de alta qualidade implica um afrouxamento na formação de neurónios e, por conseguinte, do volume cerebral.

Se é certamente indispensável que o nosso cérebro funcione bem, ele deverá estar em condições de resistir ao «stress»: o regime alimentar das crianças precisa de um bom balanceamento em vitaminas do grupo B e igualmente nos minerais do «equilíbrio», potássio e cálcio.

Um pequeno-almoço a sério

Tomada em família, esta refeição essencial ganha em valor afectivo e psicológico. Que não haja grandes tabus em volta do pequeno-almoço, pois tudo quanto é nutritivo pode dar a sua achega preciosa: sopa da véspera, leite, cereais, ovo, carne magra. O dr. Emílio Peres propõe a sua composição do seguinte modo: 1 — Por fruta, em natureza ou em sumo; 2 — Por leite, misturado ou não com cevada, café, canela, etc.; ou por iogurte, requeijão, queijinhos; 3 — Por pão escuro ou tostas, farinhas, flocos de aveia; 4 — Por um ovo cozido, quente ou escalfado, ou por uma fatia de fiambre, ou carne sem gordura.

Já a saudosa campanha de educação alimentar «Saber co-

mer é saber viver» recomendava que «Um pequeno-almoço equilibrado pode constar de um copo de leite sem açúcar, um pão com fiambre e uma peça de fruta», «além de que a merenda da manhã é um hábito que desde cedo convém ser instituído e posteriormente mantido por toda a vida. Mais simples que o peque-

no-almoço, torna-se obrigatória sempre que o intervalo entre este e o almoço ultrapasse as três horas e meia».

E assim começa o dia do jovem escolar na melhor forma, permitindo ao cérebro encontrar fundo de maneo para as 400 quilo-calorias de que tem necessidade imperiosa.

Alimentação correcta, questão de harmonia

A criança não precisa de bolos

cremosos, nem pacotes de batata frita, nem água açucarada com vários corantes. A alimentação a sério é aquela que permite a formação e o desenvolvimento das estruturas orgânicas e compensa-as de todos os desgastes. A criança bate o pé e grita que quer ovo estrelado, batata frita, doce sintético, hamburger? Se os pais e encarregados de educação capitulam, ao menos que assumam que estão a lesar o crescimento normal do filho ou educando: com lixo alimentar e refeições a desoras, com carências de várias espécies de elementos nutritivos «os dentes não são saudáveis, os ossos tornam-se frágeis, a massa muscular é reduzida, as células nervosas ficam afectadas, os órgãos internos não se desenvolvem».

Sem pequeno-almoço como impõem as próprias necessidades escolares, a criança fica desatenta. Segue-se um almoço de empadinada e a respectiva sonolência. Se o almoço é tardio, segue-se um atabalhoamento na merenda da tarde e no jantar. Acontece ainda que não se poderão fazer os deveres durante a tarde se há fome ou sensação de fome.

Se a merenda da tarde não tiver flocos de aveia com leite, ou iogurte e «croissant», ou algo que se assemelhe ao pequeno-almoço, segue-se um jantar desmesurado com consequências no repouso e no sono. E até porque de mitos para o almoço e para o jantar está a ternura familiar cheia.

Os grandes bifes e as grandes postas de carne ou peixe não resolvem nada!

Um jovem em idade escolar precisa de até 180 gramas de carne ou peixe, e de feijão, grão-de-bico, cereais, e os inevitáveis 6 a 7 dl de leite (há quem ande esquecido que o leite é a melhor e a mais barata fonte de cálcio).

A alimentação é tudo? Não é, mas deve ser encarada como o mais importante factor ambiental; associado à harmonia familiar, à actividade física, à muita calma durante as horas das refeições, dá algo parecido como um saudável quadro de vida.

A vitamina do coração é isto mesmo: afecto e combate intransigente contra o consumismo. Combate para garantir hábitos fundados na variedade alimentar; sentimento de respeito pelos intervalos das refeições do pequeno-almoço ao copo de leite ao deitar tudo é importante: equilíbrio entre os nutrientes essenciais; água, proteínas, hidratos de carbono, gorduras, sais minerais, vitaminas e fibras.

Por todos estes factores, a educação alimentar devia regressar em força aos programas escolares. Até porque com a educação e cultura alimentar se expande a capacidade crítica face à publicidade e aqueles mitos instalados, desde as bebidas com sabor a fruta que são tão nutritivas quanto os sumos, passando pela carne de porco que se diz ser mais gorda do que a carne de vaca, até às apregoadas virtudes do ovo de casca castanha sobre os de casca branca.

(1) «A criança dos 2 aos 6 anos», pelo dr. Virgílio Moreira, Coleção Biblioteca de Saúde, Editorial Caminho, 1986.



Ditadura liberal, ditadura revolucionária

NO opúsculo «Depoimento contra Depoimento», editado pelos Serviços Centrais da Candidatura à Presidência da República do general Norton de Matos, António Sérgio faz referência ao seu conceito de «ditadura liberal».

Como é sabido, o autor dos «Ensaio» foi acusado de ser favorável a um governo ditatorial, embora o concebesse para actuar no sentido de regenerar os vícios da República constitucional. No «Depoimento contra Depoimento», António Sérgio aborda a questão. O trecho reveste-se de um duplo interesse. Nele António Sérgio refere-se ao carácter do «Estado corporativo» e ao conceito de uma «ditadura liberal», regeneradora da democracia na prática e não apenas na retórica de alocações e discursos.

É o seguinte o texto do grande doutrinador da «Seara Nova»: «A ditadura saída do 28 de Maio ter-nos-ia deixado um benefício estável se houvesse tentado instaurar entre nós um verdadeiro Estado corporativo, em vez de um regime de corporações estatais; se tivesse fomentado os sindicatos livres, as cooperativas livres, buscando nas cooperativas e sindicatos livres — sincerissimamente — as bases inspiradoras da sua acção. Por mim, não nego a necessidade de haver ditaduras, lá de vez em quando; mas não de ser ditaduras de uma natureza especial: ditaduras liberais, como lhes tenho chamado. As ditaduras liberais têm dois caracteres. Primeiro: o de se darem a si mesmas como transitórias, como um recurso ocasional, e não um regime. Segundo: o de serem progressivas, e não retrógradas; o de terem por fim despedaçar cadeias, emancipar mais as pessoas; o de tomarem por objectivo o habilitar o povo a subir a um nível de liberdade mais alta — mais consciente, mais de raiz, mais am-

pla, mais solta dos grilhões do passado histórico, do poder dos Espectros».

Esta posição de Sérgio, favorável a ditaduras liberais e transitórias, consideradas «como recurso ocasional, e não como regime», entronca, no que concerne a nossa história moderna, na valorização que ele faz da «ditadura» de Mouzinho da Silveira e poderia abonar-se numa tradição republicana: a de Basílio Teles.

A concepção de uma «ditadura revolucionária» que seria imposta ao «movimento republicano triunfante», surge-nos em escritos de Basílio Teles anteriores a 5 de Outubro. A primeira parte do opúsculo «As Ditaduras — O Regime Revolucionário», editado em 1911 (Typographia Minerva — Editora, Famação), reproduz colaboração publicada, na «época do franquismo», no jornal «Voz Pública». A segunda parte do opúsculo contém o projecto que, acompanhado de «Observações», foi entregue a Teófilo Braga «por mão própria», na manhã de 8 de Outubro de 1910. Segundo diz Basílio Teles: «como contribuição indirecta, por me ter sido impossível directamente intervir, para a obra revolucionária do Governo provisório.»

Não é este o lugar e a ocasião de comentarmos o que alega Basílio Teles sobre a impossibilidade de intervir na «obra revolucionária do Governo provisório». Registemos que a concebia como uma iniciativa ditatorial.

Algumas vezes, os «seareiros» da velha «Seara Nova» terão admitido uma «governança excepcional» dado o sistema parlamentar se apresentar como inoperante e dilacerado de contradições. Não se tratava de negar a democracia parlamentar, mas de regenerá-la, criando condições eficazes para resolver os problemas importantes e inadiáveis. Uma ditadura operacional e de espírito liberal. Digamos mesmo: libertador.

A crítica dos promotores do 28 de Maio de 1926 à política da jovem República, não tinha, como se

viu, essa liberal inspiração. Não foi «transitória», simples «ocasional recurso», a ditadura militar imposta pelo «28 de Maio».

Em Outubro de 1910 — e em Abril de 1974 — falhámos a possibilidade histórica de «despedaçar cadeias, emancipar mais as pessoas», de — como Sérgio escreveu — «habilitar o povo a subir a um nível de liberdade mais alta».

Teria sido possível atingir esse objectivo com uma «governança excepcional»? Com a «ditadura liberal» que António Sérgio admitia? Com a «ditadura revolucionária» que Basílio Teles preconizava?

Raul Proença, num texto redigido no início dos anos 30, mostra-se contrário à ideia de uma ditadura, mesmo que transitória e de recurso: «... as ditaduras, quanto mais constitucionais, e quanto mais consentidas, pior». E promete: «Um dia explicarei amplamente porquê». Nem os casos de guerra civil ou de guerra com país estrangeiro, justificariam para Raul Proença que se estabelecesse uma governança ditatorial, à margem e acima dos métodos de governo democrático para os quais é condição a possibilidade de os cidadãos intervirem e fiscalizarem. E, com firmeza, escreve: «Que a guerra nos force a recorrer à ditadura, eis uma das razões do meu pacifismo.»

Uma «governança excepcional» — quaisquer que sejam os propósitos com que, na oportunidade, é justificada — representa uma redução da «participação democrática». A Democracia exigindo a participação cívica ampla e o seu próprio aprofundamento, deverá encontrar as formas, os métodos, as estruturas institucionais, que reduzindo os malefícios da delegação, permitam aos cidadãos uma intervenção na própria gestão política e social. Democracia é pluralidade respeitada, participação viabilizada, autogestão instituída.

A instância parlamentar, mesmo se considerada necessária, revela-se insuficiente para promover e assegurar a institucionalização da Democracia.

Como conheci Federico Garcia Lorca

Vasco da Gama Fernandes

1 — Não há maneira de se desprender de mim, e cada vez mais a imagem da Espanha de 1931, quando ali aportei em plena juventude, trazendo nos olhos a euforia republicana das *calles* enebriadas pelo hino de Riejo e parecendo disposta a dar razão a Ramon y Cajal que no drama das duas Espanhas (mais tarde retomada num ensaio percuciente de Fidelino de Figueiredo, se estava a viver a outra ou seja a verdadeira terminou o período de demissão. Todos nos enganamos porque macabramente a diferente havia de surgir com todos os seus negativos na guerra civil e a seguir a ela a tragédia fascista. Mas isto é outra história que não vale a pena recordar mas que importa não esquecer!

A Espanha democrática de raízes fundas no hamús criador da meseta ali estava naquela sala acolhedora do Ateneu de Madrid, cujas portas franqueara ao lado de Jaime Cortesão.

Foi este que me levou até junto de Miguel Unamuno confiando a sua barbiga bibilafina ao lado de um jovem cigano que eu já tinha visto em Portugal na sua passagem para a Argentina durante a ditadura de Primo de Rivera. Conversamos por curtos minutos o tem-

po suficiente para lhe recordar que eu fora um dos subscritores da mensagem dos estudantes republicanos de Lisboa aquando da implantação da República. Quando me preparava para estender a mão ao tal cigano já ele se levantara e seguira o seu caminho. O cigano era Federico Garcia Lorca e quanto aos caminhos nunca mais se cruzaram com os meus. Mal sabia eu que não tornaria a ver o feiticeiro das «Bodas de Sangre».

E aqui começa a minha trajectória perante a obra que começava a ler e a ver representada desse homem cujos cinquenta anos do seu fuzilamento se continua a comemorar tendo ele então 38 anos de idade. Mas retornando ao mágico ano de 1931 quero informar o leitor que a Espanha que eu estava a viver era uma encruzilhada esperançosa de talentos universais onde pontificavam ainda muito novos os magistérios de tal barbiga bilbafina e da cultura plural de José Ortega Y Gasset.

Em Portugal consolidava-se a ditadura de Salazar. Muitos como eu, ou passaram a vida a frequentar as cadeias ou a seguir o caminho dos exílios. E eu com certo orgulho exibia os meus vinte anos de evadido de Peniche...



Mas é Garcia Lorca que quero reviver, informado da sua obra de Poeta inconfor-

mista, agarrado a veiga granadina, projectando-se contra a tirania e começando o seu fa-

dário e a sua angústia que só terminaria frente a um pelotão de assassinos.

Acarinhado pela juventude daquele tempo que já via nele o mistério de um grande poeta, trabalhando sobre a protecção fraternal de Fernando de Los Rios, e compreendido pelas gerações que o haviam antecedido, Federico agarraria na sua Barraca e com ela às costas espalhava poesia de Norte a Sul de Espanha, atravessando os oceanos.

Passei, então, repito, a sentir nesse Federico Garcia Lorca toda a alma da Espanha nas suas grandezas e nas suas desdidas.

Continuaria a relê-lo umas vezes em Portugal e outras vezes em fugazes representações consentidas pelo arbítrio reinante que não conseguia subtrair-se ao Império da inspiração de um dos maiores senão o maior poeta de Espanha.

2 — Os anos foram passando, ia acidentalmente sabendo da presença de Lorca no mundo do pensamento europeu e americano até que a maldição cairia sobre a nação, espoliada das liberdades, e iniciada a carnificina que fez perder para sempre alguns dos valores que eu amara no auge da minha mocidade.

Em plena ditadura franquista atravessei Granada à procura de Federico Garcia Lorca. Procurei-o na sua pequena

casa de Fuente Vaqueros, ali soube que partira um dia para a aventura donde nunca mais regressaria. Claro não era o Federico dos meus tempos do Ateneu e das tertúlias de Madrid, mas sim o seu fantasma que era aquele que eu adivinharia na jornada do seu itinerário: a Faculdade de Direito onde se formara, abandonada a tentativa duma licenciatura nas letras, o edifício onde o internaram após o rapto perpetrado pelos fascistas da cidade da casa onde fora acolhido e mostraram-me o local onde de pijama em plena madrugada fora arrancado para a morte na companhia de dois toureiros e de um professor primário que tiveram igual sorte, todos eles feitos em pó sem notícias concretas do poiso fúnebre, a não ser que havia olivais naquele sítio — hoje conhecido pelo «Barranco de la Muerte» e onde Federico mal viria nascer o sol havia sido trespassado pelas balas da outra Espanha de Ramon y Cajale.

Cinquenta anos depois a figura de Federico Garcia Lorca permanece e já não haverá espanhol destes dias que não concorde que se praticou naquela madrugada um dos maiores crimes sem perdão calando a voz telúrica do grande intérprete da liberdade que por ser espanhol passou a constituir uma porção fascinante do universo sensível.

Soares leva optimismo a jovens empresários

Uma mensagem de esperança e optimismo foi ontem levada pelo Presidente da República, Mário Soares, ao I Congresso do Jovem Empresário. Soares disse aos jovens que há razões para ter esperança e confiar, pelo que é urgente sacudir o pessimismo. «As dificuldades sentidas nos últimos anos - que aliás estão em vias de ser ultrapassadas - não devem fazer esquecer a situação fechada, de verdadeiro horizonte sem esperança e sem saída, vivida pela juventude nas últimas décadas do regime anterior», disse o Presidente da República.

«Portugal precisa de gente com capacidade de risco e de resposta, com entusiasmo inovador e criatividade», su-

blinhou Mários Soares, que disse serem os jovens «aqueles que melhor podem e devem assumir este desafio e

honrar esta responsabilidade».

Na opinião do Presidente da República, o verdadeiro choque do futuro joga-se hoje entre «o desânimo, as velhas rotinas, a paralisia e a confiança, o dinamismo, a ousadia, estribados numa preparação científica e tecnológica actualizada e numa informação moderna».

Sobre este Congresso, Mário Soares considerou que ele dará um importante contributo para a criação de uma nova mentalidade e de uma nova atitude face aos problemas da economia e da empre-

sa, sublinhando que «numa sociedade aberta e pluralista, ser empresário não deve ser um estigma, mas sim o exercício competente de uma actividade económica de interesse social».

Dinamizar e renovar

Para o presidente da Associação Industrial Portuguesa, Rocha de Matos, que apelou aos jovens para se manterem fiéis à sua função e missão e para que «não entrem e saiam da vida empresarial à mercê das contingências do dia a dia, dos oportunismos fáceis, das seduções falsas do

brilho imediatista», a fidelidade ao espírito empresarial é um dos princípios fundamentais para a manutenção, no futuro, da «raiz humanística da empresa».

Outro princípio enunciado por Rocha de Matos, é a base cultural, sem a qual a economia passa de «ciência humana para ciência exacta».

Rocha de Matos disse ainda que ser jovem empresário representa a necessidade de «ir na crista da onda da inovação, acompanhar e promover a renovação da economia, compreender a sociedade moderna, conhecer e aplicar as novas tecnologias».

Ensino não presta

Outro interveniente na sessão, o presidente da Associação Nacional dos Jovens Empresários, criticou o actual sistema de ensino que, em sua opinião, não informa o jovem sobre o mundo empresarial e principalmente sobre o seu ponto fulcral, que é a empresa.

Por sua vez, o presidente da Associação dos Jovens Agricultores de Portugal, salientou que, com a adesão de Portugal à CEE, haviam sido colocados nas mãos dos empresários portugueses uma faca e um queijo. «Falta agora saber se conseguiremos distribuí-lo (o queijo) eficazmente».

O I Congresso do Jovem Empresário é uma iniciativa das Associações Industriais Portuguesas e Portuguesa de Jovens Empresários e Jovens Agricultores de Portugal, em colaboração com o IAPMEI, o Instituto do Emprego e Formação Profissional, Fundação Luso-Americana e Banco Pinto e Sotto Mayor.

Do programa do Congresso fazem parte temas como «A experiência do Jovem Empresário», as «Pequenas e médias empresas e o perfil do jovem empresário português» e «O apoio financeiro ao investimento e a via de acesso aos fundos comunitários».

VAMOS VIVER O PAÍS TERRA A TERRA

50%
de redução

Esta, na hora de se meter no comboio e conhecer Portugal de verdade.

O País terra a terra. Agora, os destinos certos são Vila Real e Leiria.

Porque, entre 4 e 19 de Outubro, a CP oferece-lhe 50% de redução no seu bilhete inteiro de ida e volta.

Basta que as suas viagens tenham início em Período Verde e não sejam interrompidas.

É tempo de viver Portugal.

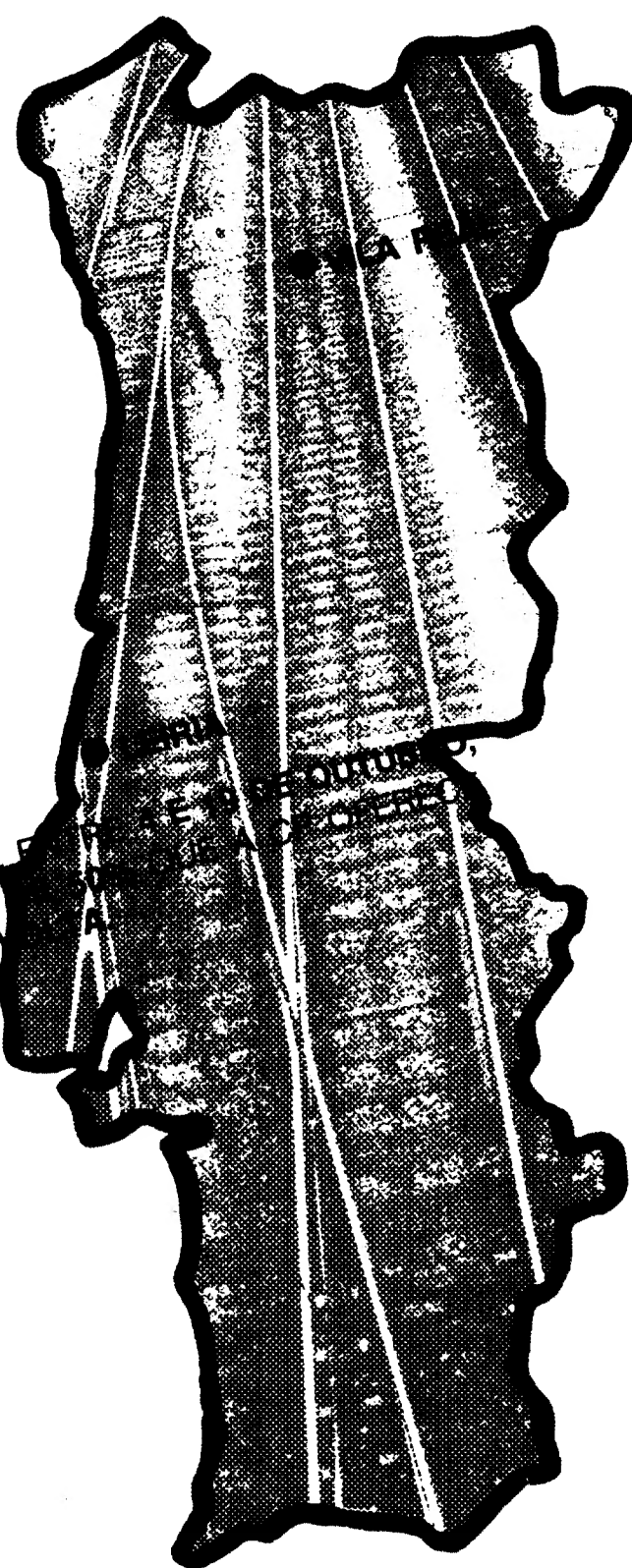
Vale a pena ir de comboio.

VISITE VILA REAL E LEIRIA
E APROVEITE A REDUÇÃO
NOS BILHETES DE IDA E VOLTAS

Para mais informações, contacte a estação mais próxima ou a sua Agência de Viagens



Comboio, a opção dinâmica.



PR almoça com Aristides

O Presidente da República, Mário Soares oferece amanhã um almoço oferecido ao seu homólogo caboverdiano Aristides Pereira, que se encontra em visita de carácter privado a Portugal desde a passada sexta-feira, instalado a convite da Presidência da República, no Forte de S.

Juliano da Barra.

Durante o almoço, em que participará também o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, e o embaixador de Cabo Verde em Lisboa, serão abordadas questões relacionadas com a situação no continente africano, entre outras.

Comemorações da Revolução de 5 de Outubro

Como vem sucedendo todos os anos, a Revolução de 5 de Outubro e a data da implantação da República serão comemoradas em Lisboa por iniciativa da Comissão Permanente dos Centros Republicanos. Esta Comissão integra elementos directivos dos Centros Republicanos Almirante Reis, Fernão Boto Machado, Magalhães Lima, António José de Almeida, Alberto Costa, Alferes Malheiro, Ajuda, Alcântara e Tenente Valdez (Odiveiras).

A Comissão exorta o povo de Lisboa a comparecer junto à estátua do Presidente António José de Almeida, no dia 5 de Outubro, às 10 horas, na cerimónia de homenagem ao grande tribuna republicano que terá a presença do Presidente da República. Seguidamente, pelas 10.30, realizar-se-á a tradicional romagem ao cemitério do Alto de São João, durante a qual

proferirão alocuções o eng. Manuel Alfredo Tito de Moira e o dr. Ramon de la Féria.

A Comissão de Romagem é constituída pelos coroneis Manuel António Correia e Carlos Vilhena, Ramon de la Féria, Raúl Rego, Xavier Rodrigues, Aquilino Ribeiro Machado, Raimundo Seara, Raquel Reis, Fausto Lucas Martins, Hermínio Flora Bento, João Gomes Dias, Maria Helena Correia, Manuel Marques, Luís Vaz, Gustavo Moreira e Artur Jesus Antunes.

A Comissão promove igualmente um almoço de confraternização na Casa do Alentejo, às 13 horas, para o qual se aceitam ainda inscrições no Centro Republicano Almirante Reis (telefone 867603), no Centro Republicano da Ajuda (telefone 640145) e na Casa do Alentejo (telefone 369231).

Comissão de Defesa quer ouvir Cavaco sobre visita aos Estados Unidos

A comissão parlamentar de Defesa decidiu ontem escrever uma carta ao Presidente da Assembleia da República solicitando-lhe a convocação do Primeiro Ministro para depor perante a comissão.

A decisão foi motivada pelo facto de tanto o Ministro da Defesa como o dos Negócios Estrangeiros não terem dado aos deputados as explicações que lhes foram pedidas sobre a recente visita de Cavaco Silva aos Estados Unidos.

Interrogados pelos parlamentares da comissão de Defesa, os dois ministros afirmaram não terem sido eles, mas o Primeiro Ministro o responsável pela referida deslocação.

Salientaram, contudo, que não tinha havido alteração na política externa portuguesa, mas foram incapazes de esclarecer a comissão nomeadamente no que se refere à renegociação do acordo das Lajes.

A reunião com os dois ministros durou cerca de uma hora seguindo-se-lhe depois a elaboração da carta para Fernando Amaral pedindo a comparência do Primeiro Ministro.

O documento solicita a Cavaco Silva que esclareça a evolução das perspectivas externas de defesa entre Portugal e os Estados Unidos à luz dos dados introduzidos pela sua visita aquele país em Setembro.

Reunião de líderes
Entretanto, o Parlamento

reaprecia o Estatuto político-administrativo dos Açores no próximo dia 7 e debatará a ratificação da extinção da Companhia Nacional de Petróquímica, no dia 9.

Isto mesmo foi decidido pela conferência de líderes parlamentares que ontem se reuniu para fixar a agenda da sessão suplementar da Assembleia que vai decorrer entre 7 e 15 do corrente.

Outros temas agendados são os pedidos de ratificação do decreto de extinção da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais e do diploma que cria a sua substituta e a apreciação da proposta governamental de ratificação de uma convenção internacional sobre os direitos do homem.

Estatuto dos Açores

Reis Leite, presidente da Assembleia Regional dos Açores que se encontra no continente à frente de uma delegação do Parlamento do arquipélago, disse ontem que o estatuto político-administrativo da região «só tem vantagem em ser discutido».

A delegação açoriana, que manteve encontros com os partidos parlamentares nos últimos dois dias, era ainda integrada pelo comunista Decq Mota e pelo socialista Dionísio de Sousa.

De acordo com os deputados açorianos, «as posições continuam a ser as mesmas», mas foram manifestadas preocupações por se poder pôr em causa todo o processo autonómico a «pretexto do artigo 6».

Por seu lado, o social-democrata Reis Leite considera que o referido artigo, que diz respeito às bandeiras, é claro

e não permite ilacções no sentido de que estabelece um paralelismo entre as bandeiras regional e nacional. Contudo, prosseguiu, se há quem pense que dá lugar a dúvidas, a sua redacção pode ser corrigida no sentido de uma ainda maior clareza quanto à sua forma, sem pôr em causa o princípio geral de que as duas bandeiras devem ser hasteadas em todos

os edifícios do Estado na Região Autónoma.

No mesmo sentido se manifestou o comunista Decq Mota ao afirmar que, visto ter dado lugar a dúvidas, a redacção do artigo sexto «não é perfeita» e é susceptível de um aperfeiçoamento formal. Para Decq Mota, toda esta questão foi muito «manipulada» e objecto de manifestações de separatismo, por

um lado, e de centralismo por outro.

De salientar que o CDS foi o único partido que não se fez representar nesta delegação que veio a Lisboa dialogar com a Assembleia da República o que, aliás, já tinha acontecido em Junho aquando da primeira delegação da Assembleia Regional que se deslocou à capital para debater o problema.

Em OUTUBRO
"Mais Segurança Social"
Na área da Segurança Social, legislação recentemente publicada produz efeitos a partir de 1 de Outubro.



Incentivos ao 1º Emprego

DECRETO-LEI N.º 257/86

(alteração ao DEC-LEI n.º 17-D/86)

Dispensa de contribuições das empresas que admitam trabalhadores em situação de primeiro emprego por tempo indeterminado.

Integração dos Deficientes

DECRETO-LEI N.º 299/86

Incentivos às entidades patronais mediante desagravamento contributivo, para facilitar a integração no mundo do trabalho.

Novo Regime para os Trabalhadores Independentes

DECRETO-LEI N.º 307/86

Isenta da obrigação de contribuir para o regime dos Trabalhadores Independentes os empresários em nome individual e os profissionais livres que exerçam, em acumulação, outra situação laboral pela qual já contribuam para uma protecção social.

TAXA SOCIAL ÚNICA *

DECRETO-LEI N.º 295/86

Introduz alterações ao Decreto-Lei n.º 140-D/86 de modo a clarificar diversos aspectos

* Pagamento

Em Lisboa — Para além dos Balcões da CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, pode agora também utilizar os do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR.

Noções de estratégia do PRD

Oito moções de estratégia vão ser discutidas na próxima Convenção Nacional do PRD, que será assinalada pela entrada de Ramalho Eanes para a presidência daquele partido. Uma das moções, a da Comissão Directiva Nacional, e de que é primeiro subscritor Hermínio Martinho, aponta para que o PRD continue a ser «um partido charneira», garante que será «intransigente no plano dos princípios», e que coloca «condições prévias inegociáveis» se no futuro discutir uma política de alianças.

Aponta, por outro lado, a existência de «barreiras precisas e insuperáveis, seja qual for a incidência da negociação». Essas barreiras são «os princípios do PRD», que «nunca constituirão moeda de troca nem serão «permutas» nas negociações em que intervier.

De acordo com esta moção, o PRD está disposto a manter «uma abertura negocial permanente» e aceita discutir «a ordem e a cronologia das medidas a tomar e os ajustamentos de posição a fazer» do seu programa, que irá «tentar executar no Governo» quando for votado maioritariamente. Este programa, segundo a moção, constituirá «uma manifestação clara aos outros partidos — especialmente aqueles com quem concebe discutir no futuro uma política de alianças — das bases em que uma negociação é possível, útil e positiva».

A moção da Comissão Di-

rectiva refere que o comportamento do grupo parlamentar não deve ser modificado, «salvo circunstâncias inesperadas» e «sem prejuízo de que se torne cada vez maior a exigência face a um Governo no exercício prolongado de funções».

A segunda moção tem como subscritor o deputado António José Fernandes, de Braga, e propõe que o PRD não faça alianças na actual legislatura, com nenhuma força política, a fim de se constituírem novas equipas governativas.

Propõe ainda que o PRD «só participará no Governo quando o veredicto do eleitorado lhe permitir, sem equívocos, pôr em prática as medidas decorrentes da aplicação do seu programa».

Esta moção admite no entanto que, se surgir «uma grave crise política» e os interesses nacionais não aconselharem o recurso a novas eleições.

Início das aulas para dois milhões de alunos

-afirma Ministério da Educação

Ontem foi o dia indicado pelo Ministério da Educação e Cultura para o início das aulas do ensino primário, preparatório e secundário e, segundo dados recolhidos em todo o País pela Inspeção Geral de Ensino, o ano lectivo começou mesmo para cerca de 2 milhões de alunos. No entanto a opinião do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, divulgada em conferência de imprensa é que «1986/87 lamentavelmente não será nas nossas escolas um mar de rosas».

Para o gabinete do ministro da Educação «são múltiplas as razões de esperança» para o novo ano lectivo, dando como grandes exemplos «a Lei de Bases recentemente promulgada, a nova lei orgânica do MEC e a reforma do sistema educativo em curso».

Ministro faz campanha de promoção pessoal

A opinião do Sindicato de Professores da Grande Lisboa é no entanto diferente da do ministro da Educação. Para o SPGL, conforme foi ontem anunciado em conferência de imprensa, «1986/87 lamentavelmente não será nas nos-

sas escolas um mar de rosas».

Analisando o comportamento do ministro da Educação, aquele sindicato afirma que «em lugar de reconhecer as dificuldades e limitações que persistem (e são muitas), em lugar de valorizar o esforço de todos aqueles que se empenham para que as escolas funcionem o menos mal possível, em lugar de apontar metas e objectivos credíveis para a melhoria da qualidade do nosso ensino e enunciar os meios para os alcançar, que faz o ministro da Educação? Desenvolve uma vasta campanha de promoção pessoal».

«Diz que as aulas abrem a 1 de Outubro, escamoteia ou subestima os casos em que não há condições para que tal se verifique, mas sobretudo esconde as condições reais em que as escolas vão funcionar», salientou ainda o Sindicato.

O ministro fez da data de abertura do novo ano escolar o seu cavalo de batalha. Mas parece que não basta iniciar as aulas. Também são precisas condições.

Em nota informativa enviada aos órgãos de Comunicação Social, o Ministério da Educação e Cultura faz saber que, conforme estava previsto «nos termos do despacho conjunto 14/AE-EBS/86 de 6 de Junho a abertura do ano lectivo para os ensinos primário, preparatório e secundário, foi fixada em 1 de Outubro». E, segundo a nota do gabinete do ministro, pode-se constatar que o calendário escolar foi cumprido no ensino preparatório praticamente a 100 por cento e no preparatório

e secundário a 99 por cento em todo o País, «com excepção dos distritos de Lisboa e Setúbal, em que a percentagem é de 90 por cento».

Assim, e segundo os dados do Ministério, o ano lectivo de 1986/87 começou ontem para «cerca de 2 milhões de alunos em cerca de 11.500 estabelecimentos de ensino, dos quais 10.600 do ensino público correspondentes a aproximadamente 9700 escolas primárias e 900 estabelecimentos de ensino preparatório e secundário».

Como explicação para um menor cumprimento do calendário escolar nos distritos de Lisboa e Setúbal, o Ministério da Educação e Cultura aponta, na sua nota informativa, «razões que se prendem na sua quase totalidade com pequenos atrasos na conclusão de obras, de acessos ou de distribuição de mobiliário ou com a incapacidade de alguns conselhos directivos em aprontar a organização escolar, particularmente de horários».

Tal não é a opinião do

Sindicato de Professores da Grande Lisboa para quem, entre os motivos porque as escolas não abriram a 1 de Outubro contam-se as dificuldades de elaborações de horários, exames em curso, definição tardia da rede escolar, construção não concluída, obras em curso, falta de equipamento e mobiliário, falta de pessoal auxiliar e administrativo, falta de segurança, falta de professores (a colocar na segunda fase) e falta de água, luz, etc.

E, para as escolas que ontem receberam os seus alunos, isso não significa que as aulas comecem imediatamente a funcionar. Na generalidade não começaram. As aulas abrem efectivamente a partir do dia 6, havendo escolas novas, construídas este ano, que abrem tarde ou não se abrem quando abrem, porque não estão acabadas ou não têm equipamento.

Só na zona da Grande Lisboa, 1687 alunos do 7º ano de escolaridade de Setúbal não sabem quando iniciarão as actividades escolares por atraso na construção das in-

stalações ou pela sua inexistência, situação que se verifica nas cidades de Setúbal e Almada.

Elogio ao Governo

Para o Ministério da Educação, segundo a nota enviada aos órgãos de Comunicação Social, pode-se concluir que «o arranque do ano lectivo se processa, em 1986, de uma forma inequivocamente melhor se comparada com os anos precedentes (e tanto mais que se sabe que entraram em funcionamento de novas instalações, se movimentaram nos concursos perto de 100 mil professores, se procedeu à promoção de 1800 funcionários administrativos das escolas e à contratação de mais quatro mil funcionários auxiliares das escolas)».

O Ministério salienta para tal melhoria o «forte investimento do Governo em equipamentos educativos, a melhor organização dos cursos de professores e a capacitação técnica dos serviços e empresas de construção».



EDIÇÕES ASA

LIVRARIA DO PROFESSOR

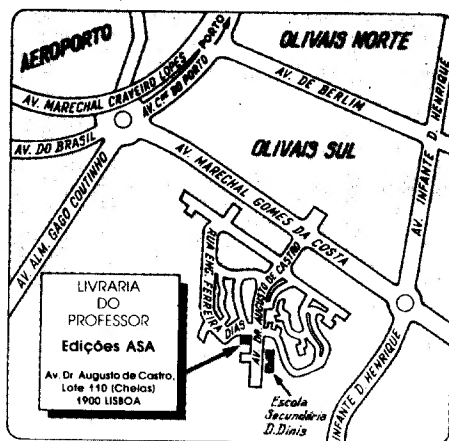
(Porto e Lisboa)

Em 1985 Edições ASA criava um novo serviço destinado exclusivamente a professores — A LIVRARIA DO PROFESSOR —

Em 1986 orgulha-se de anunciar que melhora e alarga os serviços que vem prestando no Porto e que já abriu a LIVRARIA DO PROFESSOR em Lisboa.

1

LOCALIZAÇÃO EM LISBOA



2

PANORÁMICAS DO INTERIOR



3

ACESSO RESERVADO A PROFESSORES

Na LIVRARIA DO PROFESSOR/Edições ASA, de acesso reservado a professores portadores do CARTÃO EDIÇÕES ASA ou de uma credencial do Estabelecimento de Ensino, proporcionamos um moderno serviço informatizado de informação editorial, ofertas e venda a preços especiais.

4

1986: CRIAMOS UM NOVO PRODUTO: o "Livro de CAPA INTEGRAL"

ALARGAMOS UM SERVIÇO ÚNICO EM PORTUGAL: ao abrimos em Setembro a

LIVRARIA DO PROFESSOR/EDIÇÕES ASA
Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110 (Chelas)
Telefs. 856251/856276/856176 — Telex 64894 LISASA P
1900 LISBOA

Reis da Suécia na Sagres

Calmaria não permitiu destraldar velas mas calor obrigou e despir o casaco

Ontem foi dia de navegação para os soberanos suecos, que deram um passeio no Tejo a bordo da Sagres. Infelizmente a calmaria não permitiu que o famoso veleiro da Armada Portuguesa desfraldasse as suas 23 velas. Mas em contrapartida houve calor suficiente para que o Rei Gustavo quebrasse o protocolo, despiendo o casaco durante o trajecto.

Acompanhados pelo Presidente da República e mulher, os reis da Suécia viajaram na ponte do navio junto à roda do leme, sob uma temperatura de 26 graus.

A Sagres saiu da Doca da Marinha cerca do meio dia e fundeou de uma hora e meia depois frente à Torre de Belém, após um passeio de cerca de três milhas nas águas tranquilas do Tejo, em que participaram também o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda e o ministro português da Defesa, Ribeiro de Almeida.

Ao longo do trajecto, de casaco debaixo do braço, o Rei Carlos Gustavo ouviu explicações do comandante naval do Continente, almirante Andrade e Silva, e do chefe do Estado Maior da Armada, almirante Sousa Leitão.

Ao almoço foram servidos aos soberanos suecos — os primeiros a subirem a bordo da Sagres — rolinhos de linguado à D. Manuel II, lombo de vitela com tamaras e doce

algarvio, tudo acompanhado por vinho branco e tinto e finalmente por um vinho do Porto centenário.

O chefe do estado Maior da Armada ofereceu aos reis suecos uma edição de luxo do diário náutico do iate «Amélia», do Rei D. Carlos I, ilustrado com aguarelas do monarca português.

Após o almoço, os monarcas seguiram de lancha até ao cais junto à Torre de Belém, enquanto os marinheiros da «Sagres» subiram aos mastros do navio e, depois das 21 salvas, gritaram os «vivas» da praxe.

Carlos Gustavo e Silvia seguiram depois para o Seixal, onde visitaram a fábrica de cortiça «Wicanders», a mais antiga empresa sueca em Portugal. Foram recebidos pelos administradores da fábrica e pelo presidente da Câmara Municipal do Seixal.

Para assinalar a sua passagem por esta fábrica, o rei e a rainha plantaram simbolicamente um sobreiro.

A fábrica Wicanders é

uma filial do grupo com o mesmo nome e é a empresa sueca há mais tempo instalada em Portugal. Factura cerca de um milhão de contos e emprega 310 pessoas, produzindo semi-acabado para pavimentos que é depois terminado na fábrica da Suécia.

Os soberanos visitaram em seguida as caves velhas José Maria da Fonseca, provaram alguns vinhos e ouviram explicações sobre o processo de produção.

À noite, no Palácio de Queluz, Carlos Gustavo e Silvia ofereceram um banquete em honra do Presidente da República e hoje de manhã partiram para o Funchal, onde permanecem até domingo de manhã.

O programa incluiu audiências com diversas entidades da aquela região autónoma, uma visita ao Hospício Imperatriz D. Amélia, instituição subsidiada pela coroa sueca, um almoço oferecido pelo presidente do Governo Regional da Madeira e um encontro com a comunidade sueca residente no Funchal, na maioria relacionada com o sector turístico.

No sábado, em visita de carácter privado, os monarcas devem visitar alguns pontos turísticos da Madeira, sendo possível que façam também um passeio marítimo às Desertas.

Para "entrar a doer"

Empossada a Comissão de combate à poluição

O secretário de Estado do Ambiente deu ontem posse à Comissão de Combate à Poluição, organismo a quem Carlos Pimenta exigiu que «entre a doer», resolvendo até final do ano «casos concretos de ataque à qualidade de vida».

«Cada um de vocês terá que pegar em dois ou três casos concretos e resolvê-los até final do ano», — disse Carlos Pimenta, dirigindo-se aos elementos da nova Comissão, a primeira estrutura administrativa a nível nacional de combate à poluição.

Integrando seis departamentos: a qualidade da água, a poluição industrial, os resíduos e compostos químicos, a qualidade do ar e controlo do ruído, a investigação e desenvolvimento e a informação e documentação, a Comissão assinala, segundo o secretário de Estado do Ambiente, «o início de uma administração efectiva do ambiente em Portugal».

Depois de enumerar os vários diplomas relativos ao ambiente e recursos naturais já distribuídos aos parceiros sociais Carlos Pimenta salientou que o «que falta agora é actuar já».

A tarefa de que ontem foi incumbida a comissão «não vai ser fácil», disse Carlos Pimenta, sublinhando que «em Portugal as pessoas só acreditam que as coisas funcionam quando se entra a doer».

Para isso, «há que acabar com

a chantagem permanente que tem adiado o cumprimento da legislação que já existe e acabar com o regime de impunidade total», acentuou.

Sublinhando a data escolhida para a posse da Comissão, 1 de Outubro, Dia Mundial da Água, Carlos Pimenta acrescentou que em termos de ambiente, ao montar hoje uma estrutura administrativa se concluiu uma das duas fases necessárias: «a próxima diz respeito ao sistema financeiro, tarefa que vai ser complicada», avisou.

«Em Portugal, as pessoas estão habituadas a pensar que as coisas do ambiente são de todos, o que na prática significa que não são de ninguém. Essa situação vai-se alterar e há que habituar cada um a pagar pelo ambiente», salientou.

«Esse preço vai traduzir-se em taxas», precisou o secretário de Estado que manifestou confiança em que a Lei de Bases do Ambiente seja aprovada ainda na presente sessão legislativa.

«A lei de bases vai ver a luz do dia ainda em 1986», disse Carlos Pimenta, acrescentando que a

comissão parlamentar do ambiente analisou já 3/4 da lei, «o que significa que a sua aprovação está para breve».

O secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais sublinhou a necessidade de consenso nacional em torno da legislação a aprovar, quer quanto à lei quadro quer quanto à lei da água.

Falando sobre aquele recurso natural, Carlos Pimenta disse que a situação atingiu já a ruptura e o mês de Setembro foi o paradigma do ponto a que se chegou, quando no espaço de trinta dias a sua Secretaria de Estado e o Governo se viram simultaneamente a braços com problemas de seca e de enchentes.

«A água tem que ter uma gestão normal e não podemos estar sempre em situação de catástrofe. Isso vai ser uma realidade com a nova administração das águas, e durante o ano de 1987 será apresentada uma proposta global de gestão dos recursos naturais», disse.

O secretário de Estado do Ambiente anunciou ainda que dia 1 de Janeiro de 1987 marcará o início de um debate a nível nacional sobre a gestão da água e que vai propor à Associação Nacional de Municípios Portugueses a participação nesse debate que deverá decorrer durante o próximo ano.

Em 1985 devido à baixa do dólar

EPAL teve um lucro de 383 mil contos

A EPAL abasteceu, em 1985, «mais e melhor água» e teve um lucro de 383 mil contos, indicam o Relatório e as Contas da empresa relativos ao ano passado.

O documento indica que o resultado positivo ficou a dever-se mais à baixa do dólar e à redução das taxas de juro do que a reais condições económicas de exploração que assegurassem a consolidação do equilíbrio da empresa.

O acréscimo no fornecimento de água atingiu os 2 milhões de metros cúbicos e as cerca de 66 mil análises efectuadas em 1985 permitiram concluir que «não houve um decréscimo da qualidade do produto, antes pelo contrário, os índices de poluição e potabilidade evidenciaram melhorias», lê-se no documento.

O Relatório da Empresa Pública das Águas Livres salienta que continuou a fazer-se sentir a insuficiência do sistema produ-

tivo da empresa face aos consumos de água nos meses de estiaagem, situação que será obviada com a entrada em funcionamento, em 1987, do subsistema do Castelo de Bode, orçado em 22 milhões de contos.

Em 1985, verificou-se uma melhoria na solvabilidade e autonomia financeira, decorrente da dotação de capital atribuída pelo Estado no montante de 1,5 milhões de contos, que elevaram o valor da situação líquida em cerca de 18 por cento.

A contenção de custos, relativamente ao ano em análise, cifrou-se num acréscimo de cerca de 20 por cento, próximo da inflação, acrescenta o documento.

Por outro lado, o número de trabalhadores da EPAL diminuiu em 1985, passando de 1761 para 1755.

Encontro de distribuidores de água

A necessidade de distribuição de água potável é um dos objectivos do primeiro Encontro Nacional dos Distribuidores de Água, que decorre no Palácio Nacional da Vila de Sintra de 22 a 24 de Outubro.

Trata-se de uma organização conjunta dos Serviços Municipais de Água e Saneamento do município de Sintra e da Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos.

Outro dos objectivos do encontro é colocar em contacto as experiências e formas organizativas de todas as Câmaras Municipais, Serviços Municipalizados e EPAL, «por forma a proporcionar um maior conhecimento das realidades existentes».

As estradas na Península Ibérica

Comissão Europeia definiu quatro eixos prioritários

A Comissão Europeia elaborou um programa de potenciação das infra-estruturas de transporte na Comunidade Económica Europeia que contempla quatro eixos prioritários na Península, informaram fontes comunitárias.

Estes quatro eixos considerados prioritários pela Comissão Europeia na Península Ibérica são os de Irun-Madrid-Algeciras, Barcelona-Madrid-Lisboa, Irun-Burgos-Porto e Irun-Burgos-Coimbra-Lisboa-Faro.

O plano prevê a prioridade e importância destes eixos tanto por estrada como por caminho-de-ferro.

O programa da comissão contempla ainda a ordenação das travessias transpirenaicas por estrada de Pau-Saragoça e Toulouse-Barcelona, assim como a modernização das passagens fronteiriças por caminho-de-ferro de Hendaye e La Junquera.

A Comissão Europeia calcula nuns 20 000 milhões de dólares (cerca de três milhões de contos) os gastos dos estados membros

da comunidade de infra-estruturas de transporte nos próximos dez anos e faz um apelo aos doze, para que potenciem a actualização das instituições comunitárias neste terreno.

O orçamento comunitário para este ano prevê a aplicação de 24 milhões de ECUS em infra-estruturas de transportes sobre um total de 235 milhões de ECUS que a Comunidade se comprometeu a desembolsar a médio prazo para este fim.

Mas, para poder cumprir os objectivos do programa, a Comissão Europeia solicita agora um aumento desta verba, até atingir os 150 milhões de ECUS anuais.

Leiria quer obras nas estradas

A Câmara de Leiria oficiou ontem ao ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, solicitando a sua intervenção urgente no desbloqueamento das obras das variantes de Barosa e Gândara das estradas Leiria-Marinha Grande e

Leiria-Figueira da Foz.

O ofício subscrito pelo presidente do município de Leiria, Lemos Proença, insiste numa resposta urgente sobre a posição exacta daqueles projectos e da data prevista para a execução das obras «para poder responder às inúmeras solicitações quanto à premência daquelas obras, cujas delongas se podem, no mínimo, considerar escandalosas».

Segundo o documento, a Câmara considera que, «a não serem satisfatórias as informações no que concerne à execução das referidas variantes, isso poderá provocar reacções de consequências imprevisíveis» como, por exemplo, o corte das Estradas Nacionais 242 e 109.

De acordo com o ofício, a atitude foi por várias vezes afiorada, estando a tornar-se muito forte a pressão dos habitantes e utentes que a Câmara tem sustado, argumentando que aquelas variantes irão em breve ser construídas, conforme tem sido prometido pelos serviços competentes.

A REDE DA ÁGUA PASSA POR SUA CASA...

Aproveite as novas facilidades de leitura e cobrança da EPAL



No seu interesse utilize a sua conta bancária para liquidar os seus débitos à EPAL.

Para beneficiar deste serviço, basta contactar o seu Banco.

Passará a receber da EPAL uma factura-aviso. Este aviso, com a informação exacta do montante a pagar, funcionará como recibo a partir da cobrança bancária.

Para que não se perturbe o ciclo do fornecimento da água ao domicílio, procure aproveitar as novas modalidades de leitura e cobrança que a EPAL criou para si.

Para mais informações, contacte os serviços da EPAL.

Construir hoje a qualidade de vida do amanhã

EPAL



EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS LIVRES

Para entrarem em Portugal

Israelitas têm de pedir vistos com 14 dias de antecedência

As agências de viagens israelitas foram terça-feira informadas de que os vistos de entrada ou trânsito por Portugal têm que ser pedidos a Lisboa com 14 dias de antecedência.

A comunicação foi passada às agências de viagens em Israel por um seu agente em Lisboa e significa a abolição da medida em vigor até agora, concessão de visto à entrada no território português, dado que Portugal não tem Embaixada ou Consulado em Israel ou delegação de representação.

Até agora, os israelitas que visitavam Portugal no voo semanal para Lisboa da El-Al obtinham o visto à chegada ao aeroporto. Os que entravam em

Portugal a partir de território espanhol, por exemplo, tinham dificuldades em obter visto na fronteira, mas o problema era sempre resolvido por algum consulado em Espanha.

A partir de agora, segundo a comunicação recebida em Telavive, o pedido de visto tem que ser feito com 14 dias de antecedência, em impresso próprio e com fotografia, para Lisboa. A concessão do visto pode ser feita por qualquer consulado mas não no posto fronteiriço.

O turismo israelita para Portugal já tinha sofrido forte baixa com a abertura de linha directa da companhia espanhola Ibéria Televive-Madrid.

Entretanto, os israelitas com ascendência por-

tuguesa, cujas comunidades têm denominações portuguesas, os membros têm nomes portugueses e em que o português é usado em parte do seu ritual, estão a reagir também com alguma surpresa.

Há dias, um israelita de apelido Vaz Dias preparou-se para partir para Espanha, com a intenção de alargar a viagem a Portugal, para procurar as raízes da sua família.

Alguns agentes de viagem crêem que o problema do israelita Vaz Dias será resolvido, a tempo de poder ir de Espanha a Portugal, mas comentam que não há agora grande maneira de incentivar o turismo israelita para Portugal.

Estado compra vinho excedentário

O Estado vai comprar excedentes de vinho à produção e transformá-los em aguardentes víquicas para a produção do vinho do Porto, produto que geralmente é importado, informou o Ministério da Agricultura.

Uma nota distribuída pelo Ministério indica que o Governo fixou os preços de intervenção para o hectolitro de vinho na campanha deste ano em 259 escudos para o tinto, 236 para o branco e 304 para o verde.

A nota do Ministério refere que a decisão «visa dar satisfação aos anseios da produção», sobretudo porque se espera uma boa campanha vitivinícola em que a produção de vinhos excederá os consumos.

Outra das razões, diz o documento, é a necessidade de produção de aguardentes víquicas com características adequadas à elaboração do vinho do Porto, «de forma a evitar a importação a que tem havido necessidade de recorrer».

Os preços de intervenção são estabelecidos por uma portaria conjunta dos Ministérios das Finanças, da Agricultura e da Indústria.

Aniversário de Gandhi comemorado em Lisboa

A comunidade hindu radicada em Lisboa comemora hoje o 117.º aniversário do nascimento de Mohandas Karamchand Gandhi, «apóstolo da paz que defendeu o princípio da não violência e do amor ao próximo».

A data vai ser assinalada com doações de sangue, por parte dos membros da comunidade hindu.

Segundo Kantilal Jamnadas, presidente da direcção da Comunidade Hindu de Lisboa «o acto enquadra-se perfeitamente com os princípios espalhados por Mohandas Gandhi e a sua personalidade».

Ainda integrada na celebração do aniversário vai ser inaugurada amanhã, nas instalações da comunidade, uma exposição do pintor Chanders Jamnadas (Chandu).

A mostra vai ser inaugurada pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, e fica aberta ao público a partir de sábado.

Proibir a importação de suínos pediu a CNA

A Confederação Nacional de Agricultura (CNA) defendeu ontem em Coimbra que deve ser proibida a importação de suínos de países onde existe a peste suína africana.

A Confederação aponta, nomeadamente, o caso da Espanha, considerando que a importação de suínos deste país poderá estar na origem do surto da doença em Portugal.

A Confederação também exige que os serviços do Ministério da Agricultura actuem no sentido de isolar os focos da doença e indemnizar os produtores prejudicados por ela.

De Faro e Portimão a Vila Real

Feiras de Outono no Algarve: um rico cartaz turístico

Com o Outono vêm as feiras, de Vila Franca de Xira (está aí a Feira de Outubro, até 6 do corrente) ao Algarve. Por alguns dias, nesta região — de Olhão a Faro, ou de S. Miguel a Santa Iria —, muitos são os digamos que os algarvios animarão. Erguem-se, dizem, que os centros comerciais semi-improvisados aos quais acorrem inúmeros visitantes.

As feiras, reuniões num lugar determinado com datas antecipadamente fixadas cujo objectivo é a troca de mercadorias, são um fenómeno económico-social cuja origem remonta à antiguidade.

Em Portugal há registo do seu aparecimento durante o século XIII, numa altura em que o aumento da circulação monetária proporcionou um certo desenvolvimento económico.

Sofreram modificações ao longo dos tempos e a sua função económica tem, hoje, uma importância diferente da que tinha, continuando no entanto a movimentar grande número de pessoas.

De cariz popular e tradicional, elas também adquirem, hoje em dia, um carácter turístico. Com o seu ambiente cheio de cor, som e movimentação, as feiras atraem os turistas que se encontram na região e que se interessam em descobrir os «produtos» algarvios.

Nas feiras algarvias encontra-se um pouco de tudo: produtos hortícolas, frutos (amêndoas, figos, nozes, avelãs, alfarrobas, peras, marmelos...), sementes, gado, artesanato (barro, palma, cobre...) plásticos, brinquedos e até vestuário.

Nas feiras também se «vendem» sonhos, emoções e boa disposição. Na sua maior parte, são hoje acompanhadas do circo que proporciona um espectáculo

sempre apetecido. Não faltam, igualmente, as «casas de horrores», os comboios-fantasmas, os carroceiros, enfim, um sem-número de curiosidades que atraem um público sedento de «maravilhas» e do «maravilhoso».

As barracas de «comes e bebes», as farturas e as tendas de jogos são dos melhores negócios das feiras: por elas passam todos, por vezes mais de uma vez, os visitantes das feiras.

É por todos esses atractivos e razões que as Feiras de Outono, no Algarve, constituem um excelente cartaz turístico para a região.

Feira de Santa Iria: de 18 a 26, em Faro

A feira de Faro, também chamada feira de Santa Iria realiza-se de 18 a 26 deste mês, sendo, para além de festividade socioeconómica, também de cariz religioso.

As suas origens estão ligadas ao ano de 1596, quando, com Portugal sob o jugo espanhol (Filipe II), os ingleses invadiram e saquearam a cidade de Faro.

A necessidade de restabelecer Faro e uma vontade política de substituir Tavira por Faro como centro económico levou à implantação da Feira de Santa Iria.

A Sta. Iria é celebrada a 20 do mês corrente e muito provavelmente esta celebração religiosa terá funcionado como meio pro-

pagandístico da feira na mentalidade popular.

A feira de Santa Iria começou por realizar-se no Largo do Pé da Cruz, passando depois para o Largo de S. Francisco onde se efectua ainda hoje.

É uma das maiores feiras algarvias, que envolve para além do aspecto comercial, uma série de actividades socioculturais como exposições, actuações de artistas, ranchos de folclore etc.

Outras feiras até Novembro

A Feira de S. Miguel, em Olhão, decorreu entre 25 e 30 de Setembro passado. Foi a 29 (segunda-feira) que se comemorou o S. Miguel propriamente dito.

Há mais feiras, muitas feiras, no Algarve, este mês e em Novembro.

É o caso da feira de S. Francisco em Tavira (de 4 a 6 de Novembro), ou da feira dos Santos em Silves de 31 de Outubro a 2 de Novembro, ou ainda a feira de Portimão, cujo dia principal é o dia 11 de Novembro: dia de S. Martinho.

De grande interesse, sobretudo pelo seu artesanato, é a feira de Monchique nos dias 26, 27, e 28 de Novembro.

Outra feira a salientar é a Feira da Praia, em Vila Real de Santo António que entre o dia 10 e o dia 15 de Novembro atrai bom número de visitantes à vila pombalina. Entre eles estarão sem dúvida centenas de vizinhos espanhóis, cujo objectivo principal é «fazer compras», deixando por cá algumas divisas sempre bem vindas.

MÁRIO CASTRIM



A entrada da Espanha na CEE veio trazer uma data de problemas à dita Comunidade. Quem anda por aqui uns dias, mesmo vivendo só a superfície do quotidiano, dá conta da poderosa, valente pedalada deste país. É o turismo organizado a sério, pensado em grande — e nós sabemos que Espanha do Quixote (Quixote, Quixote, conseguirás tu sobreviver?) só em grande sonha, pensa e age; são os complexos industriais de grandes dimensões; são as explorações agrícolas com cais e alfândega próprios; são as lojas imponentes de explosão consumista...

Qualquer simples mortal vê isto. E com os olhos que traz, minados por cinquenta anos de provincianismo e atrasadismo, não pode deixar de olhar para o futuro e dizer, metafisicamente e medrosamente, para os seus botões: «Isto está bonito, está!» A competição espanhola não se fica só ao nível da indústria e da agricultura de comes e bebes. Ela avança já pelos canteiros das flores.

A Holanda teme-se dessa concorrência. Espanha é excepcional parideira de flores e a Holanda viu-se na necessidade de modernizar o cultivo para tornar o produto rendível. Assim, em estufas cada vez maiores, as tulipas são tratadas pelo computador.

Tudo está programado. O homem semeia apenas; o computador faz o resto... As tulipas rendem à Holanda, em cada ano, qualquer coisa como mil e quinhentos milhões de dólares, ou seja um quinto do total das exportações. Tulipa que não ande de avião, já não é bem vista entre as colegas.

A Holanda quer defender ao máximo essa riqueza, ofendida pelos preços concorrenciais de Espanha. Mas há já quem diga que a qualidade das tulipas não ficará melhorada pois faltará sempre ao computador aquilo que o homem tem: o instinto e o amor.

Certo. Vejam por exemplo os cravos portugueses, famosos em todo o mundo: se lhes falta o nosso amor e o nosso instinto — vai tudo por água abaixo. As tulipas que aprendam.

ARTIGO DE FUNDO

Gestão de empresas públicas e privadas não passa de falsa querela

- opinião de um dirigente do SJ

«É uma falsa querela a polémica entre a capacidade de gestão de empresas públicas e privadas da Comunicação Social» — afirmou o jornalista e dirigente sindical Oscar Mascarenhas ao participar ontem no seminário subordinado ao tema «A Informação em Portugal: os desafios do futuro», organizado pela Associação dos Diplomatas em Lisboa.

Mascarenhas precisou que uma parte significativa do sector privado da imprensa sobrevive com financiamentos e apoios estatais. «Sugiro à Associação — ironizou — que convide gestores de empresas dos dois sectores e poderão reparar que todos eles se queixarão que o Estado os deveria ajudar e financiar». Aquele dirigente sindical considerou ainda que os diferentes agentes interessados nos problemas da comunicação social deveriam «dialogar e debater as questões, friamente, em espírito construtivo».

Por sua vez, Jorge Gonçalves, director adjunto de Informação da RDP, opinou que as empresas de comunicação social têm «um peso relativamente excessivo do Estado» e que em grande parte sofrem de «problemas de envelhecimento».

Monopólio TV ferido de morte

Salientou Jorge Gonçalves também que a introdução de novas tecnologias no sector «vai ser um passo decisivo, embora questionável», na sua modernização e reestruturação.

Gonçalves mostrou-se favorável a uma retirada do «peso excessivo do Estado do sector público», afirmando que «o monopólio do Estado na TV está ferido de morte» e frisando que este facto advém das «próprias exigências da abertura de Portugal à Europa».

«Será uma opção forçada — acrescentou —, mas assumida pela sociedade portuguesa», apontando que a quebra de monopólio estatal em certos meios de comunicação social deve ser efectuada em «claro enquadramento constitucional e legal».

Para a Rádio, particularmente para o sector público, o director adjunto da RDP sugeriu que se fizessem «não só reformas de estrutura, mas de técnicas e tecnologia», realçando que essa Rádio tem presentemente «um envelhecimento e meios e uma grande inexistência de meios».

Jornalistas — «4.º poder frustrado»

José Manuel Barroso, director de Informação da agência NP, um dos convidados para intervir no seminário, defendeu que a Imprensa «só é livre se estiver separada do Estado», considerando que no período posterior ao 25 de Abril «o Estado tem permitido alguma Imprensa livre e independente», porque «não é um Estado forte».

Barroso sustentou que «em economia livre» o grau de independência da Imprensa será «regulado pelo mercado».

«O Estado subjuga a nação» no sector da comunicação social, considerou, acrescentando que os jornalistas adquiriram desde o 25 de Abril «os vícios e os prazeres da nomenclatura».

Referindo-se à criação de uma única agência noticiosa, José Manuel Barroso opinou que «a régie-cooperativa foi a solução possível», solução que «poderá conhecer outro desenvolvimento no futuro».

Contra duas agências noticiosas

Jaime Antunes, director de Informação da agência Anop, também interveniente no seminário, referiu que «as empresas que continuarem a ignorar os avanços tecnológicos e a não investir nas novas tecnologias da Informação estão condenadas».

«É necessário começar a distinguir em Portugal as empresas de Comunicação Social pela sua eficiência e pela qualidade do produto que oferecem aos consumidores» — sustentou.

Para o director de Informação da Anop, «a permanente situação económica difícil em que vivem as empresas na grande maioria deficitárias no sector público e privado, tem sido argumento que impede a modernização do sector».

Jaime Antunes disse ser «frontalmente contra a actual situação de duas agências noticiosas», acrescentando que «o Estado português precisa de ter uma agência noticiosa que garanta a cobertura de espaço mundial de língua portugue-

sa». Referiu, no entanto que «não tem sentido o Estado pagar estruturas duplicadas», indicando que a solução encontrada pelo Governo e as administrações das duas agências para a nova agência «pode ser considerada como ponto de partida». (...) «Há, porém, que melhorar os estatutos, no sentido de reforçar as garantias de independência da informação a produzir» — concluiu Jaime Antunes.

Fernando Nogueira e a formação

O Governo vai criar um Centro de Formação Profissional de Jornalistas — anunciou no mesmo seminário, o ministro de Estado e dos Assuntos Parlamentares, Fernando Nogueira.

Fernando Nogueira, referiu que o Governo irá continuar a pôr em prática os seus propósitos para o sector estatizado da Comunicação Social.

Neste sentido, Fernando

Nogueira salientou que o Governo tenciona manter apenas um jornal no sector público, reprivatizando os restantes e quebrar o monopólio público existente na RTP e constituir uma única agência noticiosa, referindo-se elogiosamente à situação concorrencial actualmente mantida na rádio.

O governante considerou que a Comunicação Social em Portugal «é uma questão apaixonante», admitindo que existem «opiniões muito divergen-

tes» sobre o sector, mas que «o Governo julga que fez o diagnóstico correcto».

A perfeição «é difícil de conseguir», frisou, «mas temos o desejo de nos querermos aproximar dessa perfeição».

Referindo-se à privatização da televisão estatal, Fernando Nogueira sublinhou que «da mesma maneira que defendo a concorrência entre estações de televisão, defendo a qualidade do seu sector público».

Quando você compra o Diário de Notícias e abre o DN Magazine ...
... o seu domingo abre-se para o mundo! ...
Diário de Notícias DN Magazine
Ao domingo você faz desporto com os maiores atletas ...

Vive os grandes acontecimentos em muitas páginas a cores ...
Você destaca o suplemento interlúdio e programa as suas noites de televisão.
Agora, sim! O DN Magazine é o seu domingo em cheio!

O seu Domingo em cheio!...

Caso "DP" na óptica do SJ

O Sindicato dos Jornalistas acusou o Governo de ter demitido o Conselho de Gerência da empresa do «Diário Popular» por motivos políticos e pressões da Associação da Imprensa Diária. «A demissão do Conselho de Gerência da Empresa Pública do «Diário Popular» (EPDP) permitiu ao Governo matar três coelhos de uma cajadada, satisfazer a sede de vingança da AID e a sua própria» — diz em comunicado o SJ. O Sindicato afirma que na base da demissão da administração do «Diário Popular» estão dois problemas de ordem política: o facto de o presidente da empresa agora demitido ter sido apoiante da candidatura presidencial de Mário Soares (e, por isso, ter em curso um processo disciplinar no partido) e o desejo do Executivo de alienar parte da empresa. «O que vai ser tentado no «Diário Popular» é grave, uma vez que se sabe que há quem queira comprar parcelas da EPDP: o jornal «Record», cuja maioria da capital é pública, o parque gráfico e o título do vespertino» — pormenoriza o SJ.

Novos gestores nas metalomecânicas

As três grandes metalúrgicas da sociedade anónima «Investimentos e Participações do Estado» (IPE) — Sorefame, Cometna e Metalsines — têm a partir de ontem novos Concelhos de Administração — informou o IPE.

Os três Conselhos de Administração são ocupados por representantes da «holding» do IPE para as metalomecânicas, a Metalgest.

A presidência da Sorefame será ocupada por Carlos Melância e a vice-presidência por Óscar Mota. A administração corrente da empresa será, no entanto, garantida por uma comissão de gestão constituída por Óscar Mota, Fernando Faisca e José Antelo.

Na Cometna, a presidência será da responsabilidade do representante da Metalgest Carlos Raposeiro, que terá como parceiros do Conselho de Gerência Florindo Ramos, Maria Cândida Guerreiro, Manuel Rodrigues e Pedro Dias Alves.

O novo presidente da Metalsines é João de Almeida Justo, também da Metalgest, que terá como vogais do Conselho de Gerência Óscar Queirós e Adolfo Gonzalez.

Crisal emite acções

A Crisal, Cristais de Alcobaça, vai recorrer pela primeira vez à emissão de acções destinadas à subscrição pública para aumentar o seu capital social, afirmou ontem à Anop um administrador da empresa.

As 135.000 acções que vão ser lançadas no valor nominal de 1.000 escudos cada e com um preço de venda fixado em 3.500 escudos, destinam-se ao aumento do capital social da empresa de 540.000 para 675.000 contos.

António Magalhães, administrador da empresa sublinhou que é a primeira vez que a empresa emite acções destinadas à subscrição pública. Actualmente, o capital da empresa é detido maioritariamente por uma família.

A administração da empresa já solicitou à Comissão Directiva da Bolsa de Valores de Lisboa a admissão das suas acções à cotação, questão que será analisada ainda este mês.

A emissão está prevista para a segunda quinzena de Novembro, disse, acrescentando que as acções serão colocadas em sete instituições bancárias.



Situação social em Portugal é verdadeiramente explosiva

— afirmou Kalidás Barreto no 16.º aniversário da CGTP

A CGTP não é só uma organização que defende e promove os interesses de quem trabalha, mas também uma entidade que tem contribuído decisivamente para a consolidação do regime democrático em Portugal, afirmou ontem Kalidás Barreto.

Este membro da Comissão Executiva da CGTP falava na sessão comemorativa do décimo sexto aniversário daquela central sindical, e sustentou que o sindicalismo, como contrapoder, assume-se com características próprias na defesa dos interesses dos trabalhadores, com princípios e objectivos específicos, que, por universais, «não podem ser democraticamente contestados».

A sociedade portuguesa, frisou, está hoje confrontada com situações que se podem caracterizar como pertencentes a três séculos: a fome, a miséria, a repressão primária dos direitos e liberdades nas empresas e fora delas, os salários em atraso e a «vergonha» do regresso à exploração do trabalho infantil lembra o século XIX. Existe desemprego crescente que é um fenómeno característico do século XX, e, finalmente, assiste-se também às consequências sociais e económicas da introdução selvagem das novas tecnologias, fenómeno do século XXI.

Kalidás Barreto, na intervenção que proferiu neste aniversário da CGTP, disse que «Portugal vive uma situação

social verdadeiramente explosiva», com cerca de um milhão de pessoas com trabalho precário e mais de meio milhão de desempregados, segundo dados oficiais.

A democratização das relações laborais foi outro dos pontos focados no discurso de Kalidás Barreto, salientando que «doze anos após o 25 de Abril, vive-se hoje ainda, em muitas empresas, um clima aviltante de relações de trabalho, com o recurso selvático a horas extraordinárias, ausência de medidas de higiene e segurança, exploração do trabalho infantil e trabalho nocturno das mulheres».

Falou do «cortejo» de contratos a prazo e da luta pelas 40 horas de trabalho semanais e recordou a comemoração do centenário do 1 de Maio deste ano, que sublinhou ser também o «ano internacional da paz».

A finalizar o seu discurso saudou os militares de Abril e citou Eça de Queirós: «é preciso que os homens que têm coração e alma e amam a justiça devam lutar e combater pelo povo. Ainda que não sejam escutados têm na apremenda dele uma consolação suprema».

Falando na mesma sessão, José Luís Judas sublinhou igualmente os benefícios da revolução de Abril para o movimento sindical em Portugal.

Ao abordar a situação política actual, denunciou a cobertura governamental dos aten-

tados, por parte das entidades patronais, aos direitos e liberdades sindicais.

Kalidás Barreto que presidiu à sessão, saudou os trabalhadores que constituíram a central sindical e leu várias saudações de organizações nacionais e internacionais.

A sessão comemorativa assistiram alguns militares de Abril e uma delegação de sindicalistas da Finlândia.

Felicitações de Soares

O Presidente da República, Mário Soares, enviou ontem um telegrama ao coordenador da CGTP, Carvalho da Silva, felicitando-o pelo décimo sexto aniversário daquela central sindical, anunciou a Presidência da República.

Mário Soares saudou a CGTP como organização representativa dos trabalhadores e realçou o seu empenhamento na sua defesa.

Por seu turno, o Partido Comunista Português saudou também a CGTP pelo mesmo motivo, anunciou o secretário do Comité Central.

O comunicado do secretariado do PCP refere que «a grande e gloriosa central sindical dos trabalhadores portugueses continuará firmemente e com êxito a sua luta em defesa dos interesses e direitos dos que trabalham e das conquistas de Abril». Num comunicado ontem tornado público, a UDP felicitou igualmente a Inter pela passagem do décimo sexto aniversário.

Além dos "erros e tendências negativas"

Cuba em graves dificuldades pela maior seca do século

Cuba enfrenta actualmente «problemas graves e difíceis», admitiu o presidente Fidel Castro, no encerramento do terceiro congresso dos Comités de Defesa da Revolução. Ele afirmou que a economia cubana perdeu este ano 500 milhões de dólares em divisas, o que obriga a que pela primeira vez «não possa pagar os compromissos da sua dívida externa com o Ocidente».

Este ano, afirmou Fidel Castro, no discurso de encerramento do congresso, Cuba viu-se afectada por uma grave seca, que na região Ocidental do país é «a maior do século».

Nos finais de 1985, Cuba foi assolada por um ciclone, que também afectou as culturas, acrescentou.

Além destes aspectos, a economia cubana debate-se com a descida no mercado Internacional dos preços do açúcar e do petróleo e a revalorização das moedas dos países ocidentais com os quais Cuba mantém relações comerciais.

O estado da economia cubana, reconheceu Fidel Castro, foi agravado pelas dificuldades de tipo económico que «se fizeram sentir em 1985», às quais há a somar «factores subjectivos», como «erros e tendências negativas».

Entre os factores subjectivos, Castro mencionou os efeitos negativos que teve nos agricultores o encerramento do «mercado livre agrícola» — onde os particulares vendiam directamente a sua produção à população a preços fixados pelo produtor.

Fidel Castro admitiu que o processo de «rectificação dos erros, a luta contra as tendências negativas e as coisas mal feitas» provocou «o descontentamento de certos sectores», afectados pelas medidas que se tomaram.

Mas, advertiu, «não confundam a batalha que estamos a travar com a porcaria da contra-revolução».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$60	52\$60
ALEMANHA FED. (marco)	71\$80	73\$00
ÁUSTRIA (xelim)	10\$15	10\$35
BÉLGICA (franco)	3\$252	3\$502
BRASIL (cruzado)	3\$900	6\$400
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	104\$60	107\$10
(notas de 5 a 1000)	105\$10	107\$60
DINAMARCA (coroa)	19\$00	19\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$060	1\$180
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	145\$45	148\$95
(notas de 5 a 1000)	145\$95	149\$45
FINLÂNDIA (marka)	29\$60	30\$20
FRANÇA (franco)	21\$90	22\$60
HOLANDA (florim)	63\$50	64\$60
IRLÂNDIA (libra)	197\$60	201\$00
ITÁLIA (lira)	\$094	\$109
JAPÃO (iene)	\$898	\$953
NORUEGA (coroa)	19\$65	20\$15
REINO UNIDO (libra)	210\$80	215\$30
SUÉCIA (coroa)	21\$05	21\$55
SUIÇA (franco)	88\$45	89\$95
VENEZUELA (bolívar)	6\$20	7\$20

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Trabalhadores acusam Governo, gerência e CEE

Já importámos este ano o dobro do aço de 1985

Os trabalhadores da Siderurgia Nacional — EP, em plenários realizados ontem no Seixal, Maia e sede da empresa, repudiaram «a decisão da CEE, anunciada em Bruxelas, de promover o despedimento de 2 mil trabalhadores da SN», e condenaram «a atitude subserviente do Governo Cavaco Silva e do Conselho de Gestão que pretendem concretizar esse atentado contra a economia nacional».

A renegociação dos acordos com a CEE foi exigida pelos trabalhadores, assim como o aproveitamento do equipamento adquirido para a expansão da fábrica do Seixal e que passa pela sua montagem e consequente laboração.

Nos plenários foi salientado que, entretanto, «no decorrer deste ano, o País já importou o dobro do aço que tinha importado em todo o ano de 1985, enquanto que, as exportações,

por imposição da CEE, foram reduzidas em 13 900 toneladas».

Por outro lado, num comunicado ontem divulgado, a Federação dos Sindicatos da Metalurgia e Minas acusa o Conselho de Gerência da Siderurgia de «fazer chantagem» para levar os trabalhadores a rescindir os seus contratos de trabalho. O documento afirma que a administração da empresa mandou chamar trabalha-

dores da empresa aos Serviços de Pessoal e colocou-os «sob a chantagem de aceitarem rescindir o seu contrato ou serem incluídos num despedimento colectivo».

Os sindicatos exigem que o Conselho de Gerência da Siderurgia «cesse imediatamente a chantagem visando a rescisão do contrato» e também que o Ministério da Indústria apresente uma resposta adequada para este problema.

Senado norte-americano deverá rejeitar veto de Reagan

O Senado norte-americano votará hoje aparentemente a favor da aplicação de sanções contra a África do Sul, rejeitando assim o veto do presidente Ronald Reagan. Segundo tudo indica, as pressões do presidente norte-americano e as do governo da África do Sul não serão aceites pelos senadores. Entretanto, Reagan estará a tentar encontrar de novo um diplomata negro para o cargo de embaixador dos Estados Unidos em Pretória.

A África do Sul ameaçou ontem à noite deixar de comprar cereais aos Estados Unidos caso fosse aprovada a aplicação de sanções. A ameaça, aparentemente dirigida aos senadores de Estados produtores de cereais, deverá, acima de tudo, encolerizar os legisladores em vez de alterar a tendência da votação, disseram elementos do Senado.

A votação está prevista para as 20 horas de Lisboa e deverá tornar-se na primeira acção do Senado a derrotar um veto do presidente Reagan numa questão de política externa.

«Chegou a altura de o Congresso alterar uma política que falhou, que trouxe humilhação e desrespeito aos Estados Unidos», disse o senador democrata

Edward Kennedy.

A ameaça da África do Sul de suspender a compra de cereais foi comunicada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Rieolf P. Botha, em telefonemas dirigidos a três senadores. Telefonemas esses que foram classificados de «desprezíveis» pelo republicano Richard Lugar.

Também por parte da administração Reagan são várias as pressões junto do Senado para que este não rejeite o veto presidencial. Ontem, Georges Shultz proclamava na televisão que era «muito importante» o apoio do Senado ao veto de Reagan, pois poderia ser vital para a futura evolução da África do Sul. Enquanto isso, em Jo-

nesburgo, a maior federação sindical da África do Sul, classificava como «um exercício estéril» a designação, pelos Estados Unidos, de um

embaixador negro para Pretória.

O secretário norte-americano de Estado anunciou terça-feira que Ronald Reagan vai nomear o diplomata negro Edward Perkins, actual embaixador dos EUA na Libéria, para chefiar a sua representação diplomática na África do Sul. Nos círculos políticos de Joanesburgo e Washington o anúncio foi interpretado como tentativa de última hora de Reagan para impedir que o Senado anule o veto que aplicou às sanções contra Pretória.

Presença soviética no Afeganistão na agenda do encontro Reagan-Gorbachev

O ministro dos Negócios Estrangeiros da União Soviética, Eduard Shevardnadze, disse na quarta-feira que o encontro Reagan-Gorbachov da próxima semana poderá vir a abordar tanto a questão da presença soviética no Afeganistão, como o controlo de armas nucleares. Na terça-feira, o secretário de Estado norte-americano, George Shultz, adiantara que o encontro de Reiquejavique, na Islândia, teria quatro pontos principais na agenda: controlo de armas, conflitos regionais, direitos humanos e relações bilaterais.

Entretanto, continuam a

ser divulgadas reacções ao anúncio do encontro entre os dois líderes das superpotências que, conforme ontem noticiámos, foi divulgado após ter chegado ao fim uma quase comédia de espionagem dirigida pelo FBI norte-americano e pela KGB soviética.

O encontro de Reiquejavique, que aparentemente se destina a preparar uma cimeira entre os dois líderes a realizar ainda este ano nos Estados Unidos, foi saudado por políticos e peritos ocidentais em questões Leste/Oeste, o mesmo acontecendo com a maioria dos aliados

soviéticos.

Tanto em Moscovo, como em Washington, fontes oficiais manifestaram ontem a esperança de que o encontro de 11 e 12 de Outubro constitua um impulso em relação a um futuro acordo sobre desarmamento.

Entretanto, Ronald Reagan recebeu na Casa Branca o jornalista norte-americano Nicholas Daniloff, cuja prisão em Moscovo esteve quase a pôr a causa a realização da cimeira entre os líderes das duas superpotências. Daniloff foi preso, sob a acusação de espionagem, depois dos Estados

Unidos haverem detido Gen-nady Zakharov, membro da missão da URSS na Nações Unidas. Ambos os presos regressaram aos seus países de origem no âmbito de um acordo que culminou com o anúncio do encontro entre Reagan e Gorbachov na Islândia.

A respeito do «caso Daniloff», o porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros salientou à Televisão americana que Moscovo aceitou libertar o jornalista norte-americano para facilitar a realização da cimeira, apesar de ter provas contra ele.

Enquanto a Polícia "recebe" o Papa

Chirac ameaça países árabes com retaliações

O primeiro ministro francês, Jacques Chirac, ameaçou ontem os países que pensa estarem por detrás dos recentes atentados cometidos em Paris. Chirac, que discursava em Vitell perante deputados da coligação governamental de centro direita, disse que embora «não haja nada que nos permita acusar este ou aquele país de cumplicidade, os primeiros suspeitos são os países árabes do médio oriente». «Se for encontrada alguma prova, a França retaliará sem piedade, com todos os meios políticos e económicos disponíveis», sublinhou sem mencionar contudo o nome de qualquer país eventualmente envolvido na onda terrorista que atingiu a capital francesa.

Recorda-se que afirmações recentes de funcionários governamentais têm alimenta-

do especulações de que a Síria, o Irão ou a Líbia poderiam estar a auxiliar os terroristas que levaram a cabo cinco atentados à bomba, provocando 10 mortos e 162 feridos.

Para o chefe do governo de Paris ainda não há, no entanto, nenhuma evidência que permita acusar a Síria, e portanto a França «espera continuar as relações normais, embora nem sempre fáceis, com o governo sírio».

Por seu lado, o ministro da Segurança, Robert Papan-drau, advertiu na passada segunda-feira que «o pior ainda não passou», e que os franceses têm de se manter alertas.

Polícia «recebe» Papa...

Este aviso do ministro

francês não caiu em «saco roto» e a polícia gaulesa está a tomar excepcionais medidas de segurança para receber o Papa que, no próximo sábado, inicia uma visita de quatro dias a França.

Assim, na região de Lyon, foram colocados dez mil policiais, e cerca de 30 agentes especialmente treinados vão actuar como guarda-costas de João Paulo II durante a sua visita, enquanto que todos os metros dos cerca de 42 quilómetros que o Sumo Pontífice cobrirá no seu veículo especial blindado foram examinados por peritos policiais. O trajecto será acompanhado por atiradores especiais colocados em pontos considerados nevralgicos, enquanto que os inquilinos das casas ao longo das ruas a serem atravessadas pelo cortejo receberam cartas da polícia, que os avisou para não

permitirem que ninguém se aproxime das suas janelas.

Nesta panóplia de medidas de segurança, também foram afectados os hospitais psiquiátricos que receberam instruções do chefe da polícia de Lyon para «limitarem ao máximo a partida de pacientes» durante os quatro dias da visita papal.

Outras medidas levaram, por exemplo, que todos os locais a serem visitados por João Paulo II tenham sido examinados a raios x, e que todos os voos tenham sido proibidos, excepção feita aos dos helicópteros da comitiva, tendo igualmente sido cancelada a largada de balões que estava prevista...

No entanto, o centro de exposições de Lyon, onde se calcula que cerca de 300 mil pessoas assistem à missa, é considerado como a zona de maior risco.

24 HORAS

Estado de emergência

O governo de Nova Deli decretou o estado de emergência na capital indiana depois do atentado frustrado contra o Presidente da República, Zail Singh, e o primeiro-ministro, Rajiv Gandhi. Um desconhecido, que foi capturado pela polícia, disparou três vezes contra os mais altos dirigentes da Índia, que assistiam a uma cerimónia religiosa no lugar de cremação de Mahatma Gandhi. O atentado causou dois feridos ainda não identificados. As agências indianas divulgaram que o indivíduo detido pela polícia não usava barba, para salientar que não parece pertencer à minoria sikh, responsável pelo assassinio, a 31 de Outubro de 1984, de Indira Gandhi.

Novo sistema laboral

A China celebrou ontem o seu dia nacional com os primeiros passos para a abolição do sistema de emprego vitalício que tem constituído um dos pilares do socialismo chinês. Ao abrigo do novo sistema, todos os futuros empregados das empresas estatais serão recrutados através de contratos. Pela primeira vez, os trabalhadores terão a hipótese de deixar o emprego quando as obrigações contratuais expirarem.

Atentados no Chile

Dois atentados à bomba ocorreram hoje de madrugada em Santiago e Vina del Mar, no Chile, causando prejuízos mas não vítimas. Os rebentamentos de maior importância destruíram dois táxis em Santiago e um terceiro danificou o edifício onde funciona o Departamento de Abastecimento de Vina del Mar, uma estância balnear situada a cerca de 120 quilómetros da capital chilena.

Mensagem para Machel

A filha do presidente norte-americano, que está no Maputo para uma visita de 24 horas, é portadora de uma mensagem do pai para Samora Machel, disse ontem à NP o embaixador norte-americano Peter de Vos. O embaixador adiantou que Maureen Reagan está a realizar uma visita de «amizade e solidariedade», mas não referiu o conteúdo da mensagem de que é portadora.

Marinheiros torturados

Os membros da tripulação de um barco norueguês tratado, o «German Lionel», detidos pelas autoridades líbias em 1984, foram submetidos a torturas sistemáticas pelos guardas, afirmou ontem um psiquiatra numa assembleia de marinheiros noruegueses. A Líbia, sob pressão diplomática da Noruega, concordou no ano passado que os homens tinham sido ilegalmente detidos e comprometeu-se a pagar 500.000 dólares de indemnização à tripulação e a dar um esclarecimento total sobre as condições da morte de um dos membros. Até agora nada disto foi feito.

NATO tem novo chefe

O general alemão-federal Wolfgang Altenburg assumiu ontem as funções de presidente da Comissão Militar da NATO, tornando-se a mais elevada autoridade militar da Aliança Atlântica. Altenburg, de 58 anos, sucede neste cargo ao coronel holandês Cornelis de Jager. O comité militar é constituído pelos chefes de Estado Maior de 14 dos 16 países da NATO, sendo responsável pela elaboração de recomendações sobre questões militares destinadas aos comandantes aliados e autoridades militares subordinadas.

Fuga de jornalista francês

O jornalista francês Jean-Marc Srouss, raptado há quatro dias no sector oriental de Beirute, fugiu aos sequestradores, cavando um buraco na parede do quarto onde se encontrava preso. O operador de câmara foi raptado quando guiava um carro nos arredores de Beirute, transportando a mãe e a irmã de um cristão libanês com quem trabalhava.

Danceterias: caixinhas de surpresa para um público jovem

Elisa Andrade

Fotos de Rui Pacheco

A ideia veio de fora - dos Estados Unidos, do Brasil e até de Espanha. Em Portugal a primeira apareceu há um ano e, embora não haja ainda uma ideia muito concreta do que seja, a definição mais usual é a de um espaço amplo, polivalente, onde se pode fazer de tudo um pouco: dançar, beber uns copos, assistir a um espectáculo, ver cinema ou conversar. Na área de Lisboa existem quatro, criadas a pensar num público jovem. São as danceterias.



No negócio das danceterias: Luís Maduro, Carlos Cruz e Luís Farinha

Os grandes cinemas, com capacidade para 500 ou mil pessoas, deixaram de ser rentáveis, sobretudo com a crise que o sector atravessa de há uns anos a esta parte. Homens habituados a pensar no lucro, os empresários viram-se obrigados a encontrar uma solução para o caso. Houve quem convertesse uma grande sala de cinema em duas ou três mais pequenas. Mas houve também quem resolvesse fazer, a par da exibição de filmes, o que se faz noutros países: um espaço amplo, despretencioso, onde a malta jovem se sinta à vontade: dançam, «curtem», divertem-se como querem.

A primeira a aparecer, que adoptou inclusivé o nome de danceteria, foi o Lido, na Amadora.

Novidade em Portugal quando apareceu fez em Março um ano, a «Danceteria Lido» distribuiu na altura folhas onde explicava que danceteria «é a palavra nova por que se designa um local onde se dança», mas salvaguardando que «não é um local qualquer, visto que terá de ser, necessariamente, um grande espaço simples, despojado e aberto à dança e a outras iniciativas que desafiem a imaginação».

E assim que o conceito de danceteria aparece ligado a salas polivalentes, onde «além do som proveniente de discos poderá acontecer também música 'ao vivo', os mini shows representativos de todos os sectores de actividade desde as artes plásticas à moda».

Como na altura foi focado, «neta da boite e filha da discoteca, a danceteria é a pedra de toque dos anos 80. Ela corporiza um gigantesco movimento de opção social, num figurino proveniente dos Estados Unidos, que conheceu um estrondoso sucesso no Brasil».

Público jovem

Criadas a pensar num público jovem das escolas secundárias, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, as danceterias adoptaram um horário de «matinéas». Abertas apenas aos fins-de-semana (tardes e noites) depressa se chegou à conclusão que as tardes de quartas-feira, dia praticamente vazio nos calendários escolares, eram as mais «concorridas».

Para agradar aos jovens daquelas idades, optou-se por decorações simples, despretenciosas, onde elas se possam sentir à vontade, porque quem ali vai «não liga à decoração, quer é boa música e luzes».

Dando-lhes a sensação que fazem o que querem, mas quase sem o saberem, acabam por estar fortemente «policiados». A segurança é a travessa de estes espaços: à

polícias fardados, à paisana e seguranças. Há danceterias onde até as casas de banho estão vigiadas, «para evitar o consumo de droga».

Os jovens que «param» as danceterias nada têm de diferente entre si: frequentem o «Lido» na Amadora, o «Dancine Stop» em Moscavide, ou o «Pathé» no Chile, as preferências são as mesmas.

As saias curtas e as calças de ganga, as «tea-shirts» de alças (ou de grandes cavas nos rapazes, tipo «Rambo») são vistas em qualquer dos lados.

A música também é a mesma - os últimos sucessos, constantemente martelados na rádio ou no «Count Down» da TV: Madonna, Bryam Adams, Samatha Fox, «Level 42», Fancy, «Sigue Sigue Sputnik» ou os «Queen» é apenas o que quem ouvir, e quando o «disc-jockey» põe no prato algum êxito que ainda não é conhecido entre nós, a adesão é praticamente nula, ninguém dança. Mas quando a mesma música um tempo depois se torna conhecida, passa a fazer parte da «lista de preferências».

Pouco conhecem de música, para além da que está nos «top's» e quando um «disc-jockey» anuncia Samatha Fox e passa uma canção dos «Doors», ninguém nota a diferença. São os jovens dos anos 80, que querem é «que nos deixem curtir à vontade».

Rentabilizar o cinema

Homens habituados há anos a trabalhar na exibição de filmes, os empresários das grandes salas de cinema, agora em decadência, «meteram-se» no «negócio» das danceterias com o objectivo

principal de tornarem aqueles espaços rentáveis.

Nada percebendo do negócio em que se estavam a meter, «curiosos», como eles próprios se definem, um dos «esquemas» que criaram foi a exibição de apresentações dos filmes durante as horas de dança. Mas o tiro saiu-hes pela culatra. Esqueceram-se de um pormenor importante: é que a malta dos liceus, que frequenta as danceterias, tem pouco dinheiro. E se o gastam na entrada para a danceteria, já não chega para o cinema.

A falta de dinheiro é visível também nas bebidas que consomem - cerveja, coca-cola e sumos de laranja. E mesmo estes em pequenas quantidades. Como exemplo, o gerente do «Dancine Stop» refere que, desde que o cinema funciona também como danceteria, o consumo de água triplicou. O facto explica-se facilmente: a malta vai às casas de banho beber água, para não gastar dinheiro em bebidas.

Apesar de tudo, as danceterias salvaram mesmo os cinemas de fecharem as portas. Com entradas variando entre os 250\$00 e os mil escudos (menina não paga), conforme os sítios, as casas estão sempre cheias.

Nota curiosa, é que estes espaços acabam por ter três tipos de público - o que frequenta o cinema, o das «matinéas» da danceteria e o que só lá vai à noite.

Público também jovem, mas com idades entre os 20 e os 30 anos, fazem das danceterias à noite um espaço um pouco diferente. Mais exigente com a música e mais comodista, já não se sentam no chão ou onde houver espaço. Gostam de ter a sua mesa, preferem, a

par da pista de dança, o local mais calmo onde o «barulho» não é ensurdecedor e se pode trocar dois dedos de conversa. É essa uma grande vantagem das danceterias em relação às discotecas tradicionais, a polivalência do espaço.

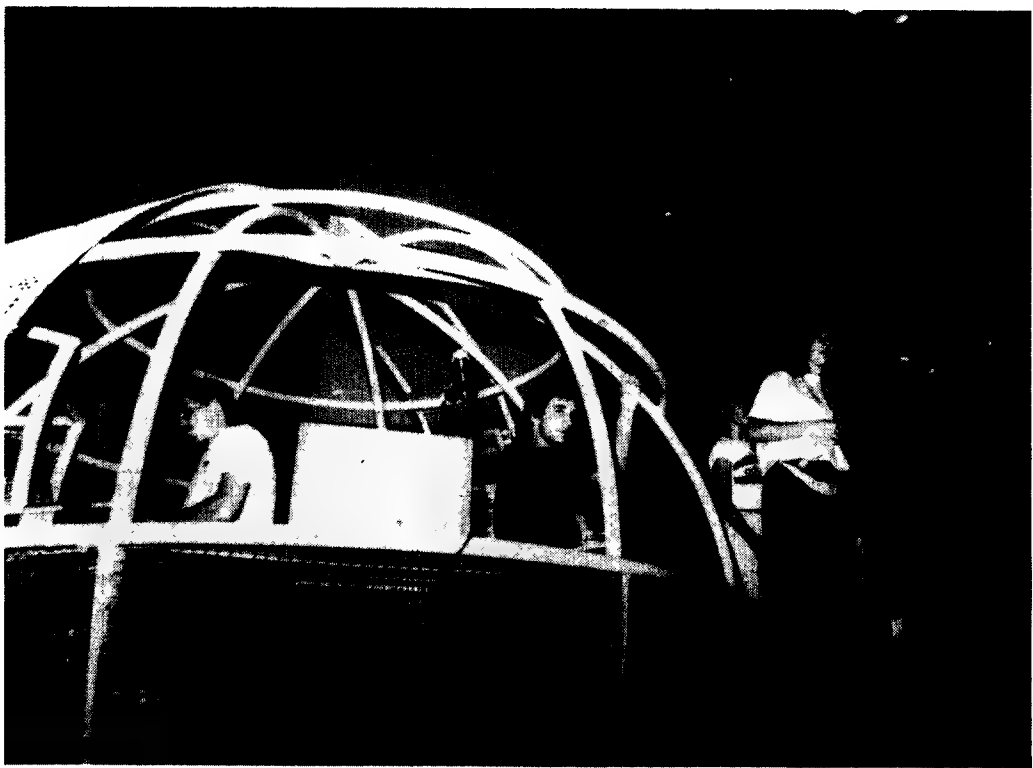
Danceteria Lido: o decano

Situada na Amadora, a «Danceteria Lido» foi a primeira a abrir, há cerca de um ano, embora já estivesse a funcionar como discoteca há quatro. Manteve as sessões de cinema todas as noites, mas é sem dúvida a danceteria que «mantém a casa aberta».

Carlos Ferreira Lopes, o administrador delegado e impulsor da ideia, define danceteria como «uma discoteca grande, diferente das habituais porque é um espaço polivalente onde temos mini-show's, concursos e passeios. Neste momento estamos a distribuir senhas para um concurso que tem como prémio uma moto e, em relação a espectáculos em Outubro vem cá o Ballet Gulbenkian. Já cá tivemos cantores de ópera e até artistas de circo».

Espaço bastante amplo que chega a abarcar 3000 pessoas, a «Danceteria Lido» optou por uma decoração simples, em tons de branco, mantendo como parte integrante do «décor» tubos metálicos da construção civil.

Para Carlos Ferreira Lopes, uma vantagem da danceteria é o «espaço onde as pessoas podem estar a conversar, porque numa discoteca normal há música do princípio ao fim, e as pessoas cansam-se».



Originalidade: a principal causa da aposta

E é para «não entediar o público» que tem que haver alterações. «Por isso vamos abrir um novo bar, pôr luzes novas e criar um espaço para 'pub'».

Pathé: supermercado de diversões

Instalada no espaço do cinema Pathé, a danceteria «Discoteca Cinema Pathé», ao Chile, é «um centro onde há espaço para o cinema, para as pessoas dançarem, estão sentadas e onde podem ver vídeo-clips de amadores e outros que não são vistos em Portugal, pois temos uma antena parabólica». Quem o diz é Luís Maduro, que juntamente com Alexandre Carvalho Neto e José Luís Vasconcelos estão à frente daquela casa.

O «Pathé» aposta na diferença: «não queremos ser uma discoteca para elites, para pessoas que só cá vêm pelo conforto, pelos estófos. Queremos que venham porque gostam do espaço».

A ideia, afinal, é fugir da discoteca tradicional, onde se vai só ouvir música. «Lisboa está cheia de tudo, mas também de espaços perdidos. É preciso diversificar», explica Luís Maduro.

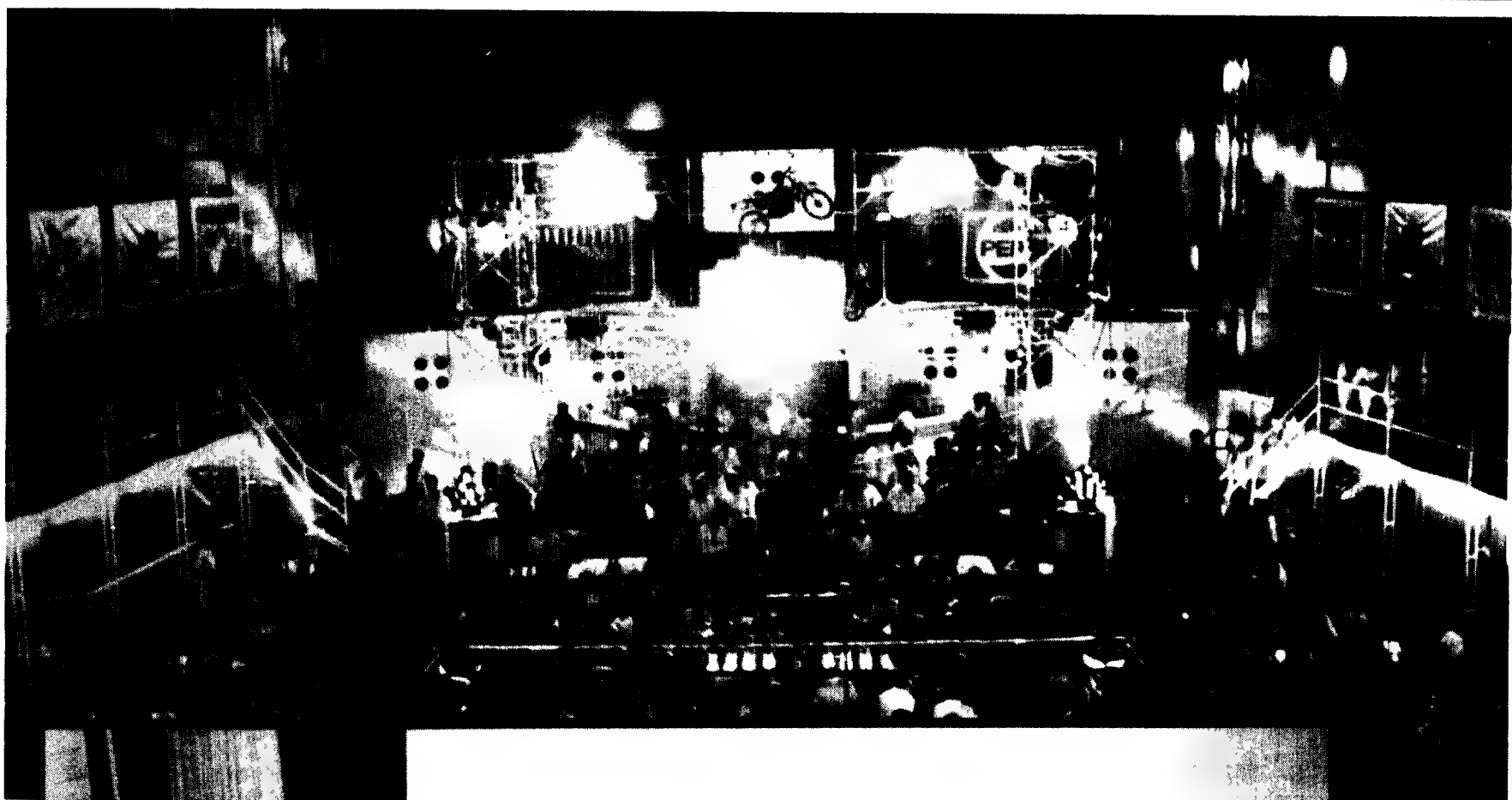
É com base nessa ideia de «diferença», que o «Pathé» se prepara para reabrir um Novembro, completamente mudado: com novo nome, aulas de dança, concertos ao vivo e decoração diferente.

«A nossa característica é que todos os projectos que levamos a cabo têm um tempo de duração limite de seis meses. Ao fim desse tempo mudamos tudo. A partir de Novembro, a parte do cinema vai ter ciclos intercalados com filmes comerciais; uma vez por mês vai haver um bruto concerto, onde podem vir desde os «Trovan-te», aos «GNR» ou o Tony de Matos. Não vamos ter só uma linha de música».

Vai haver também, segundo Nuno Maduro, um espaço para músicos portugueses desconhecidos actuarem e «estamos já em conversações para trazeremos cá bandas de rock italianas e suecas, além de grupos de música tradicional da Suécia». E até os empregados vão ter um visual diferente todas as semanas.

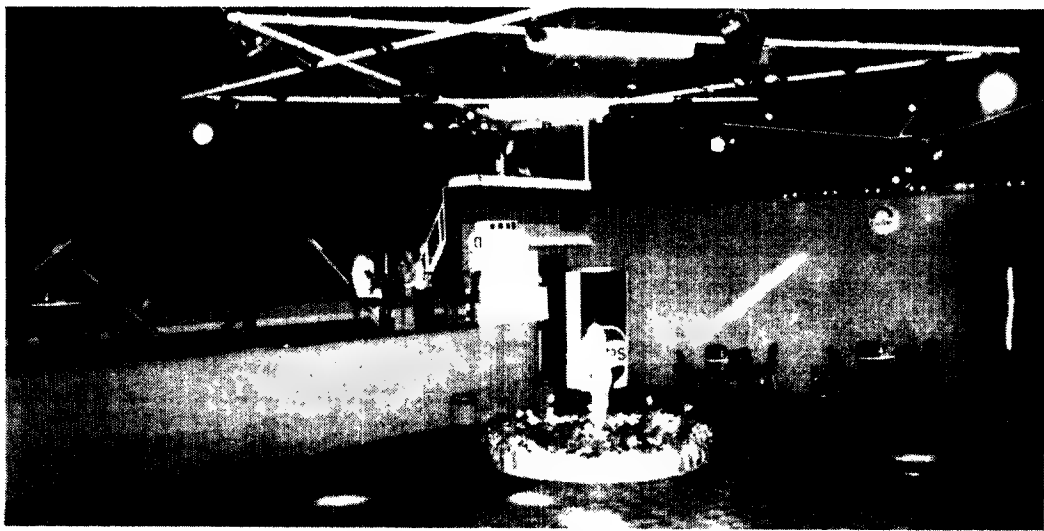
Voxmania: aposta no conforto

O «Voxmania», perto da Av. de Roma, é um espaço que tem muito pouco a ver com as restantes danceterias. Não aposta no público jovem das escolas secundárias, razão por que não tem «matinées». Como afirma Carlos Cruz, director artístico, «queremos exercer uma actividade dirigida a um público com poder de compra superior ao dessas classes etárias».

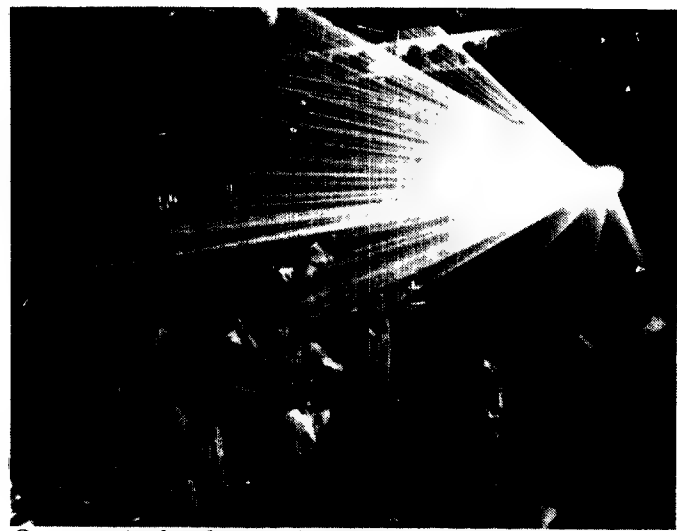


Noites animadas, som e luz

Um espaço amplo: a principal vantagem das danceterias



Pista de dança em forma de trevo, uma forma de quebrar a inclinação da sala de cinema



Os espectáculos de raios laser são um dos momentos altos da noite

Aliás não é preciso que essa pretensão seja afirmada, basta entrar no «Voxmania» para se notar: a decoração é sumptuosa, confortável, sem nada da simplicidade das restantes danceterias.

O «Voxmania» apostou num público mais seleccionado, entre os 25 e 30 anos, ao qual oferece, para além da discoteca propriamente dita, um espectáculo de raios laser, salas de jogos, vídeos, 'pub' e 'foyer'.

Aberto à pouco tempo, o «Voxmania» não tem ainda um público definido. Para já, segundo Carlos Cruz, apo-

stam na «polivalência do espaço, até chegarmos à conclusão se o espaço deve ou não ter uma vocação única. É o público que nos vai dizer se mantemos as várias alternativas que oferecemos neste momento ou nos especializamos numa delas».

Dancine Stop: a simplicidade

Com as mesmas características do «Lido» ou do «Pathé», o «Dancine Stop», em Moscavide, é o único divertimento para os jovens da

zona. Situada numa área populacional bastante elevada, é frequentada sobretudo pelos alunos das escolas de Moscavide e Portela, e por isso as «matinées» são «as casas mais cheias».

Luís Farinha, responsável pela danceteria, afirma: «quando abrimos a casa foi já a pensar nesse público, nem malta jovem que gosta de se sentar onde quer, sentir-se à vontade, ouvir a música que gosta. Por isso também não temos empregados a servi-los, porque esta malta gosta de ir ao bar buscar o que quer».

Espaço que tem estado fechado para remodelações, o «Dancine Stop», com a sua pista em forma de trevo, voltará a abrir dentro de dias com um espectáculo ao vivo. Ao contrário das restantes danceterias, a de Moscavide não se encontra vocacionada para a actuação de músicos, apostando antes nos concursos e passatempos, porque «esta gente gosta sempre de levar qualquer coisa para casa».

Danceterias: um negócio com futuro?

Se as danceterias conti-

nuação a ter futuro no panorama lisboeta a abrirem neste ritmo acelerado - quatro num ano - é o que não se sabe.

Para os responsáveis, a permanência do seu espaço como local de diversão é no entanto uma certeza. Basta para isso ir mudando a decoração, os passatempos, os concursos. Basta ter imaginação para que nasça no público a ideia de diferença, dar-lhe sensações novas e criar emoções, tal como uma caixinha de surpresas.

Imortal veta árbitro

O Imortal de Albufeira apresentou à Federação Portuguesa de Futebol o seu veto ao árbitro José Ourives, de Évora, em exposição enviada àquele organismo relativa à actuação do juiz alentejano no encontro Silves-Imortal, do passado domingo.

A arbitragem de José Ourives foi considerada pelo Imortal como «caseira e vergonhosa», lavrando o seu protesto, com «vivo repúdio», no ofício enviado segunda-feira à FPF.

A exibição do cartão amarelo aos jogadores de Albufeira, sem que igual critério fosse utilizado para com o adversário e a contestação sobre a forma como dois dos seus jogadores foram expulsos, são alguns dos elementos constituintes do protesto do Imortal.

Recorde-se que o encontro Silves-Imortal, da quarta jornada do campeonato nacional da terceira divisão, Série F, terminou com o resultado de 2-1.

RCP "leva" desporto a emigrantes

Um programa desportivo semanal de 15 minutos começou a ser emitido pelo Rádio Clube Português para a comunidade portuguesa em Paris.

O noticiário desportivo nacional e o regional será o prato-forte do programa, no ar, sempre às quarta-feiras, das 21h15 às 21h30 (20h15-20h30 em Lisboa).

O responsável pela emissão é o jornalista Rui Cunha.

Uruguai: contas do "mundial" recusadas pela Federação

A Comissão de Finanças da Federação Uruguia de Futebol rejeitou as contas apresentadas pelos dirigentes da selecção que disputou o «Mundial» do México.

Num extenso comunicado, a Comissão justifica a sua não aprovação do balanço financeiro da delegação, por falta de documentação que testemunhe as despesas de instalação.

Após a fraca actuação no «México-86», os dirigentes do futebol uruguiaio demitiram-se e o treinador Omar Borrás foi despedido.

A Federação é actualmente dirigida por um conselho provisório, integrado por dirigentes de clubes e personalidades ligadas ao futebol, e debate-se numa grave crise desportiva, económica e institucional.



CÂMARA MUNICIPAL

CONCURSO PÚBLICO
PARA ARREMATACÃO DA EMPREITADA
DE «CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO 3
— CEMITÉRIO DE VALE FLORES»

* Preço base:	6 000 000\$00
* Caução Provisória:	150 000\$00
* Prazo:	6 meses
* Alvará exigido:	

1.ª categoria de classe correspondente ao valor do trabalho respectivo.

*** Local, dia e hora para exame do processo:**
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av. Professor Egas Moniz, 40-E, Cova da Piedade, no horário de expediente a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

*** Local, dia e hora para entrega da proposta:**
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av. Professor Egas Moniz, 40-E, Cova da Piedade, no horário de expediente até às 17 horas do último dia do prazo de vinte dias contados a partir do dia seguinte ao da publicação deste aviso no «Diário da República».

*** Local, dia e hora do acto público do concurso:**
Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Almada, Av. Professor Egas Moniz, 40-E, Cova da Piedade, às 11 horas do primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado no anúncio.

Almada, 2 de Setembro de 1986

A Presidente da Câmara Substituta
a) Maria de Fátima Alegria Antunes Valença Mourinho

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

Sugere-se, em Dublin com vista aos "JO-88"

Identificação comunitária dos atletas dos estados membros

Um representante da Comunidade Europeia disse em Dublin estarem em curso negociações com as autoridades olímpicas sobre a possibilidade de ser usada uma identificação comunitária pelos atletas dos Estados-membros que participem nos Jogos Olímpicos de Verão de 1988.

O comissário europeu Carlos Ripa Di Meana afirmou que essa seria uma forma de transmitir os ideais europeus e de tornar os símbolos da comunidade mais bem conhecidos.

Ripa de Meana recordou o êxito de competições organizadas ou patrocinadas pela Comunidade, como a regata ao redor da Europa disputada em 1985 entre Kiel e a Sardenha ou a recente Volta do Futuro das Comunidades Europeias em bicicleta, que teve o seu começo em Portugal.

Dirigindo-se à quinta conferência dos ministros europeus dos Desportos, o comissário europeu afirmou: «o sucesso destas iniciativas encoraja a comis-

são a continuar neste caminho e a virar a sua atenção para outros desportos populares como o ténis, as maratonas, o «jogging», a esgrima e mesmo o futebol.

«Olhando mais para o futuro, exprimo a esperança de que possamos suplantar os numerosos obstáculos políticos, financeiros, psicológicos, jurídicos e práticos que, até agora, têm impedido a criação de equipas europeias conjuntas que usem o emblema da Comunidade e que participem em grandes compe-

tições internacionais» — acrescentou Di Meana.

O comissário europeu recordou que a comissão não tem um mandato institucional para criar uma política desportiva comunitária, mas adiantou: «Tencionamos utilizar certos acontecimentos desportivos para transmitir os ideais europeus e tornar a Comunidade e os seus símbolos mais bem conhecidos entre os milhões de pessoas profundamente interessadas no desporto».

— Modalidades —

Andebol:
jugoslavo ingressa na AAC

O jugoslavo Pajer Marjan é o novo reforço da equipa de andebol da Associação Académica de Coimbra — informou a respectiva secção.

O jogador jugoslavo, que já se encontra integrado nos trabalhos de preparação da Académica, é guarda-redes e alinhava no Unsjeer, de Lubliana.

A nova aquisição da Académica vai ser apresentada aos adeptos no próximo fim-de-se-

mana em dois jogos que se realizam em Coimbra com o Almada e o FC Porto.

Basquetebol
Sanjoanense derrotada

O A. S. Macabi da Bélgica, venceu a Sanjoanense por 93-54, em jogo da primeira «mão» da primeira eliminatória da Taça Korac, em basquetebol, disputado no pavilhão desportivo de S. João da Madeira.

Ao intervalo os belgas ganhavam por 40-22.

O encontro da segunda

«mão» terá lugar em Bruxelas no próximo dia 8.

Ciclismo: recorde mundial

O ciclista dinamarquês Hans Oersted estabeleceu um novo recorde mundial na prova dos 5 kms em pista ao ar livre, ao percorrer a distância em 5 minutos, 44 segundos e 55 centésimos, na Cidade do México.

O anterior máximo pertencia ao alemão-federal Gregor Braun, com 5.44.70, conseguido em 12 de Janeiro último em La Paz.

Mundial de xadrez:
partida suspensa

A 21.ª partida da final do Mundial de Xadrez entre os soviéticos Anatoly Karpov, e Gari Kasparov ficou suspensa ao 41.º lance.

Segundo os observadores, Karpov tem uma ligeira vantagem posicional na partida em que jogou com as brancas.

Os dois xadrezistas encontram-se empatados com 10 pontos, ou seja com quatro vitórias e 12 empates cada um.

Penafiel: chicotada

Depois de José Rocha ter sido afastado da liderança do futebol do Juventude de Évora e de Dinis Vital receber «guia de marcha» no Farense, surgiu a terceira «chicotada» da temporada com Adelino Teixeira a ser forçado a sair do Penafiel. Deste modo três treinadores já foram despedidos, mas como a época ainda há pouco teve o seu início, os «desempregados» podem alimentar esperança quanto à eventualidade de serem chamados ao activo.

"Jogos Asiáticos": medalhas

Concluído o 12.º dia dos Jogos Asiáticos, a China continua a ser o país com maior número de medalhas, tendo conquistado já um total de 182, 77 de ouro, 68 de prata e 37 de bronze.

Em segundo lugar está a Coreia do Sul, com 57 medalhas de ouro, 44 de prata e 61 de bronze, seguida do Japão, com 52 de ouro, 59 de prata e 58 de bronze.

O quadro de distribuição de medalhas por países é actualmente o seguinte:

	Ouro	Prata	Bronze	Total
China	77	68	37	182
Coreia do Sul ..	57	44	61	162
Japão	52	59	58	169
Tailândia	3	5	8	16
Filipinas	3	4	4	11
Irão	3	2	6	11
Índia	2	3	11	16
Indonésia	1	3	11	15
Hong-Kong ..	1	1	2	4
Paquistão	1	1	—	2
Qatar	1	—	2	3
Líbano	1	—	1	2
Bahrein	1	—	—	1
Malásia	—	5	5	10
Iraque	—	3	1	4
Singapura	—	1	3	4
Kuweit	—	1	2	3
Jordânia	—	1	1	2
Nepal	—	—	2	2
Oman	—	—	1	1

Quatro já lá estão



Para total integração falta a adesão do Boavista

Uma equipa cipriota foi sensação na Taça dos Clubes Campeões Europeus de futebol, ao qualificar-se para os oitavos-de-final, numa eliminatória caracterizada pela tranquilidade para os «grandes».

O Apoel de Nicósia foi à Finlândia perder com o Helsingia por 3-2, mas eliminou o campeão finlandês porque vencera por 1-0 em Chipre. Este foi o único «pequeno» que conseguiu escapar, pois os outros entre eles o Rabat Ajax, de Malta, afastado pelo FC do Porto, que venceu por escasso 1-0, em La Valleta, ficaram pelo caminho.

Assim as equipas mais cotadas esperam amanhã conhecer os adversários dos oitavos-de-final.

Bayern de Munique, que empatou sem golos com o PSV Eindhoven, mas passou com os 2-0 feitos na Holanda, a Juventus, afastando os islandeses do Valur, o Dinamo de Kiev, que eliminou os búlgaros de Beroe, o Real Madrid, goleando o Young Boys pelos «clássicos» 5-0, depois de derrotado por 1-0, na Suíça, o Anderlecht, que derrotou os polacos do Gornik, são alguns desses clubes candidatos à principal taça europeia.

Para os oitavos-de-final junta-se ao grupo dos «grandes» o Steaua de Bucareste, que defende o título de campeão e ficou isento da primeira eliminatória.

Sensação foi a eliminação do Paris St. Germain. Os campeões franceses perderam na Checoslováquia, com o Viktovice, por 1-0, depois de não terem conseguido melhor que 2-2 em Paris.

O futebol dinamarquês continua em evidência, com o Brøndby a afastar o Honved, de Budapeste.

De assinalar ainda a passagem à segunda eliminatória do campeão turco, o Besiktas, à custa do Dinamo de Tirana e dos noruegueses do Rosenborg, que afastaram, surpreendentemente, os irlandeses do Norte do Linfield, ao empatarem, 1-1, em Belfast.

Num confronto britânico, o Celtic de Glasgow continua em prova, afastando o Shamrock Rovers, da Irlanda.

Normais foram os apuramentos do Áustria de Viena perante um modesto adversário luxemburguês, do Estrela Vermelha de Belgrado (eliminando o Panathinaikos da Grécia) e do Dinamo de Berlim (ganhando duas vezes ao Oergryste, da Suécia).

Taça das Taças: Roma (de Eriksson) fora do palco

A qualificação do desconhecido Nentori de Tirana, da Albânia, foi um dos factos mais relevantes dos dezasseis avos-de-final da Taça dos Vencedores das Taças.

Acresce que o clube eliminado pelo Nentori foi apenas o Dinamo de Bucareste (é ro-



Eriksson e Maradona: as suas equipas estão (já) fora da Europa

meu o clube campeão europeu em título, o Steaua também de Bucareste), o que dá a dimensão da proeza cometida pelos albaneses, que venceram na capital da Roménia por 2-1 e no seu próprio recinto tinham triunfado por 1-0.

O Benfica, alardeando a sua experiência em competições do género, desembaraçou-se com relativa facilidade dos noruegueses do Lillestrom — vitória por 2-1 a reforçar os 2-0 conseguidos no Estádio da Luz —, mas o mesmo não se pode aplicar à eliminação do Roma, de Eriksson, pelos espanhóis do Saragoça num jogo em que as grandes penalidades foram regra.

De facto, e depois de ter perdido na capital italiana por 2-0, o Saragoça venceu no seu campo pela mesma marca, mas com a particularidade de ambos os golos serem obtidos na transformação de grandes penalidades — Señor, aos 44 e aos 46 minutos —, resultado com que se atingiu os 90 minutos regulamentares. O recurso ao prolongamento em nada alterou e as grandes penalidades voltaram a ditar os destinos dos dois contendores, afastan-



do os romanos e mantendo em prova os espanhóis.

Outro resultado algo surpreendente nesta segunda «mão» foi o 3-3 entre os belgas do Brugeois e o Rapid de Viena, que conduziu ao apuramento dos austríacos, já que estes no seu terreno tinham vencido por 4-3. Um total de 13 tentos marcados no conjunto dos dois encontros não é vulgar.

Por último registase a vitória conseguida em «casa» pelo também modesto Apollon, de Chipre, frente ao conhecido Malmö, da Suécia 2-1, apesar da normal eliminação dos cipriotas que na primeira «mão» haviam sofrido copiosa derrota: 6-0.

Nas restantes qualificações não houve surpresas, uma vez que passaram à fase seguinte os mais capacitados.

UEFA: Nápoles (de Maradona) eliminado pelo Toulouse

O empate a zero golos cedido em casa pelo Barcelona frente ao modesto Flaumurtari, da Albânia, e a qualificação do Toulouse, de França, à custa do afastamento do Nápoles do milionário

Maradona, foram as grandes surpresas da primeira eliminatória da Taça UEFA.

O Barcelona passou a segunda eliminatória graças ao golo marcado no jogo da primeira «mão» (1-1), sendo vaiado e assobiado pelos muitos catalães que acorreram ao «Nou Camp», furiosos por os seus ídolos não conseguirem apontar um único tento à inexperiente equipa albanesa.

Por seu lado, o Omónia de Nicósia, de Chipre, quase conseguiu a passagem à segunda eliminatória, ao empatar em casa 1-1 com o Sportul Studentesc, da Roménia, que apenas vencera por 1-0 na Roménia.

O «milionário» Maradona, que tantas vezes tem contribuído para a felicidade dos «tiffosi» napolitanos, contribuiu para a «desgraça» da popular equipa transalpina, ao falhar a conversão de uma grande penalidade, a qual acabou por resolver a contenda a favor dos franceses.

O Nápoles tinha ganho 1-0 em Itália, perdendo pela mesma margem na deslocação a Toulouse.

Destaque também para as qualificações obtidas «in-extremis» pelo Spartak de Moscovo, Universidade de Craiova, da Roménia, e pelo Standard de Liège, da Bélgica.

O Spartak de Moscovo, que no jogo da primeira «mão» tinha empatado 0-0 na capital soviética com o Lucerna, da Suíça, deve o «passaporte» para a segunda eliminatória a um golo de Kuzhliev, apontado a dois minutos do final da partida.

A Universidade de Craiova, por seu lado, sentiu imensas dificuldades para eliminar o Galatas-

saray, da Turquia, a quem tinha ganho em «casa» por 2-0, valendo-lhe o golo apontado por Bitu, no primeiro minuto do jogo da segunda «mão», que terminou com a vitória dos turcos por 2-1.

O Standard de Liège ganhou a qualificação graças à vitória obtida há quinze dias no campo do Rijeka, por 1-0, dado que neste jogo não foi além do empate a um golo.

Vitórias fáceis obtiveram o Sporting, que bateu em Alvalade o Akranes, da Islândia, por 6-0, passando à segunda eliminatória com um total de 15-0, o Gotemburgo, da Suécia, que ganhou em casa ao Sigma Olomuc por 4-0 (1-1 na primeira «mão»), o Bayer Uerdingen, da RFA, que goleou o Carl Zeiss Jena (RDA) por 4-0 depois de já ter vencido na Alemanha por 3-0, e o Trakia de Plovdiv, que conseguiu a maior goleada do dia, ao bater o Hibernians, de Malta, por 8-0 (10-0 no total das duas «mãos»).

A primeira eliminatória da Taça UEFA completa-se hoje com as partidas Boavista - Fiorentina, em que os «axadrezados» têm de recuperar da desvantagem de 1-0 que trouxeram de Itália, e AEK Atenas - Inter de Milão, jogo em que os dois golos conseguidos em casa pelos transalpinos (2-0), deverão garantir, em princípio, a passagem à segunda eliminatória.

Os representantes dos clubes portugueses estarão amanhã em Zurique para assistir ao sorteio relativo à segunda eliminatória das três competições futebolísticas sob a égide da UEFA.

A eliminatória decorreu assim

Taça dos Campeões

Os resultados da eliminatória foram os seguintes:

VITKOVICE (Checoslováquia)-St-Germain (França)	1-0 (2-2)
BAYERN (RFA)-PSV Eindhoven (Holanda)	0-0 (2-0)
Rabat Ajax (Malta)-FC PORTO (Portugal)	0-1 (0-9)
AUSTRIA VIENNA (Áustria)-Avenir (Luxemburgo)	3-0 (3-0)
Valur (Islândia)-JUVENTUS (Itália)	0-4 (0-7)
Panathinaikos (Grécia)-EST. VERMELHA (Jugoslávia)	2-1 (0-3)
DYNAMO KIEV (URSS)-Stara Zagora (Bulgária)	2-0 (1-1)
REAL MADRID (Espanha)-Young Boys (Suíça)	5-0 (0-1)
Gornik (Polónia)-ANDERLECHT (Bélgica)	1-1 (0-2)
Honved (Hungria)-BRONDBY (Dinamarca)	2-2 (1-4)
Dynamo Tirana (Albânia)-BESIKTAS (Turquia)	0-1 (0-2)
HJK Helsinki (Finlândia)-APOEL (Chipre)	3-2 (0-1)
Linfield (Irlanda)-ROSENBORG (Noruega)	1-1 (0-1)
DYNAMO BERLIN (RDA)-Oergryste (Suécia)	4-1 (3-2)
CELTIC (Escócia)-Shamrock Rovers (Eire)	2-0 (1-0)
Steaua (Roménia), isento.	

Taça das Taças

BORDEUX (França)-Waterford (Eire)	4-0 (2-1)
VITICHA (Bulgária)-Boldklubben (Dinamarca)	2-0 (0-1)

FC Bruges (Bélgica)-RAPID (Áustria)	3-3 (3-4)
ZARAGOZA (Espanha)-Roma (Itália)	2-0 (0-2) (c)
Lillestrom (Noruega)-BENFICA (Portugal)	1-2 (0-2)
Dynamo Bucareste (Roménia)-NENTORI (Albânia)	1-2 (0-1)
SION (Suíça)-Aberdeen (Escócia)	3-0 (1-2)
Apollon (Chipre)-MALMOE (Suécia)	2-1 (0-6)
AJAX (Holanda)-Bursaspor (Turquia)	5-0 (2-0)
WREXHAM (País de Gales)-Zurried (Malta)	4-0 (3-0)
TORPEDO (URSS)-Valkeakosken (Finlândia)	3-1 (2-2)
US Luxemburgo (Luxemb.)-OLYMPIAKOS (Grécia)	0-3 (0-3)
Spartak Trnava (Checoslo.)-STUTTGART (RFA)	0-0 (0-1)
LOKOMOTIV LEIPZIG (RDA)-Glentoran (Irlanda)	2-0 (1-1)
VELEZ MOSTAR (Jugoslávia)-Vasas (Hungria)	3-2 (2-2)
Katowice (Polónia)-Frane (Islândia)	(a) (2-0)

Taça UEFA

Valerengen (Noruega)-BEVEREN (Bélgica)	0-0 (0-1)
Sredetz (Bulgária)-TIROL (Áustria)	2-0 (0-3)
Gaiwaay (Eire)-GRONINGEN (Holanda)	1-3 (1-5)
GANTOISE (Bélgica)-Jeunesse Esch (Luxemburgo)	1-1 (2-1)
Lyngby (Dinamarca)-NEUCHÂTEL (Suíça)	1-3 (0-2)
Partizani (Jugoslávia)-MOENCHENGLAD. (RFA)	1-3 (0-1)
DUNDEE UNITED (Escócia)-Lens (França)	2-0 (0-1)
SPORTING (Portugal)-Akranes (Islândia)	6-0 (9-0)

Magdeburg (RDA)-ATL. BILBAU (Espanha)	1-0 (0-2)
Werder Bremen (RFA)-ATL. DE MADRID (Espanha)	2-1 (0-2)
FEYENOORD (Holanda)-Pecsi (Hungria)	2-0 (0-1)
VIT. DE GUIMARÃES (Portugal)-Sparta (Checoslo.)	2-1 (1-1)
DUKLA (Checoslováquia)-Heart (Escócia)	1-0 (2-3)
TORINO (Itália)-Nantes (França)	1-1 (4-0)
LEVERKUSEN (RFA)-Kalmár (Suécia)	3-0 (4-1)
RABA ETO (Hungria)-Dynamo Minsk (URSS)	0-1 (4-2)
IFK GOETEBORG (Suécia)-Sigma (Checoslováquia)	4-0 (1-1)
BRANDENBURG (RDA)-Coleraine (Irlanda do Norte)	1-0 (1-1)
Dnipro (URRS)-LEGIA (Polónia)	0-1 (0-0)
Tampere (Finlândia)-GLASGOW RANG. (Escócia)	2-0 (0-4)
Carl Zeiss (RDA)-UERDINGEN (RFA)	0-4 (0-3)
WIDZUK (Jugoslávia)-Laski Linz (Áustria)	1-0 (1-1)
HAJDUK (Jugoslávia)-Heraklion (Grécia)	4-0 (0-1)
BARCELONA (Espanha)-Flamurtari (Albânia)	0-0 (1-1)
TRAKIA (Bulgária)-Hibernians (Malta)	8-0 (2-0)
Omonia (Chipre)-SPORTUL (Roménia)	1-1 (0-1)
Galatasaray (Turquia)-CRAIOVA (Roménia)	2-1 (0-2)
STANDARD LIEGE (Bélgica)-Rijeka (Jugoslávia)	1-1 (1-0)
TOULOUSE (França)-Napoles (Itália)	1-0 (0-1) (c)
Lucerne (Suíça)-SPARTAK MOSCOVO (URSS)	0-1 (0-0)
Boavista (Portugal)-Fiorentina (Itália)	(a) (0-1)
AEK (Grécia)-Inter (Itália)	(a) (0-2)

(a) Disputa-se hoje

(c) 4-3 em «penalties»



Rabat Ajax, 0-FC Porto, 1

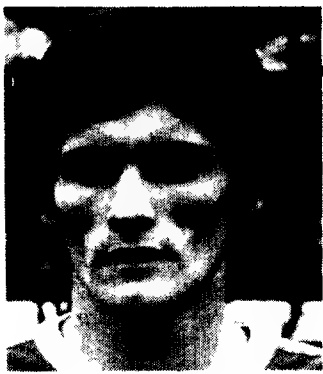
"Dragões": uma imagem de marca

Um «frango» do herói da partida de La Valleta, o guarda-redes maltês Woods, deu ao FC Porto o triunfo por 1-0 numa partida disputada já com a qualificação portuguesa garantida na Taça dos Campeões Europeus de Futebol.

Este «passeio» dos campeões portugueses à capital de Malta acabou por fazê-los suar para além dos 30 graus de temperatura ambiente.

Apesar da intensa pressão e domínio que exerceram durante os 90 minutos, os golos não apareceram, com perdas constantes de Gomes e Paulo Ricardo a ficarem a dever a si próprios muitos tentos.

O Rabat Ajax defendeu-se



Sousa: um golo para limpar a imagem

bem, sobretudo na primeira parte, e chegou a criar situações de apuro para a baliza de Zé Beto, explorando o contra-

ataque quando o FC do Porto se encontrava todo no meio-campo adversário.

A pressão inicial dos malteses, equipa onde só dois jogadores são profissionais, levou Artur Jorge, logo aos 13 minutos, a substituir Bandeirinha por Juari, aumentando a frente de ataque.

A eliminatória estava ganha, a partir dos 9-0 de há quinze dias em Vila do Conde, mas a vitória interessava para a contabilidade do futebol português na Europa. Simplesmente os golos não apareciam e o maior responsável foi o jogador-treinador Jeffrey Woods.

O recém-empossado técnico

do Rabat Ajax, um profissional de 32 anos, defendeu tudo, inclusive uma grande penalidade marcada aos 31 minutos por André, a castigar carga de Azzupardi sobre Quim.

Com a defesa local a cobrir bem o seu guarda-redes e os dianteiros portistas a complicarem as jogadas de golo quase feito, o intervalo chegou com o resultado em branco, sem dúvida um marcador inesperado.

Na segunda parte o domínio portista foi ainda mais intenso e a pressão sobre as redes de Woods quase permanente.

Artur Jorge «carregou» mais no ataque, fazendo sair Quim e entrar Sousa, que acabou por ser o autor do golo,

aos 70 minutos de jogo.

Jeffrey Woods foi mal batido por um cruzamento directo de Sousa e a bola entrou nas redes que tão brilhantemente defendeu durante todo o encontro.

O triunfo portista só surpre-

ende por ser tangencial, neste jogo em que se cumpriu o calendário, e os campeões portugueses aguardam agora o seu próximo adversário, nos oitavos de final, que conhecerão no sorteio de sexta-feira próxima.

Ao intervalo o resultado estava ainda em branco. O golo portista foi marcado aos 70 minutos, por Sousa.

Jogo disputado no Estádio Nacional de Malta, perante cerca de 2000 espectadores e com temperatura de 30 graus.

Sob a direcção do jugoslavo Dragisa Komoludinic, as equipas alinharam:

RABAT AJAX: Woods; Galea, David Busuttill, Cortis e Bugeja; Kevin (Vella, 60), Scerri, Miller e Azzupardi; Karmel Busuttill e Caruanda.

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Celso, Eduardo Luís e Bandeirinha (Juari, 13); Quim (Sousa, 54), Jaime Pacheco, André e Jaime Magalhães; Paulo Ricardo e Gomes.

Lillestrom, 1-Benfica, 2

Missão (bem) cumprida

O Benfica, com uma defesa reforçada, acabou por vencer em Oslo por 2-1 o Lillestrom e passar aos oitavos-de-final da Taça dos Vencedores de Taças de Futebol.

Chegando à Noruega com uma vantagem de 2-0, o Benfica reforçou a defesa com a entrada de Bastos Lopes para um quinto recuado, mas foi este sector o que pior jogou, numa exibição geral que deixou muito a desejar, apesar do triunfo.

Tudo começou da pior forma para a equipa portuguesa, pois o Lillestrom marcou logo aos dois minutos por intermédio de Sundby, com a defesa «encarnada» a parar à espera de um fora

de jogo não assinalado.

Os noruegueses exibiam-se bem melhor do que em Lisboa e tentaram, durante um primeiro período do encontro, virar a desvantagem.

O Benfica sentiu algumas dificuldades, com a defesa a não se entender com o esquema de jogo montado por John Mortimore.

A primeira grande oportunidade do Benfica aconteceu apenas aos 12 minutos, quando Nunes rematou de cabeça ao poste. Mas era o Lillestrom que criava mais perigo junto às redes de Silvino e o Benfica reagia lentamente, só com Manniche na frente, perante a pressão intensa dos noruegueses.

Porém, uma boa jogada de Diamantino acabou por resultar, aos 25 minutos, e o golo do médio de ataque benfiquista foi a tranquilidade quanto ao desfecho da eliminatória.

O intervalo resultou benéfico para o Benfica, que aproveitou para esclarecer as tarefas de cada jogador e balancear-se sobre o

ataque com outra confiança.

Aos 61 minutos Zivkovic concretizou uma bela triangulação dos «encarnados» mas o remate foi devolvido pelo poste da baliza de Amudsen, que se cotou como um dos melhores elementos do Lillestrom.

O lance do segundo golo dos portugueses surgiu aos 77 minutos quando Álvaro se infiltrou pelo flanco esquerdo e rematou à baliza, mas foi Bjekland quem iludiu Amudsen ao desviar a trajectória da bola, na tentativa de intercepção.

O Benfica deixou em Oslo a noção de uma supremacia, de antemão reconhecida, mas terá de rever diversos aspectos no seu sector defensivo, como seja a ligação entre os «centrais» e a lentidão em afastar a bola daquele sector.



Então isso faz-se, Veloso?

Ao intervalo, 1-1. Golos: 1-0, Sundby, 2 minutos. 1-1, Diamantino, 25. 1-2, Bjekland, autogolo, 76.

Jogo no Ullevål, estádio nacional de Oslo, com direcção do dinamarquês Lund Sorensen. As equipas alinharam:

LILLESTROM — Amundsen; Drystad, Smedass, Bjekland e Hall; Richardsen, Sundby, Osvold e Erlandsen (Krog-saeter, 61); Haadberg e Vaadal.

BENFICA — Silvino; Veloso, Dito, Oliveira, Bastos Lopes e Álvaro; Carlos Manueh; Nunes (Zivkovic, 17), Shéu e Diamantino; Manniche (Rui Águas, 88).

Cartão amarelo: Silvino (aos 31 minutos).

MARYVONNE

HOJE SEM FALTA

Não esqueças de reservar
Hotel dos Navegadores
(Telef. 081-42490) em
Monte Gordo/ Algarve

Preço superespecial (para Portugueses)

SÓ 3.000\$00 PARA 2 PESSOAS

Fins-de-semana

ou

2 dias à escolha

INCLUINDO: * 2 noites à escolha com pequenos-almoços
* Entrada grátis na discoteca
* 10% desconto nos restaurantes
* 50% no Happy Hour
* 1/2 garrafa de vinho (se jantar)
* Piscina aquecida-coberta
* Orquestra/ Dança/ Folclore
* Também podemos reservar na agência de viagens

DE NOVEMBRO 86 A MARÇO 87

DÉCIMO QUINTO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

AVENIDA DUQUE DE LOUTRA, N.º 184-184A

NOTÁRIA LICENCIADA AMÉLIA JOSEFINA DE QUEIROZ LOPES

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 11 de Junho em curso, lavrada a folhas 91 do livro n.º 1 215-A, deste cartório, foi constituída uma Associação cultural, recreativa e desportiva, a qual adoptou a denominação de «NÚCLEO DE AMIGOS DO CONCELHO DE MOURÃO», tem a sua sede provisoriamente na Rua das Portas de Santo Antão, n.º 68, em Lisboa, freguesia de Santa Justa, e durará por tempo indeterminado a contar da data da sua constituição, tem como objecto específico promover a defesa e o progresso dos interesses socioculturais do Concelho de Mourão. Para a realização dos seus objectivos, a Associação propõe-se: ao estudo, à divulgação, à defesa e à valorização do património histórico, artístico, monumental, arqueológico e etnográfico do Concelho de Mourão; à elevação do nível cultural e social das populações da sede e das freguesias do concelho; a colaborar com as entidades oficiais no que respeita a um melhor arranjo e defesa urbanística de todas as povoações do concelho; à mais ampla e conveniente propaganda turística do concelho; e à melhor colaboração com os Organismos Oficiais do Estado, do Distrito e do Município, em tudo quanto possa contribuir para a defesa e conveniente desenvolvimento do concelho. Podem ser sócios deste Núcleo todos os indivíduos de ambos os sexos e todas as entidades, desde que, de acordo com as normas e fins dos Estatutos, se manifestem dispo-

tos a trabalhar graciosamente pela defesa e progresso de Mourão e seu concelho, a entrada para sócio será feita mediante proposta assinada por dois sócios e aprovada pela Direcção; o sócio que prejudicar ou difamar o Núcleo estará sujeito a expulsão, mediante proposta da Direcção, aprovada em Assembleia Geral Ordinária ou convocada para o efeito.

Outorgaram a respectiva escritura: a) — LUIS BENTO BALÃO JORDÃO, casado, natural da freguesia e concelho de Mourão, residente na Rua Norton de Matos, lote 65, 3.º andar-direito, em Idanha, freguesia de Belas, concelho de Sintra; b) — RICARDO CALIXTO BORGES CARTAXO, casado, natural da freguesia e concelho de Mourão, residente na Rua J, lote 79, r.-c.-D, Casal de São Brás, concelho de Amadora; e c) — FRANCISCO ANTONIO MARTINS TARECO, solteiro, maior, natural da freguesia e concelho de Mourão, residente na Praceta D. Fernando, n.º 4, 3.º esquerdo, Amadora.

É certidão de narrativa que vai conforme ao original.

Lisboa, dezanove de Junho de mil novecentos e oitenta e seis

O Escrivão-Superior,
Maria Manuela Pelado Rocha

DL 2/8/1966

Arbitragem: presença portuguesa

A arbitragem portuguesa esteve representada em Barcelona através do trio chefiado por

Alder Dante que teve como «assistentes» Vitor Correia e João Rosa. Trata-se, naturalmente, de uma distinção para o professor de Almeirim que nas

horas vagas se dedica, com particular cuidado, à tarefa de bem dirigir os jogos de futebol.

Espera-se agora que na próxima ronda uefeira os dirigentes do supremo organismo do futebol europeu não se esqueçam de nós.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Av. dos Bombeiros Voluntários, 29-2.º — ALGÉS

Telefone 410 29 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS DAS 10 ÀS 12 H.
E DAS 16 ÀS 21 H. EXCEPTO AOS SÁBADOS



Sporting, 6-Akranes, 0

O recorde ficou bem distante

O Sporting cumpriu o calendário, goleando o Akranes, da Islândia, por 6-0, em jogo da segunda «mão» da primeira eliminatória da Taça UEFA, que os «leões» tinham já resolvido ao vencerem o primeiro jogo por 9-0.

A única incógnita da partida residia no número de golos com que os sportinguistas premiariam os amadores islandeses, que se apresentaram em Alvalade dispostos a perder pela menor margem possível e, se possível, cometer a proeza de marcar um tento no campo do adversário.

No entanto, as suas aspirações saíam frustradas.

Apesar da forte barreira defensiva feita à volta da baliza à guarda de Kristinsson, os islandeses não conseguiram evitar a goleada, consentido três golos em cada período, e falharam na tentativa de bater o experiente Damas, que voltou a defender o último reduto dos «leões».

O Sporting, por seu lado, cedo revelou a sua intenção de repetir a goleada obtida na

deslocação à Islândia.

Assim, Manuel José apresentou apenas três defesas — Gabriel na direita, Morato ao centro e Venâncio na esquerda —, auxiliados quando necessário por Oceano, o médio sportinguista mais atrasado.

Todos os outros jogadores «leoninos» estavam incumbidos de funções atacantes, sendo Meade e Manuel Fernandes, este substituído por McDonald logo aos 16 minu-

tos devido a lesão, os mais avançados.

Depois de muitas oportunidades desperdiçadas, umas vezes por inteira culpa dos «leões» mas outras por pura infelicidade, os locais inauguraram o activo aos 19 minutos, pelo inglês Meade, na sequência de um canto apontado pelo mexicano Negrete.

Cinco minutos depois surgiu o 2-0, numa jogada individual do brasileiro Zinho, que fintou três islandeses, flectiu para a meia-lua e rematou forte e colocado com o pé esquerdo ao canto superior direito da baliza de Kristinsson, e a um minuto do final do primeiro tempo, o mesmo jogador aumentou a contagem, convertendo uma grande penalidade, assinalada por carga nítida de Hakkonnarsson a Negrete.

No segundo tempo, o Sporting voltou a pressionar os islandeses, mas com menor clarividência do que no primeiro

período, errando muitos passes e lateralizando muito o jogo, o que valeu aos «leões» algumas assobiadelas dos seus adeptos, «sedentos» de golos.

Aos 55 minutos, os islandeses dispuseram da única oportunidade flagrante para apontar o seu tento de honra, na sequência de um livre em que Thordarson meteu o esférico nas costas da defesa leonina, surgindo Sveinsson a rematar com oportunidade e a obrigar Damas a defender para canto.

Depois de alguns minutos de clara falta de inspiração e, porque não, motivação, os sportinguistas voltaram a pressionar, dobrando a vantagem nos últimos 20 minutos.

McDonald, aos 72 minutos, na sequência de um canto apontado por Negrete, e Mário, aos 79 e 86 minutos, fixaram o resultado em 6-0, em lances em que foi bem evidente a ingenuidade dos amadores islandeses.



Amigo Kristinsson, arrecade lá mais este

Ao intervalo, o Sporting vencia por 3-0.

Golos: 1-0, Meade, aos 19 minutos. 2-0, Zinho, aos 24. 3-0, Zinho, 44 (grande penalidade). 4-0, McDonald, 72. 5-0, Mário, 78. 6-0, Mário, 86.

Sob a direcção do árbitro espanhol Miguel Perez, as equipas alinharam:

SPORTING — Damas; Gabriel, Morato, Venâncio e Oceano; Litos (Mário Jorge, aos 72 minutos), Zinho, Negrete e Mário; Manuel Fernandes (Meade, aos 16) e McDonald.

AKRANES — Kristinsson; Thordarson, Gudmundsson, Larusson e Sigurdur Jonsson; Hakkonnarsson, Thordarson e Tryggvason (Sveinsson Johannesson, 78), Bardason e Petursson.

Ação disciplinar: Thordarson, aos 25 minutos, viu o amarelo.



João Alves no banco do sofrimento. Quantos cigarrinhos irá fumar esta noite?

Porque esperas Boavista?

«O Boavista é uma equipa com problemas e eu tenho de os solucionar. Estou, no entanto, muito confiante, determinado a prosseguir o meu trabalho no propósito de levar o barco a bom porto. Considero-me, pois, dominado por pensamentos positivos e acredito na eliminação da Fiorentina». Aqui está, como o técnico João Alves, se mostra sensível quanto à situação presente do futebol boavistense.

Para a noite de hoje promete João Alves um Boavista audaz, e, quanto ao futuro, pensa que «não haverá consequências imediatas a perturbarem o estado de espírito das equipas e cumulativamente o seu rendimento».

Sobre questões recentes, que poderão ter provocado mal-estar entre os componentes da equipa e o seu treinador, João Alves compreende o inconformismo de Nelson quando foi rendido na Luz, em virtude da expulsão de Alfredo, e quanto a Hubart diz Alves de que o «keeper», belga lhe merecia total confiança.

Bem, os (apenas) quatro pontos que o Boavista averba no Nacional não constituem motivos para grandes preocupações no grémio liderado por Valentim Loureiro e a confiança é

sentimento generalizado quanto ao embate desta noite, frente à poderosa turma de Florença cujos responsáveis temem o ambiente do Bessa ao mesmo tempo que reconhecem a potencialidade de Ribeiro, Frederico e (boa) companhia.

O nosso companheiro Neves de Sousa lá estará, para amanhã, aqui narrar os episódios do confronto.

Entretanto podemos adiantar que as equipas deverão (inicialmente) apresentar a seguinte esquematização:

BOAVISTA: Hubart; Queirós, Adão, Frederico e Caetano; Casaca, Walker, Toninha e Ribeiro; Nelson e Coelho.

FIORENTINA: Landocci; Gentile, Cantrato, Carobi e Pini; Galviati, Orial, Onorati e Disciarna; Diaz e Monnel.

Dirigirá a partida o holandês Jan Keiser.

Recorde-se que o encontro será transmitido pela RTP e já agora acrescente-se de que decorrem negociações para que, no domingo, possamos igualmente assistir ao Boavista-Sporting no 1.º Canal, sendo certo de que pelo menos os deradeiros 15 minutos chegarão a nossas casas.

V. Guimarães, 2 - Sparta de Praga, 1

O gato e o rato

Neves de Sousa

Quando no minuto 87 aquela excelente e inesquecível jogada desenvolvida pelos dois rapazes zairenses que, há escassos meses, talvez não soubessem onde se situava este nosso belo País foi triunfalmente finalizada pelo «apóstolo» Paulinho, eu vi cenas delirantes, vi um louco entusiasmado e vivi um momento muito rico nesta longa caminhada de «escriva» do fenómeno desportivo. Acontecia louca euforia entre as gentes minhotas que encheram totalmente o «municipal» da cidade berço. Era o golo do triunfo mais festejado no historial do maravilhoso clube que constitui um padrão de orgulho da bela gente vimaranense. As gargantas eram colocadas à prova de rouquidão e os sons estridentes ecoavam no estádio e em toda a cidade. Em todo o verdejante Minho e por que não de Melgaço à ponta de Sagres, acontecia satisfação em cada português adepto do futebol!

Meus amigos! Aquilo foi mesmo um acontecimento de constante vibração e desde o silvo primeiro do sr. Jean-Marie Lartigot que viera de França, todos nós, que tivemos a rara felicidade de ter acesso à presença deste sensacional encontro entre os poderosos checos do Sparta e os talentosos e engenhosos pupilos de Marinho Peres (um caso de singular simpatia que conquistou o carinho de todos os prosélitos do clube), nunca duvidámos de que a eliminatória seria ganha pela turma lusa, até mesmo quando no minuto 53 um canto marcado por Hasek provocou algum desencanto após o tremendo petardo rubricado pelo seu companheiro Novak que levou a bola ao fundo das redes confiadas a Jesus. Era notório que o estado psíquico e anímico, dos futebolistas de branco vestidos, apontava para o inconformismo e daí que a viragem não iria tardar. Foram vinte minutos de espera até ao «nulo» que acon-

teceu com um toque de génio do genial Paulinho Cascavel. Ele, que acabaria por «assinar» a sentença final, quando o ponteiro rolava a caminho do termo da escala e que ditaria mais trinta minutos de sofrimento.

Os checos ainda que actuando dentro do estilo vigoroso (sem se lhe apontar qualquer sintoma de dureza e muito menos de violência), não atinavam com o mapa da mina e Marinho Peres, que sabe muito do ofício, fazia cumprir todos os preceitos ditados do banco de comando. Nenê a servir de «pronto socorro» e Costeado, Miguel (que exibição, senhores!) e Carvalho entreteendo-se em estilo de recreio tocando a bola de uns para os outros (só de uma vez contei 28 toques sem os checos a «cheirarem») como que a chamar os ratinhos em busca de queijo para seguidamente os degolarem com o contra-ataque rápido por intermédio dos sobre-ranos Nascimento e Adão. Lá na frente Roldão («carrasco» em

Praga) era fortemente policiado, só que o técnico Jezec Vaclov não foi informado do valor dos dois rapazes zairenses e também se esqueceram de o advertir da existência do «venenoso» Paulinho.

Diga-se que Roldão, ainda que bem metido nas algemas checas, mostrava a arte bastante para se escapar aos seus vigias e quando ligava o turbo parecia o Marco em dia de inspiração a rolar sobre o asfalto. As claque não metem pausa e, desde os «Boys» aos «Conquistadores» passando pelos «Black & White», era um regalo escutar o incitamento transmitido aos onze magníficos que no relvado tudo faziam (e fizeram) para justificar tanto carinho e apoio, saído do granito das bancadas. O delírio viria mais tarde e Marinho Peres só não foi passeado em ombros porque o homem é mesmo dos «pesados».

Durante os 90 minutos (e os 5 a mais que o juiz gaulês determinou, pareceram-me fincados num critério de firmeza e respeito pela legalidade) a equipa local actuou inteligentemente, com todos a defender e todos a atacar, desenvolvendo um estilo de futebol em leque. É isso o futebol total. Refira-se apenas um período de menos clarividência, quando após o golo do opositor desataram a «despejar» a bolinha para o céu, o que constituía um gozo danado para os gigantes checos. Marinho estava atento e rapidamente corrigiu o defeito retomando a dinâmica anterior, e, o doce fruto viria de seguida. Delírio, choros, abraços, festa. O Vitória estava na segunda eliminatória desta competição uefaica. Com total merecimento.



«Seu» Marinho: o banco do Vitória em delírio

Com direcção do francês Jean-Marie Lartigot, as equipas alinharam:

V. GUIMARÃES — Jesus; Costeado, Miguel, Nenê e Carvalho (N'Kama, 57), N'Dinga, Nascimento, Adão e Ademir (Rui Vieira, 89); Roldão e Paulinho Cascavel.

SPARTA DE PRAGA — Stejskal; Bielík, Straka, Hasek e Dragokoupil; Calta, Chovanec, Cabala e Bilek; Skurahvy e Novak.

Tordo na Aula Magna com a "Ilha do Canto"

Amanhã e sábado, pelas 21 e 30, na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica de Lisboa, Fernando Tordo vai apresentar um espectáculo que está a ser aguardado com grande expectativa.

A primeira parte do espectáculo será, como nos disse Tordo, «uma passagem relativamente longa dos muitos anos que levo de canções, com muita presença do José Carlos Ary dos Santos ao nível dos textos». A segunda parte, essa «será essencialmente constituída pela primeira apresentação integral do meu último disco que se chamará «A ilha do Canto», a ser lançado possivelmente ainda neste mês de Outubro».

O espectáculo de Tordo tem ainda dois convidados: Pedro Osório acompanhará o cantor em toda a primeira parte; Carlos Paredes surgirá ao longo da segunda metade do «show». Porquê Osório e Paredes? A resposta de Tordo é simples: «Convidei-os porque são meus amigos e porque é reconhecido o talento musical de cada um deles».

Temos assim que na Aula Magna vai ser feita a primeira apresentação integral de um novo disco de Fernando Tordo. E o seu título não é inocente nem surge por acaso: «A Ilha do Canto». Sabe-se que desde Novembro de 82 Tordo está a viver na ilha do Faial, bem perto da bela cidade da Horta, no arquipélago dos Açores. Lá nasceu o «Anticiclone» que ainda anda na boca de todos nós. Este novo trabalho — «A Ilha do Canto» — é, segundo o autor, «um excelente aperfeiçoamento do «Anticiclone», a nível de música, dos textos, da orquestração (Raubert continua...) e do trabalho do técnico de gravação José Manuel Fortes».

Mas por falar em Açores: Tordo lá continua a viver. Gosta da ilha. Gosta das gentes. Gosta daquele mar, cujo ruído meigo envolve a música que lhe sai dos dedos e da voz nas noites profusas do arquipélago. Se vai continuar a viver nos Açores? Tordo sorri e passa as mãos pelos cabelos: «Estou em Lisboa desde Março — e estes meses constituem o período mais longo que passo no Continente desde que fui viver para o Faial. Tenho que tratar de assuntos que se prendem com a minha vida particular e profissional, e ainda vou ficar por cá mais algum tempo. Mas logo que estejam criadas as condições volto para a minha ilha. Imediatamente. Para viver e fazer o tipo de trabalho que tenho vindo a fazer, pois claro, no Faial é que é... Mas não posso esquecer que há coisas que só aqui, em Lisboa, posso resolver».

Voltando ao espectáculo da Aula Magna, amanhã e sábado: Tordo gostava de ver, ali, muito público, pois, diz, «trata-se de um excelente local para um encontro de pessoas que nem sempre se encontram, apesar de se estimarem... Como aconteceu em Abril de 85».

CRÓNICA DE TOUROS

Praça de touros de Sevilha. Sexta-feira, 15 de Agosto de 1986. Touros de Lorenzo e Alejandro Garcia para Juan Mora, Curro Duran e Lucio Sandin.

Sevilha. Tarde calorosa de Agosto, sem bulir uma palha. Acabada a sesta — yoga ibérico lhe chamou Cela, o galego escritor — animam-se as redondezas da praça, vão-se enchendo os bares até à porta, incluindo naturalmente o que dá pelo nome de «Glória Bendita». A glória, mesmo que não chegue a bendita, aspiram os três jovens matadores, cartaz feito de esperanças, para a corrida tradicional do dia da Virgem na Maestranza, onde os três receberam a alternativa, a ilusão posta num futuro que os fados lhes fizeram difícil.

Primeiro foi Juan Mora: distante se lhe pôs a glória, quando ao despertar do sonho daquele domingo de Páscoa do ano 83, vestido de luzes entre Manolo Vasquez e Curro Romero, se sucedeu o andar por aí, sem padrinhos nem contratos, até que nesse difícil caminho de tantos lhe deram em Madrid uma dura corrida. E Madrid o viu arriscar a pele,

seu nome acabou falado, afinal o toureiro do moço tinha ao mesmo tempo valentia e sabor, toureiro da Estremadura com cedências andaluzas. E nesta temporada portas se lhe foram abrindo, já com dezasseis tardes toureadas, voltou ao lugar do sonho, disposto a mostrar como é um matador feito, com direito a somar muitas mais. E bem o mostrou Juan, de maneira a não deixar dúvidas a ninguém. Não só por usar na faena o estoque de verdade, como faziam os antecessores, mas também pela classe com que embarcou as investidas em que os Garcias invocavam a sua procedência do sangue nobre e desejado dos Nuñez. Uma volta à arena deu Juan Mora no que abriu praça, e uma orelha passou em triunfo, depois de abater o quarto da tarde, com uma estocada molhando a mão. Mas a importância maior foi o seu modo de estar na arena, o garbo dos passes por baixo, a classe do tourear assim templado,

sem forçar nem retorcer a figura, com essa difícil facilidade de tornar simples aquilo que é dom de poucos, com esse sentimento que nos dá vontade de chamar-lhe toureiro, três vezes toureiro.

Diferente foi para Curro Duran o caminho. No mesmo lugar tomou a alternativa, doze dias eram passados sobre a de Mora; e também com cartaz sonante de feira de Abril, Curro Romero de padrinho e Ojeda por testemunha. Mas depois dela logo dias felizes aconteceram a este outro Curro, e aos muitos seguidores que da sua Utrera trazia. Dezenas e dezenas de corridas somou, até triunfador foi do Santo Isidro madrilenho. Mas a quebra chegou quase de repente, no âmbito e nos contratos; e quase de todo se apagou a boa estrela, chegado meio Agosto e apenas sete tardes toureadas, sem glória de se ouvir falar. Mas esta tarde sim, haviam de tornar a falar dele, do Curro Duran. E dele ficaram falando os que na Maestranza o viram, os que tinham vindo de Utrera e os outros, para ele pediram com calor a orelha do segundo, e as duas do quinto reclamaram à

presidência, que só a uma aceitou, e assim o privou da saída em beleza pela Puerta del Principe. Na lide dos dois inimigos, animada também pelos pares de seus peões Luis Maniscal e Manolo Gil (que saudaram, mantera na mão, como também Curro Alvarez teve de fazer ao bandarilhar o Terceiro da tarde), pôs Curro Duran uma templada elegânica, com um sítio e ligação que dir-se-ia estar toureando todos os dias, quando apenas jogava os dias que não de vir, reclamava o direito a que lhe devolvam a boa estrela, tão cedo ganha e tão cedo perdida.

A Lucio Sandin, cedo lhe quis o destino apagar a estrela. Ali, naquela arena da Maestranza que ao jovem elegante novilheiro abriu a porta principal para os ombros o levante, logo a tarde seguinte e merecida se fez trágica, uma haste certa lhe arrancou um olho. Julgaram ser o fim, mas ele com raro ânimo teimou; madrilenho nascera, mas Sevilha o adoptou como vida, em sua arena dourada o fez matador, dois anos depois dos companheiros, era domingo de Páscoa do ano 85. No cartaz, nada menos que Curro e Paula, a efeméride da alternativa

apagada pelo regresso do cigano, da prisão de El Puerto saíra Rafael para tourear, vestido de negro e prata, apagando lembranças de tudo o mais com aquele quite ao último da tarde, que Sandin iria estoquear sem demorada fortuna, restar-lhe-ia o carinho da ovação, coisa pouca para a mínima de contratos, para os dias de desespero que haviam de vir, nos altos e baixos do ânimo a decisão de abandonar, logo arrependida, trocada pelo remar contra ventos e marés. Com dez corridas toureadas, torna Lucio a Sevilha, amparado na lembrança de tardes em que pôde saltar a centelha da sua classe, e no calor com que o recebe a gente. Mas não lhe sorri a fortuna, no sorteio lhe reserva os touros menos claros, incómodos cabeceiros, pausas na alegria da tarde, descanso nos entusiasmos e clamores: para Sandin apenas outra vez o sentimento da ovação de despedida, quando a arena atravessa na retirada, com a vista que lhe resta inundada de tristeza, olhando as bancadas donde o animam a continuar, a juntar-se aos triunfantes companheiros em sua renascida esperança.

O toureiro da terra

Praça de Touros de Almendralejo. Sábado, 16 de Agosto de 1986. Touros de Fermin Bohorquez para Curro Vasquez, Luis Reina e Pepe Luis Vasquez.

O toureiro da terra, o que se diz o toureiro da terra, não é aquele que da terra partiu à conquista do mundo, e por lá ficou, só de vez em quando vem, sorriso aberto à homenagem. O toureiro da terra é aquele que nela foi nascido, e ficou, vive algures próximo dessa arena onde deu os primeiros passos, e onde espera que venham figuras, venham as que vierem ele não vira a cara, discute com elas os aplausos. Não para se fazer rico. Mas para que no dia seguinte, na rua, no café, à porta da farmácia, onde quer que com ele se encontrem, os vizinhos o cumprimentem com uma admiração vestida de orgulho. Ou pelo menos o olhem sem ridículo. O toureiro da terra sai pouco para tourear noutras pra-

ças, noutras terras. Paciência. Se muito toureasse nelas, se por toda a parte conhecessem seu nome, já não seria toureiro da terra, mas de muitas terras. O toureiro da terra tem uma ambição modesta e conformada, de entre os seus se mostrar o primeiro, às vezes nem isso, já basta que para a corrida das festas o chamem, se lembrem que ele existe, que na terra vive um toureiro.

★ ★ ★

Episódio de Francisco Jiménez, Pacorro, contado por Fernando Quíñones, dele testemunha, nas páginas de «La Gran Temporada». Pacorro era em Cádiz o melhor bandarilheiro da

cidade, e o único profissional do toureiro que ali residia. Naquele dia, Manolete despachava com Ortega e Arruza, na praça agora encerrada, uma corrida de Domercq; e tendo adoecido, já no hotel, o seu peão Cantimplas, foram chamar Pacorro para tapar o buraco aberto na quadilha do Monstro. O homem tirou do armário o seu invariável traje meio fúnebre, azul escuro e negro, e nele meteu a custódia a figura gorducha, que os concidãos achavam ao mesmo tempo divertida e perigosa. E na hora lá estava, com a voz chamando o touro, e com os braços metendo no alto o seu primeiro par de bandarilhas. Distráido estava Manolete, junto da barreira pedindo água; e estranhando o clamor da ovação de gala, que na praça gaditana de repente se levantara, perguntou a Pacorro, que às tábuas voltava, o que tinha acontecido. E disse sorrindo o bandarilheiro, com sua modéstia de toureiro da terra:

«Não sucedeu nada. E que eu sou daqui.»

★ ★ ★

Na praça de Almendralejo em festa, ao lado do verde tranquilo do jardim de palmeiras e da branca ermida da Piedade, no passeio avançado decidido o toureiro da terra. Chama-se Luis Reina. Matador ainda novo e já de poucas corridas, por mais carne que ponha no assador. Mas ele teima, não se conforma. Ao menos que o vejam seus conterrâneos, que saibam a fé com que se entrega, disposto a tudo. Mesmo que o não mereçam os touros de Bohorquez, que nesta temporada têm saído tão impróprios, o resto da camada bem a pode rifar o ganadero. Mesmo que não o desafiem nem provoquem os companheiros de cartaz, artistas de rara inspiração, tão raro no tempo como na qualidade, andou Curro Vasquez desconfiado, e Pepe Luis Vasquez

nem isso, sem encontrar para a frágil figura um instante de sossego. Mas estava ali, o toureiro da terra, se impossível era o touro que em primeiro lugar lhe coubera, possível tinha de ser aquele que aí vinha. Os joelhos em terra para a larga afarelada, o querer vibrante nas verónicas, e cingido nas gaoneras, os gestos largos à quadilha para poupar o touro ao castigo das varas e à brega das bandarilhas, e na faena outra vez os joelhos na terra sua, e assim toureando pela direita, e agora de pé, e os naturais, e a música, e os olés, e os molinetes, e os desplantes, e as palmas a fazerem fumo, e o beijo na lâmina da espada, beijo perdido no desespero dos pinchazos, dos descabellos falhados, e apesar disso a ovação reclamando a volta, clamorosa, as prendas voando generosas das bancadas, para que o toureiro sinta que está entre os seus, saiba que toureiro da terra continua a ser.

Carlos Paredes e Vitorino d'Almeida gravam juntos 'Invenções Livres'

«Invenções Livres» é o título do álbum que Carlos Paredes e António Vitorino d'Almeida acabam de gravar.

As gravações decorreram no Angel Studio, em Lisboa, e a

produção esteve entregue a José Manuel Fortes.

«Invenções Livres», como o próprio nome indica, é um trabalho de improvisação, sem escolha prévia de temas ou de se-

quências musicais.

Os instrumentos escolhidos são a guitarra portuguesa e o piano, não apenas por serem os preferidos destes dois músicos como ainda pela sua expressividade sentimental.



ESPECIAL FÉRIAS / 86 HOTEL DO PARQUE

— VIANA DO CASTELO

SE AINDA NÃO GOZOU AS SUAS MERECIDAS FÉRIAS, VENHA ATÉ AO ALTO-MINHO E VIVA CONNOSCO AS FESTAS DA VINDIMAS DO VINHO VERDE. OFERECEREMOS-LHE CONDIÇÕES ESPECIAIS NO SOSEGADO AMBIENTE DAS NOSSAS 4 ESTRELAS E 2 PISCINAS NO VERDE NATURAL DESTA REGIÃO. 7 DIAS: 11 200 P.P. EM QUARTO DUPLO A PARTIR DE 1 DE OUTUBRO (SUP. PARA MÊS DE SETEMBRO 1 750 800). PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS «FINS-DE-SEMANA» E «MINI-FÉRIAS» ATRAVÉS DOS TELEFONES: 24151/5 — TELEX: 3211 OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS.



A colonização pelas telenovelas

Bye Bye Portugal

A indústria portuguesa «corre o risco de ser canibalizada pela concorrência estrangeira, a agricultura e o comércio estão ameaçados pela Espanha e a cultura está hipnotizada pelas novelas brasileiras» — lia-se ontem no «Jornal do Brasil».

Num artigo intitulado «Bye Bye Portugal», Luís Filipe Alencastro, professor do Instituto de Economia da Universidade de Campinas, afirma que «o Portugal de ontem nos diz adeus» e que está agora «a atravessar uma crise de identidade».

Segundo o articulista, «para os brasileiros exilados na Europa durante os últimos anos, as viagens a Lisboa eram uma peregrinação indispensável para recarregar as baterias de brasilidade».

«Eram a certeza de encontrar os únicos vira-latas desinibidos da Europa, eléctricos iguais aos que ligavam Larangeiras a Copacabana, a zoeira dos bares e o eco das conversas nocturnas nas ruas das cidadezinhas» — comenta.

Mas — interroga-se Filipe Alencastro — «o que restará de tudo isto daqui a dez anos, quando o comboio de aço da CEE estiver rompendo o véu de todos os rincões lusitanos?»

Segundo o professor brasileiro, «a indústria portuguesa corre o risco de ser canibalizada pela concorrência estrangeira, a agricultura e a pesca estão directamente ameaçadas pelo rolo compressor espanhol».

O autor considera ainda Portugal «ameaçado pela invasão comercial espanhola e culturalmente hipnotizado pelas telenovelas brasileiras que o deslocam da sua posição central no mundo lusófono», concluindo, depois destas considerações, que «é o Portugal de ontem que nos diz adeus».

Teatro brasileiro invade Lisboa

Três peças de teatro brasileiro vão no próximo ano ser exibidas nos palcos portugueses, dirigidas pelo director de teatro e televisão Atilio Ricco. As peças são «Trair e coçar é só começar», «Sua excelência o candidato» e «Férias extra-conjugais».

O início da exibição das peças está ainda por marcar devido a dificuldade em contratar dois actores brasileiros que sejam bem conhecidos em Portugal pelo seu papel em telenovelas. Contudo, Atilio Ricco prevê estrear a primeira peça em Lisboa, em Setembro do próximo ano.

Os palcos portugueses poderão vir a conhecer ainda o trabalho da actriz Bibi Ferreira com a comédia musical «Piaf».

Também os actores Italo Rossi e Walmor Chagas anunciarão que vão apresentar em várias cidades portuguesas o espectáculo «Encontro com Pessoa», com o apoio dos Ministérios brasileiro da Cultura e das Relações Exteriores, bem como das Fundações Gulbenkian e Brasil-Portugal.

O semanário «O Mundo Português» anuncia ainda que a actriz Tônia Carrero terá sido convidada pessoalmente pelo Presidente da República, Mário Soares, a montar em Lisboa a peça «Quartet», de Heiner Müller.

Um triste espectáculo

Rui Eduardo Paes

Carlos Porto, crítico de teatro neste jornal, publicou no passado dia 30 de Setembro, terça-feira, um extenso artigo que, por me ter como assunto de base, muito me honrou. Aliás, estou em crer que se eu fosse tão insignificante como pretende com certeza não mereceria duas páginas de jornal só para mim. Estou-lhe muito grato.

No entanto, apesar de ter apreciado bastante a sua prosa, como sempre devo dizer, pois me conto entre o número das pessoas que nas páginas do «Diário de Lisboa» mais procura a sua assinatura, devo fazer alguns reparos sobre uma ou outra inexactidão sua de algumas importâncias.

Em primeiro lugar tenho de esclarecer Carlos Porto que é incorrecto chamar-me de «articulista» nesse seu artigo intitulado «O que acontece quando um actor não sabe o seu papel». De facto, o meu texto publicado no «Expresso-Revista» a que esse senhor faz referência não é um artigo e sim uma reportagem e eu não sou um articulista e sim um repórter.

Creio mesmo que o fundamental erro de interpretação de Carlos Porto na leitura dessa minha peça foi não ter sabido distinguir os géneros jornalísticos. O que é de admirar, para quem há tantos anos escreve textos para um jornal. Por isso é que o crítico de teatro se equivocou ao tomar como perspectivas subjectivas minhas o que é, muito diferentemente, o resultado de um levantamento de dados que basicamente toda a reportagem pretende fazer e aos quais eu, acrescentando, não me limito a veicular: o jornalista também pensa. Talvez fosse já tempo de Carlos Porto, que pretende fazer-me passar por ignorante, dirigir o seu olhar para outros lugares que não apenas os palcos.

Sempre tenho defendido um jornalismo da verdade, que trata

os temas sem os disfarçar ou enfiar, com a noção de que as coisas e as pessoas são como são e assim mesmo nasce o seu interesse. Há quem (embora pense que nem tantas pessoas assim) não tem compreendido isso, e Carlos Porto parece encontrar-se nesse caso. É assim que em relação ao registo de um simples facto, o de que o teatro independente se identificou com a dinâmica das transformações do 25 de Abril, constituindo-se como um fenómeno intimamente ligado com as posturas de extrema-esquerda e comunistas dos anos 74 e 75, Carlos Porto pretende entender que eu fiz, nessa minha reportagem, anticomunismo. Absurdo, claro. Porque não só nada tenho contra como considero que foram esses os anos mais criativos da nossa vida nacional.

Ou seja, há constatações óbvias que para Carlos Porto devem ser eternamente iludidas. Deste modo, o fenómeno do teatro independente no pós-25 de Abril não pode ser, segundo o seu obscuro pensamento, analisado na sua profundidade. Carlos Porto acha que não se deve dizer que o teatro independente tem uma caracterização político-cultural de esquerda. Ridículo, não? E não quero compreender que a partir de dada altura foi precisamente essa caracterização que o Poder procurou diluir. Enfim.

O crítico de teatro deste jornal procurou dar de mim a imagem de alguém que, por ser jovem, é necessariamente «verde» no ofício e ignorante das suas questões, numa atitude do mais lamentável paternalismo. Até no título escolhido tal transparece: «O que acontece quando um actor não sabe o seu papel»? Sim, o quê? Leva tautau? Portanto, Carlos Porto pretendia que eu, por ser um jovem jornalista, deveria dedicar-me somente aos «fait-divers». É um insulto a todos os jovens que tentam sim-

grar em carreiras escolhidas por gosto.

Mas esse senhor, para reforçar o retrato de um Rui Eduardo Paes de bibe desenhado-me muito mal naquela história de eu lhe ir bater à porta para pedinchar informações sobre o teatro. Não: eu fui bater-lhe à porta para recolher elementos e declarações suas enquanto crítico. Disse-lhe sim que pouco conhecia do teatro, mas para lhe indicar a minha intenção de abarcar o fenómeno teatral como um todo. Como é possível distorcer assim? Não sei talvez me tenha interpretado mal, o senhor Carlos Porto, preocupado certamente com as coisas que tinha de pôr na mala a fim de seguir para Santarém (ah, a propósito, eu não conversei com ele duas horas, mas uma só, e não lhe tirei da alma mundos e fundos, porque Carlos Porto estava cansado e lacónico).

De facto, só há cerca de quatro anos é que me dedico ao jornalismo, mas estou bem longe de ser verde e Carlos Porto sabe-o mais do que diz. Consideram figuras conceituadas (que não eu, atente-se) ser eu um dos valores mais apreciáveis da nova geração do jornalismo português. Sempre me foi indiferente esse juízo porque até há pouco não me trouxe qualquer espécie de reconhecimento prático. Mas o facto de ter sido convidado para trabalhar no «Expresso-Revista» não deriva com certeza de nesse jornal precisarem de jornalistas principiantes. Ou Carlos Porto conhece mal o meu trabalho ou finge desconhecer-lo.

Porém, surpresa das surpresas, mais adiante no seu texto o crítico abandona a invectiva de eu ser ignorantezinho coitadinho para se resolver pela minha perversidade anticomunista. No entanto, nada do que escrevi por minha lavra na reportagem do «Expresso» revelava sequer por um instante qualquer sombra de anticomunismo. E aqui, já que CP me quis ofender tão pessoalmente, embora eu nunca o tivesse feito a ele, devo acrescentar

alguns dados pessoais: se na verdade nunca fui militante comunista é minha uma formação marxista que não desdenho, e mais: nos meus tempos de dirigente estudantil colaborei com a estrutura da JCP. Nos anos de MIRN's nas escolas estive metido em pancadarias por ser considerado comunista e inclusive de uma dessas ocasiões poderia não ter voltado para contar.

Com que então estou «a imitar Pinochet»? sou «perigoso» e «desonesto», quero regressar à «caça às bruxas», «levar a água ao moinho do Poder»? Não, o Carlos Porto não conseguiu negar-me. Antes pelo contrário: deu foi um muito triste espectáculo de si mesmo. As manias de perseguição dá-se o nome de paranóia: será que já não chegou a altura de reparar que as perseguições do fascismo acabaram? Ou a perseguição dará glória?

Segundo Carlos Porto, eu fiz anticomunismo para agradar aos meus chefes do «Expresso-Revista»: mas que ideia tão mesquinha. Acontece só que eu nunca pedi nada a ninguém a meu favor nem nunca engraxejei quem for: o que eu tenho é o que me é devido, nem mais. E há quem me deva muito. O Carlos Porto escreveu pois um artigo patético e destrambelhado.

Aconselho os leitores do «DL» a esquecerem-no depressa, já que não é digno de tão ilustre crítico. Cá por mim coleio-o na parede onde assinalo as minhas pequenas vitórias.

Não, Carlos Porto, eu não volto à casa de uma pessoa que em vez de contra-argumentar comigo democraticamente utiliza o golpe baixo e o jogo de palavras sujo. Você não merece ter-me na sua sala. E fica o assunto encerrado que estou a perder o meu tempo.

Registo apenas, divertido, que o crítico não conhece o termo Recuperação para designar o pós-25 de Novembro. É o cúmulo. Mas também: o que se esperava?

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA GOLEGÁ

ANÚNCIO

Por este Juízo e 2.ª Secção de processos correm editos de TRINTA DIAS contados da data da 2.ª publicação deste, a CITAR os credores desconhecidos da requenda — «URBETAL-Gabinete de Projectos de Construção Civil e Urbanizações, Lda» com sede na R. Pedro Álvares Cabral, 1-1.º-Entrancamento, para no prazo de SETE DIAS, fundo o dos editos, deduzirem, querendo, oposição, justificarem sumariamente os seus créditos ou requererem alguma providência tendente à recuperação da empresa, nos autos de ACÇÃO ESPECIAL (de Recuperação de Empresa e Protecção de Credores) n.º 113/86 que à requenda movem «J. JUSTINO DAS NEVES, Lda» e outros.

Secretaria Judicial da Golegá, 30 de Setembro de 1986.

O Juiz do Direito
a) Dr. Gabriel Martins dos Anjos Catarino

O Escrivão de Direito
a) Manuel da Costa Oliveira Morgado

«DL» 2/9/86-1.ª Pub.

APOIO Diário de Lisboa

CALAMITY JANE

Uma Mulher de Armas
ou
O Monólogo da Vaqueira

De 3.ª a Sab., às 21,30 h
Sáb. e Domingos,
também às 16 horas

A BARRACA

Rua Alexandre Heróclano, 70 - 1200 Lisboa

PROCURA-SE!



0000\$00

RESERVAS - TEL. 686300

MARIA DO CÉU GUERRA

música

António Cardoso

direcção

Helder Costa

EM EXIBIÇÃO • 4.º MÊS

• AR CONDICIONADO •

Festival de Cinema de Tróia: 2ª edição exige melhor qualidade

Menos filmes mas maior qualidade, eis a palavra de ordem da segunda edição do Festival Internacional de Cinema de Tróia, cujo programa foi anunciado em Lisboa pelos organizadores.

O festival vai este ano dar especial relevo às novas cinematografias europeias, especialmente a inglesa e francesa, de par com o cinema português mais recente representado com os filmes «Repórter X», de José Nascimento, «De Uma Vez por Todas», de Joaquim Leitão, e «Uma Rapariga no Verão», de Vítor Gonçalves.

Em contraste com os 185 filmes exibidos em 1985, cerca de 80 participaram nesta edição e

serão cerca de 40 a ir a concurso na secção do tema livre.

Mário Ventura, falando em nome da direcção do Festival, lamentou em conferência de Imprensa que os apoios a certame não sejam ainda proporcionais à importância que lhe vaticina num futuro próximo.

«O Festival de Tróia quer entrar na primeira categoria dos festivais internacionais de cinema», disse. «Para tal é indispensável que as entidades públicas e privadas, sobretudo as que se ligam à Cultura e ao Turismo, compreendam a necessidade de uma tal manifestação e decididamente apoiem o seu projecto».

Entre os filmes cuja participação oficial está assegurada

contam-se por exemplo «Wether By», do inglês David Hare, com Vanessa Redgrave, «Mona Lisa», do inglês Neil Jordan, com o actor Bob Hoskins, referido na Imprensa americana como «o novo Humphrey Bogart», o último filme de Mario Monicelli «Speriamo Che Cia Femina», e «Rosa la Rose», de Paul Vecchiali.

Segundo os organizadores do Festival, as expectativas deste ano vão ainda para as obras do cinema soviético como «A Lenda da Fortaleza Suran», de Serguei Aparadjanozi e David Abachidze, assim como a primeira obra da actriz sueca Ingrid Thulin, que fará parte do júri do Festival.

«Fool for Love», do norte-americano Robert Altman e «Sunaway Trean», de Andrei Kontchalovskii, são outros filmes agendados e conta-se poder exibir uma versão francesa ou inglesa de «Sacrifício», de Andrei Tarkovskii.

O realizador Costa e Silva, da direcção do Festival, sublinhou, por seu turno, que serão trazidos a Tróia exemplos de cinematografias raramente vistas em Portugal, como as da Argentina, Colombia, Brasil, Cuba e Venezuela. Lamentou, no entanto, a ausência do cinema africano, devida à falta de cópias disponíveis.

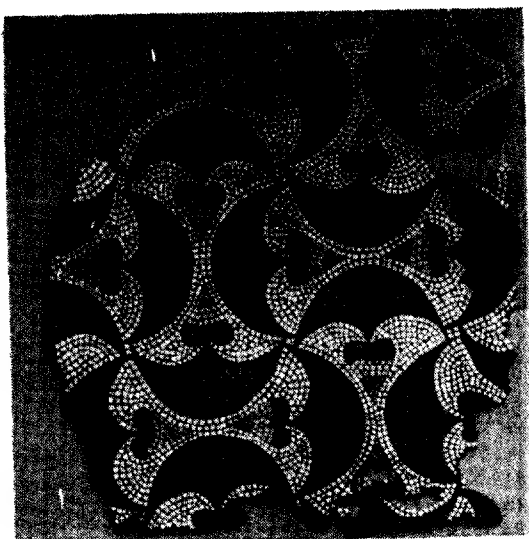
O Festival continua a contar com a secção «O Homem e a Natureza», realizando-se um ciclo «A Antiguidade Clássica e o Cinema», que mostrará 15 filmes e dará lugar a debates com realizadores, críticos e argumentistas.

A situação actual do cinema português e as relações entre os jornalistas e o cinema vão ser também matéria para outros debates.

Nesta segunda sessão, a da «adolescência» do Festival as exposições serão alargadas a uma sala da cidade de Setúbal e alguns dos filmes a exibir em Tróia serão depois passados em Lisboa no Cinema Quarteto, para os espectadores que não puderem deslocar-se à península da Foz do Rio Sado.



Costa e Silva, Mário Ventura e Salvato Teles de Menezes, da direcção do Festival de Tróia, na apresentação à Comunicação Social



Uma das obras de Chloë Mac Millan,

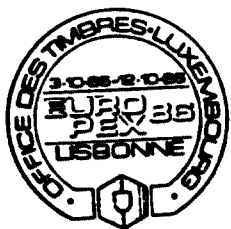
Exposições

- No Grémio Literário inaugura-se hoje, às 19 horas, uma exposição de Pintura de Chloë Mac Millan sobre o tema «Mosaicos-Casas-Cortiças». Esta mostra, que se insere na comemoração dos 140 anos do Grémio Literário, realiza-se sob os auspícios do embaixador da Áustria, Bruce Woodberry. Patente até ao dia 10, das 18 às 23 horas, nos dias úteis e das 15 às 23 horas, no fim-de-semana, estando encerrada no feriado 5 de Outubro.
- Nas Galerias de Exposições Temporárias da Gulbenkian, inauguração hoje, pelas 18 horas, de uma mostra de Pintura e Desenho, de Manuel Botelho.
- No Atrium da Imprensa (Casa da Imprensa, Rua da Horta Seca, n.º 20) uma mostra intitulada «Collectiva I», com trabalhos de Artur Bual, Artur José, David de Almeida, Gisella Santi, Manuela Martinho, Maria Delfina Macedo, Maria José Mateus, Arnaldo Figueiredo e Tomás Mateus.
- No Clube 31 de Janeiro «Os Celtas», do Barreiro, patente uma mostra de Sam, com o título «A Ratoeira». Esta exposição/intervenção do conhecido cartomista, autor do Guarda Ricardo, abriu, no passado dia 27 de Setembro, o I Encontro Outonal de Arte dos Novos. «A Ratoeira», tema tratado por Sam é, no dizer do autor, «uma reflexão bem humorada sobre os perigos de estarmos vivos». A mostra pode ser visitada na sede «Os Celtas» (Rua dr. Manuel Pacheco Nobre, 124, no Barreiro), todos os dias, das 14 às 18 horas e das 21 às 23 horas.
- Na Escola Secundária António Arroio, uma colectiva com trabalhos dos alunos que frequentaram o ano lectivo passado, nas áreas de Cerâmica e Metais, Equipamento, Artes Gráficas, Artes dos Tecidos e Imagens e Comunicação. Patente todos os dias, excepto sábados e domingos, das 9 às 20 horas.
- Colchas de Castelo Branco até 4 de Outubro, na Galeria Almada Negreiros (Av. da República, 16): cópias de colchas dos séculos XVII e XVIII, provenientes do Museu Tavares Proença Júnior.
- Na Galeria Espaço 2062, no Shopping Center das Amoreiras, «Últimos projectos, desenhos e objectos» concebidos por Tomás Taveira, até 12 do mês corrente.
- No Restaurante Bolixa à Rua de S. Bento, 334, Eduardo Santos Neves expõe desenho e acrílico pastel grafite. Até 16 de Outubro.
- Na Livraria Barata — Av. de Roma, 11-A, de segunda a sábado, das 9 às 23 horas, até finais do mês, uma exposição de equipamento ligado ao ensino — mobiliário escolar, material técnico de desenho, pintura e ilustração, cálculo, equipamento informático e livros didácticos.
- João Cutileiro tem esculturas expostas no Museu Nacional do Traje, todos os dias (excepto segundas-feiras), até finais de Dezembro.
- Na Sala de Arte do Restaurante Escorial (Rua das Portas de Santo Antão, 47) é inaugurada, esta tarde, uma exposição de óleos e aquarelas de Marianela Roque. Patente até ao dia 23 do corrente mês.

Teatro

- A companhia do Teatro Ibérico está a ensaiar «A Vida é Sonho», um texto de Calderon de la Barca, para abertura da temporada teatral 86/87. Esta peça que é uma obra cimeira da dramaturgia calderoniana do «século de ouro» espanhol e universal, forama parte essencial do programa do Teatro Ibérico desde a sua fundação e só agora será apresentada ao público português, no belo espaço de Xabregas, enquadramento ideal para um grande texto clássico desta índole. O espectáculo tem encenação e cenografia de Blanco Xil, a quem corresponde também a tradução do texto, figurinos de António Filipe, interpretação de Blanco Xil, Jorge Sousa Costa, Francisco Soromenho, Luzia Paramés, Lídia Franco, António Filipe, Miguel Martins, Alfonso Blanco e Manuela Cassola.

ROTEIRO CULTURAL



Selos da CEE em exposição

Mário Soares, que foi filatelista amador, inaugura sexta-feira em Lisboa, no Forum Picoas, a Europex, o maior acontecimento filatélico jamais realizado em Portugal.

Trata-se de um salão internacional que agrupa as colecções de selos mais importantes dos doze países das Comunidades Europeias.

Lisboa será, assim, a partir de sexta-feira, a capital filatélica da Europa.

Trata-se igualmente da primeira vez que um certame deste tipo, com a presença exclusiva de todos os subscritores do tratado de Roma, se realiza.

A ideia da Europex nasceu há um ano atrás com a adesão europeia de Portugal. A iniciativa pertenceu às entidades filatélicas nacionais ao mais alto nível.

Por isso, a Europex contará não só com as representações das Administrações Postais (os editores de selos) como também com as colecções escolhidas pelas federações filatélicas.

Leiria Viegas, director dos Serviços de Filatelia dos CTT, afirmou que a Europex «é um salão único». «Vamos



ter pela primeira vez em Portugal, disse, uma riquíssima e invulgar exibição de colecções filatélicas de todo o mundo».

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ASES INDOMÁVEIS

(m. 6 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

AS FORÇAS DO UNIVERSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

REVOLUÇÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

UM DIA A CASA VEM ABAIXO

(maiores 6 anos)

13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Apolo 70

QUATRO AMIGOS

(não ac. men. 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila

— T. 539930

O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)

14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

EMANUEL - A ANTIVIRGEM

(maiores 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

COM A PIZZA... TUDO SE FAZ

(Int. a m. 18 anos)

15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(n/acons. 13 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorsese. Grande Prémio da melhor realização/ Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cineblanco

— T. 556824

PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

A ESCOLA DO DEVER

(maiores 16 anos)

24 h

Cinebolso

MINOUCHE A INSACIÁVEL

(int. men. 18 anos)

12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

É URGENTE MATÁ-LOS TODOS

(maiores 16 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

OS MALDITOS

(int. men. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

FELIZ NATAL MR. LAWRENCE

(maiores 18 anos)

24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

REGRESSO AO FUTURO

(maiores 18 anos)

16 e 21.45 h

Estúdio Sheza

POLICE ACADEMY 3 — DE VOLTA AOS TREINOS

(maiores 6 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 6 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Condes

— T. 322523

VOLUNTÁRIO À FORÇA

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

ROCKY

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

O MOMENTO DA VERDADE II

(maiores 12 anos)

14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

JOGOS DE GUERRA

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

NOVA IORQUE FORA DE HORAS

(maiores 16 anos)

15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova

Sala 1

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

JOVENS MÉDICOS

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

PLENTY — UMA HISTÓRIA DE MULHER

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

Não há sessão

Gemini

— T. 734009

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

SONHO AMERICANO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

ACTO DE VINGANÇA

(maiores 12 anos)

14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

O PRAZER DE GANHAR

(maiores 12 anos)

18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

(maiores 18 anos)

14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

ANA E AS SUAS IRMÃS

(não acons. men. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

ANA E AS SUAS IRMÃS

(n/acons. men. 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Encerrado para remodelação

Nimas

— T. 574362

GINGER E FRED

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A ARCA DO JOGO

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

007 NUNCA MAIS DIGAS NUNCA

(maiores 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxa

T. 548560

O HOMEM FURACÃO

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

14.15, 17.30 e 21.00 h

Sala 3

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)

14.30, 18.00 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

A COR PÚRPURA

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Star

— T. 804210

GINGER E FRED

(não acons. men. 13 anos)

15, 18.15 e 21.30

Terminal

— T. 371573

O MOMENTO DA VERDADE

(maiores 12 anos)

14.00 e 21.00 h

Tivoli

— T. 570595

FANTASIA

(não ac. a men. 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

TAXISTA DO RITMO

(maiores 12 anos)

15.00, 17.30 e 21.45 h

Voxmanlia

— T. 830808

O HERÓI DA RUA

(maiores 13 anos)

15.00, 18.00 e 21.00 h

Xenon

— T. 368480

ACTO DE VINGANÇA

(maiores 16 anos)

14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

EXIBIÇÃO

PERMANENTE DE

FILMES

(Indianos)

15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «As Forças do Universo», às 21.30 h (m. 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «Música no Coração», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «As Cartas de Amor de uma Freira Portuguesa», às 15.00 e 21.30 h (m. 18 anos)

Babilónia — «Gansos Selvagens»

», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Teatro Chaby — «Descanso»

Estúdio Dois EME — «Academia de Polícia 3», às 21.30 (maiores 6 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «A Garota do Vestido Cor de Rosa»

», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — «Gente Gira n.º 2»

», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «A Garota do Vestido Cor de Rosa», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Espiões como Nós»

», às 15.30, 19.00 e 21.45 (m. 12 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «Momento da Verdade», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

CASCAIS — Miramar/Sala 1

— «Ana e as suas Irmãs», às 15.15, 18.15 e 21.15 h

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «O Pequeno Lord», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALMADA CINESTÚDIO

— «A Experiência de Filadélfia», às 15.30, 18.15 e 21.30 (m. 16 anos)

Oceano — Sala 1 — «Pela Noite Dentro»

», às 15.45 e 21.30 h (não acons. a men. 13 anos)

Sala 2 — «O Sol da Meia-Noite»

», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «Revolução», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical

— «Top Secret — Ultra-Secreto»,

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— **ALCANTARA: Nogueira**, R. de Alcântara, 5-A-B (T. 637563); **ALTO DE SÃO JOÃO: Oriente**, R. Lopes, 120 (T. 843381); **BAIXA: Unifra**, R. da Vitória, 21-23 (T. 323793); **CAMPO DE OURIQUE: Porfírio**, R. Francisco Metrass, 59-B (T. 663349); **CHILE: Bastos**, R. Moraes Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO: Salus**, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO: Asencio**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FRENTE À FEIRA POPULAR - AVENIDA DA REPÚBLICA: Alcântara**, Av. da República, 74-A (T. 771379); **ROMA - TEATRO MARIA MATOS: São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (T. 885140); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Sousa**, E. de Benfica, 429-431 (T. 780027 / 789985); **SÃO SEBASTIÃO: São Sebastião**, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **TELEFONEIS - QUINTA DE SÃO VICENTE: Quejas**, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício E-1, loja 21 (T. 7584144); **COLINA DO SOL - BRANDO - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfarelos, cédula G, lote 35 (T. 996540); **ODIVELAS: Letão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9810051); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALVALADE - AVENIDA DO BRASIL: Maribel, Av. de Roma, 131-A (T. 776235); **BENFICA - BAIRRO DAS PEDRALVAS: Gouveia**, R. Augusto Costa (Costinha), lote 4, loja, Dt.ª (T. 707500); **CHELAS - COLÉGIO VALSASINA: Santos Silva**, zona n.º 2, Chelas, bloco III, lote 226, loja 22 (T. 681515); **ESTRELA - INFANTE SANTO: Alb**, R. de Santana à Lapa, 156 (T. 663562); **INTENDENTE - CINEMA ROXY: Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D-F (T. 549479); **PICHELEIRA: Mariz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **POÇO DOS NEGROS: Modelar**, L. Dr. António Sousa Macedo, 7 (T. 608896); **REGO: G. Silva**, R. Francisco Tomás da Costa, 3-A-C (T. 771873); **RIO SECO: Biotifar**, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824); **SÃO VICENTE: Rosa & Viegas**, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **SALDA-NHA: Cardeira**, Av. Duque de Ávila, 32-C (T. 543495); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTA DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31, II, Pinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FELÍJO: Tovar Chaves**, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2296119). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Picarra**, Av. do Bocage, 65-A (T. 2074771). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA: Matos Lopes**, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216355). Até às 22 horas; **AL-DEIA DE PAIO PIRES: Central**, E. Nacional, 9 (T. 2213675). Até às 22 horas; **MONTIJO: Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **AL-UNião Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **AL-COCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Cunha Pinheiro**, E. da Canarilha, 32 (T. 29215). Permanente; **Marques**, R. Arronches Junqueira, 109 (T. 22783). Permanente; **Soromenho**, P. Machado Santos, 24 (T. 22691). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Dias Saraiva, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Até às 19 horas; **TIRRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECE: Carvalho**, B. Padre P. Coreia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OELRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 19 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PA-REDE: Mendes Junqueira**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **ES-TORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (T. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Dias & Brito, Av. Marquês de Pombal, 45-A (T. 4940118). Permanente; **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 4933303). Até às 22 horas; **DA-MAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461). Até às 22 horas; **ELUZ: Simões**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123). Até às 22 horas; **CAMARATE: Flores**, Av. das Forças Armadas, Vivenda Mor, Catujal (T. 2510850). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço da Arcos, lote 1-B (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendão, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Cortes**, Av. Maria Luísa Braamcamp, 2-A (T. 2519420). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 54

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo às 16.00

«**LISBOA, TEJO E TUDO**», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira. Interpretação: Carlos Miguel, Margarida Carpinheiro, Henrique Viana, Natalina José, José Camacho, Alexandra Solnado, entre outros.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24, às Janelas Verdes — Tel. 60 72 99

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábados, 18.00 e 21.45; domingos, às 18.00

«**A BELA PORTUGUESA**», de Agustina Bessa Luís. Dram.: Eugénia Vasques. Enc./Cen.: Filipe Lá Féria. Inter.: Fernando Heitor, Júlia Correia e Monique Rutler.

Teatro Nacional D. Maria II

Rosário — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«**MÃE CORAGEM E SEUS FILHOS**», de Bertolt Brecht. Co-produção: Teatro Nacional D. Maria II/Novo Grupo. Enc.: João Lourenço. Cen.: José Carlos Barros. Música: Paulo Dassau/Pedro Osório. Int.: André Maia, António Anjos, António Banha, Artur Mendonça, Barroso Lopes, Carlos Costa, Carlos Daniel, Carlos Duarte, Carlos Fonseca, Catarina Avelar, Eunice Muñoz, Francisco Pestana, Igor Sampaio, Irene Cruz, João de Carvalho, Jorge Gonçalves, Madalena Braga, Manuel Cavaco, Mário Pereira, Nuno Franco, Orlando Costa, Rogério Paulo, Rui de Carvalho, Rui de Matos, São José Lapa.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 53 00

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**CALAMITY JANE — UMA MULHER DE ARMAS**», dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras 89 T. 7

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**», de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

Setúbal — Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 29 11 30

De 5.ª a domingo, às 21.30

«**ALVESE E COMPANHIA**», de Eça de Queirós. Encenação de Fernando Gomes. Interpretação de Maria Simões, Isabel Gamilho, Filomena Gonçalves, João Manuel e Carlos Rodrigues, entre outros.

Realejo

R. dos Mercadores, 132, à Ribeira — Tel. 38 36 42

De quarta a domingo, às 21.30.

«**DRÁCULA JÚNIOR**», de Fernando Gomes, pela Casa da Comédia. Int.: Fernando Gomes, Fernando Luís, Lucília Telmo, Maria Vieira, Pedro Advirto e Sílvia Sequeira.

Porto — Sa da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22550

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00 e 21.30

«**UM CORONEL EM DOIS ACTOS**», Interpretado por Camilo de Oliveira, Natália de Sousa, António Feio, Dulce Guimarães, entre outros.

Estoril — Teatro Mirtila Casimiro

Av. Fausto Figueiredo, Cruzeiro — Tel. 267 03 20

De 4.ª a sábado, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU GALILEI**», de Bertolt Brecht. Encenação de Carlos Avilez. Interpretação de João Vasco, Paulo B, Anna Paula e António Marques, entre outros.

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados e domingos, às 16.00

«**GALILEU CONTADOR DE ESTRELAS**», de José Jorge Letria

Porto — Cooperativa do Povo Português

R. de Camões

Todas as noites a Seiva Trupe apresenta

«**TODA A NUDEZ SERÁ CASTRIGADA**», de Nelson Rodrigues. Enc. de Angel Facio. Inter.: António Reis, Júlio Cardoso, Alexandre Falcão, Olga Gandra, Rosa Elisabeth, Laura Perry, Josefina Ungaro, Rui Oliveira, Carlos Lacerda, entre outros.

Cascais — TEC — Espaço 2

Av. Marechal Carmona, 6-B — Tel. 286 79 33

Dias de semana, às 21.30, excepto 4.ª-feira; domingos, às 16.00

«**FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL**», de Marcus Rey. Estreia a 25.

«**B... EM CADEIRA DE RODAS**», de Ronald Radde. Estreia a 27. Interpretado pelo Teatro Espaço sob direcção de Águeda Sena.

Teatro Maizum

R. de São Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados, às 16.00; domingos, às 11.00

«**RUA DOS FANTASMAS**», de Xavier Villaverde.

D. Maria II

SALA EXPERIMENTAL

R. D. Pedro (Tel. 322210)

de 3.ª a sáb. às 21.45. Domingo às 16.30

«**O ASFALTO DOS INFERNOS**», de RICARDO ACOSTA. Enc. de MANUEL COELHO

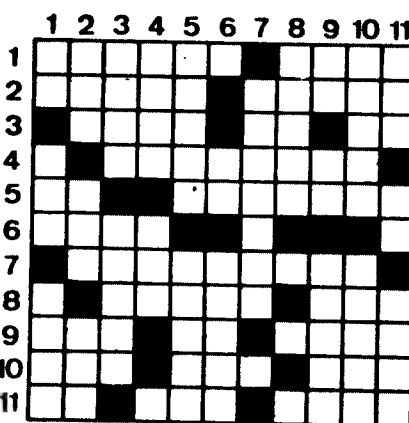
Cenários e figurinos de NUNO CARINHAS. Tradução de ORLANDO NEVES. Música de FERNANDO GUERRA. Inter. de LYDIA TELLES

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 848

HORIZONTAIS:

- Inutilizar. Equipo.
- Curas. De outro modo.
- Vazios. Gálio (s.q). Solitário.
- Recolhidos em asilo.
- Pátria de Abraão. Velhacas.
- Aquele que.
- Sensação de fadiga considerável, por efeito de um esforço muscular.
- Ratavam. Matemática.
- Ave pernalta. Erbio (s.q). Guardie segredo.
- Pronome pessoal. Recusa. Também não.
- Pertences. Sadias. Homem efeminado (prov. mihn).



VERTICAIS:

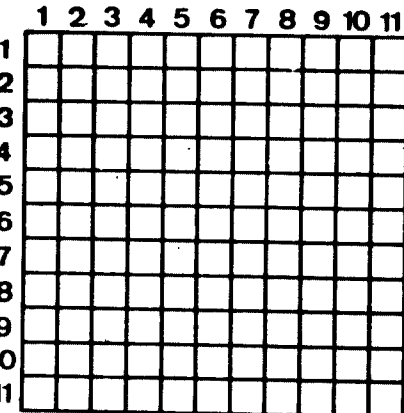
- Carta de jogar. Pronome relativo (inv). Está reconhecido a.
- Recusa. Alcool de melado. Pedras de moinho.
- Morro da cidade do Rio de Janeiro. Freguesia do concelho de Coimbra.
- Reino da Federação Indochinesa. Camada de tinta.
- Igualmente. Cidade de Itália.
- Nota musical. Falhas.
- Segurem.
- Aéreo.
- Zomba. Antigo Testamento. Magnetizo.
- Cidade de Itália. Cidade da Alemanha.
- Sufixo que designa abundância. Pronome reflexo. Reccia.

Resolheu completamente este problema? Procure, agora em segundo passeatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 677

HORIZONTAIS:

- Árvore tintória do Brasil. Espertalhão.
- Estimas. Peça de vestuário que cobre a perna e o pé.
- Esteiro. Serra de Portugal.
- Espadas curtas. Rezo.
- Altar cristão. Numeral cardinal (fem). Carta de jogar.
- Basta! Uma das ilhas de Sunda.
- Pertences. Relatava.
- Matemática. Pronome demonstrativo.
- Atire. Agita.
- Rã (pop). Domestico.
- Qualquer porção de uma curva. Recusa.



VERTICAIS:

- Cidade da Arábia. Conceder.
- Amónio (s.q). Lavras. Erbio (s.q).
- Missiva. Rio de Portugal.
- Uma das partes do Mundo. Prender.
- Errante.
- Artigo indefinido. Sala onde se lecciona. Preposição e artigo.
- Iriam para fora.
- Dá mios. Chefes dum banato húngaro.
- Filho de Zeus. rei de Egina. Terçado.
- Asco. Danço a valsa.
- Naípe das cartas de jogar. Grande cão de fila.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 847

HORIZONTAIS:

- ÁGUA. Peruca.
- Mar. E. LENHA.
- Avia. Utá.
- Rã. Ar. Apa.
- Amenizarias.
- Sacha. Pá. Rs.
- Roam. Am. Au.
- Or. Anzol.
- CADA. Acs. Pi.
- Adó. Mil. DIA.
- Samaras. As.

VERTICAIS:

- Amaras. Ocas.
- Cá. Amarrada.
- Ura. Eco. Dom.
- VENHA.
- IE. Iama. Mr.
- Aaz. Nair.
- El. Rapazola.
- Réu. Ramos.
- Untai.
- Chapara. Pia.
- Aa. Assumias.

PROVERBIO: Água e lenha, cada dia venha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 676

HORIZONTAIS:

- Malão. Aviso.
- Alia. Ocas.
- Tio. Cai. Ais.
- Es. Copas. De.
- Má. Aro. Orão.
- Arnis.
- Per. Oé! Im.
- As. Leira. Co.
- Arrastar.
- Mear. Am. Aló.
- Assar. Assis.

VERTICAIS:

- Matem. Palma.
- Alisares. És.
- Lio. As.
- Aa. Caa. Lara.
- Corroer.
- Raposeira.
- Ia. Rama.
- V.º. Sósias.
- Iça. Tas.
- Saídas. Cali.
- Ósco. Poros.

Antena Um

16.00: De mãos dadas, a mulher e a vida; 17.00: Pequeno jornal; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: Musical; 20.45: Noite desportiva especial; 23.00: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.30: Música vocal, de Schubert; 17.00: Integrais; 17.38: Trechos, do 2.º caderno, «Imagens», de Debussy; 18.00: Sonata, em lá maior, K. 331, de Mozart; 18.40: Sinfonia, n.º 3, de Mahler; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música de câmara; 22.40: Música sinfónica; 22.30: Menestréis de Lisboa; 23.00: Música portuguesa; 23.30: Música sacra; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

16.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 20.00: Conta-corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas-tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Jornal das regiões; 19.30: Ligação à rede nacional.

Voz do Alentejo

14.00: Sopa dourada; 15.00: As boas-tardes da Renascença; 18.30: Ligação à rede nacional; 19.00: Alentejo em notícia; 19.30: Diversos; 20.00: Ligação à rede nacional.

FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa-noite. Noticiários a todas as horas.

RTP/1

15.10 — Desenhos Animados

«Robin dos Bosques do Espaço»

15.45 — Navegar

(3.º episódio): — Carlos Lage, navegador solitário: Recriador das eras quinhentistas? Sai de Maputo a bordo de o «Aventura», barco à vela de apenas seis metros e setenta. Após dezoito meses de aventuras, nove mil milhas marítimas, emoções e perigos, chega a Lisboa. Conta-nos uma viagem cheia de experiências. Navegar III é a reconstrução de tão interessante viagem.

15.55 — Café Concerto

Com Fernando Girão

16.25 — Palácios Portugueses

(1.º Programa): — «Brejoira»

17.00 — Ontem viu?

«Foi Êxito na TV»

Gente Fina é outra coisa

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

«Arca de Noé» e «Era Uma Vez»

18.45 — Pais, Pais

19.15 — Portas do Desconhecido

(6.º e último programa): — «A Vida Para Além da Morte»

19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(Episódio 148): — Eloá, furiosa, pede a Osmar que prometa nunca mais procurá-la. Osmar, triste, sai enquanto a lancha de Eloá se afasta com ela e Vítor diz a Eloá que sempre se sentiu atraído por ela. Osmar diz a Amauri que o casamento dele acabou de vez. Bia e Teresa encontram-se e combinam um plano para Sónia e Cláudio reatarem o namoro. Ronaldo procura Osmar. Osmar diz que Eloá acabou com a última esperança que lhe restava de reatar o casamento com ela. Teresa e Bia, previamente combinadas, forçam um encontro entre Cláudio e Sónia.

21.00 — Reportagem do Exterior

— Transmissão directa do Boavista - Fiorentina, do Estádio do Bessa

22.45 — Hill Street

(11.º Episódio): — Um novo plano de austeridade proíbe os polícias de fazerem horas extraordinárias, numa altura em que está iminente a confrontação entre dois «gangs»: os «Bloods» e os «Sham-rocks»...

Intérpretes: Daniel J. Travanti, Veronica Hamel, Michael Warren, Charles Haid.

Realização: Chris Nyby

22.45 — 24 Horas

RTP 2

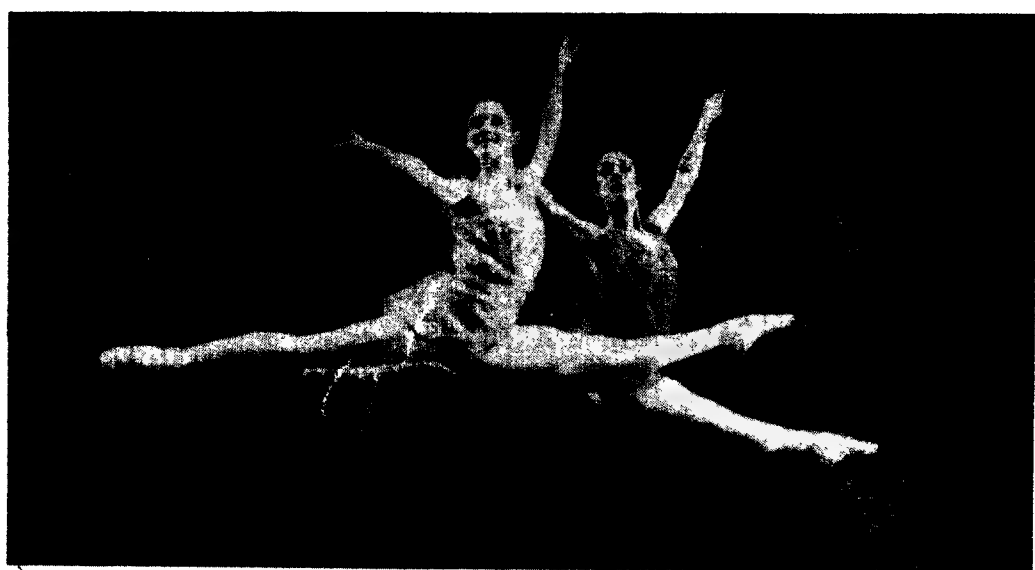
16.30 — Europa TV

O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic Tac» e «O Mundo Maravilhoso de Gigi»

17.05 — Countdown



As 21.35 no 2.º canal, o 2.º concurso coreográfico da companhia Nacional de Bailado



Fernando Girão presente no «Café Concerto» na RTP 1 às 15.55

17.45 — O Tempo

17.50 — Euroreporter

18.20 — O Tempo

18.25 — O Mundo Amanhã

18.30 — O Sol em Mente

Um documentário sobre o Sol — fonte de vida na Terra e fonte de energia no nosso Universo. Uma investigação científica conduzida pelo Prof. Kees de Jager, da Universidade de Utreque, na Holanda, acerca da influência do Sol no nosso planeta e na vida terrestre.

20.05 — Notícias

20.10 — Caminhos do Eterno

(17.º Programa): — Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique, em Faro.

Um programa do dr. Álvaro Manuel Machado

20.35 — O Novo Pacífico

(6.º episódio): — Em diversos países do Pacífico, podemos compreender os diferentes e variados comportamentos sociais através do ritual do casamento.

Produção e realização de Michael Macintyre

21.30 — Notícias

21.35 — 2.º Concurso Coreográfico da Companhia Nacional de Bailado

Anualmente a Companhia Nacional de Bailado promove um concurso em que os profissionais de dança portugueses e estrangeiros que trabalham em

Portugal, podem concorrer apresentando as suas próprias coreografias.

Este ano a RTP deslocou-se ao Teatro S. Luís, para aí poder gravar as 3 principais coreografias premiadas que foram:

— Barcos Negros — Com a coreografia de Victor Linhares

— Mikrokosmos de Sérgio Funari

— Movimento Primo — Coreografado por Josefina Holmes

22.30 — Últimas Notícias

22.35 — Vereda Tropical

(episódio 158)

Amanhã

RTP/1

14.55 — Desenhos Animados

15.25 — Mare Nostrum, Patria Nostra

(2.º programa)

15.55 — Os Maias

(3.º episódio)

16.30 — Pedra a Pedra

17.05 — Ontem Viu?

«Portas do Desconhecido»

17.35 — Se Bem Me Lembro

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos

19.15 — Recrear Espaço

(8.º episódio)

19.50 — O Livro Grande de Petete

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo

(episódio 149)

21.15 — Coração a Quanto Obrigas

(5.º episódio)

21.55 — Fortunata e Jacinta

(9.º episódio)

23.00 — 24 Horas

RTP 2

16.30 — Europa TV

20.10 — Notícias

20.15 — Coleccionando

(8.º Programa)

20.40 — Adágio

21.05 — À Margem

(4.º Programa)

21.30 — Notícias

21.35 — Directo/2

22.25 — Últimas Notícias

22.40 — Vereda Tropical

(episódio 159)

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1

Hill Street

RTP 2

Vereda Tropical

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus Caraca, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570



«Vereda Tropical»



Especulações e pressões sobre o Tribunal

Continuação da pág. 1

Bourdet, ex-dirigente da Resistência Francesa, Henri Clerc, famoso advogado e vice-presidente da Liga Internacional dos Direitos do Homem, Monolis Glezoz, presidente do Partido Comunista do Interior da Grécia, e Statis Panagolis, deputado grego, são algumas dessas personalidades.

Esta manhã, no entanto, um semanário lisboeta anunciou, em machete que «as FP-25 querem matar Otelo», acrescentando existirem «planos concretos dos operacionais à solta para na primeira oportunidade ajustarem contas com aquele que já é considerado no seio da organização terrorista como o primeiros dos arrependidos».

Apesar de o «Tempo» afirmar que as autoridades encarregadas da segurança de Otelo estão «ao corrente de tais planos», um porta-voz da DCCB (Direcção Central do Combate ao Banditismo) disse esta manhã ao «DL» ter sido com surpresa que tomaram conhecimento de tal notícia, considerada de «fantasiosa, especulativa e sensacionalista».

«As medidas de segurança que desde o início foram tomadas quer em relação ao tenente-coronel Otelo, quer em relação aos outros réus, nomeadamente no trajecto que diariamente fazem entre Monsanto e as respectivas cadeias, são mais do que suficientes para impedir que um atentado como o referenciado por esse semanário possa ser levado a cabo» — disse ainda porta-voz da DCCB.

Por outro lado, o advogado de Otelo, dr. Romeu Francês, afirmou-nos «desconhecer a existência de quaisquer factos ou indícios que permitam apoiar as afirmações daquele semanário relativas a um eventual atentado», acrescentando que o seu constituinte e ele próprio não têm conhecimento de qualquer medidas especiais de segurança para além das habituais.

No que respeita à questão de Otelo ser considerado por elementos das FP-25 como o «primeiro arrependido», Romeu Francês esclareceu que tal não faz sentido, pois Otelo nada tem a ver com aquela organização, nunca assumiu nem praticou quaisquer actos de violência, e «as acções em que se envolveu já as explicou em Tribunal».

Lembrando o que tem sido a história do julgamento, Romeu Francês sublinhou que sempre que se atinge ou aproxima um «momento alto» surgem pressões exteriores que pretendem perturbar o Tribunal, o qual deve funcionar normalmente segundo as regras do Processo Penal e nada mais.

«Nesta fase final do julgamento, em que espero um bom veredicto, as pressões aí estão, logo na véspera de um momento alto do processo» — concluiu.

De registar ainda que recentemente um dos arrependidos das FP-25 contactou telefonicamente o «DL» transmitindo exactamente a tese agora veiculada pelo semanário «Tempo», segundo a qual Otelo seria «o primeiro e principal arrependido», merecendo «uma lição exemplar por ter falado e ter levado outros a falar», conhecendo-se o papel e as ligações dos arrependidos ao longo do processo, o «DL» entendeu por bem nada publicar na altura. Regista-se agora o «coincidência».

Livros portugueses no Brasil

Dezassete dos vinte e sete títulos até hoje editados pela Antígona serão lançados este mês no Brasil — informou a editora.

A operação resulta de um contrato entre a editora e distribuidoras do Rio de Janeiro e de São Paulo e porá à venda nas livrarias daquele país sul-americano mil e quinhentos exemplares do catálogo da Antígona, entre os quais versões portuguesas de Sacher Masoch, Artur Cravan, Raoul Vaneigem, Benjamin Peret, Brunno Rizzi, Adolfo Bioy Casares, George Orwell, Gianfranco Sanguinetti, Jean Maitron, La Boetie e Kleist.

Deste último autor a Antígona acaba de lançar no mercado português versões de «A Marquesa de O...» e de «O Terramoto no Chile», feitas directamente do alemão por José M. Justo.

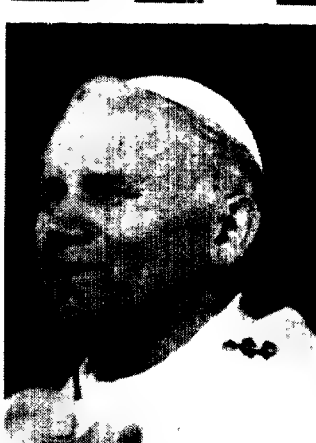
Do mesmo escritor a editora traduzira anteriormente outro clássico do romantismo alemão, «Michael Kohlhaas, o Rebelde».

/D/E/C/A/R/A/S/



TERESA GOUVEIA anunciou em Castelo Branco que o Governo mantém o propósito de concretizar o projecto de criação de orquestras sinfónicas. «Esperamos, até ao fim do ano, terminar a fase de preparação, entrando seguidamente na execução», afirmou a secretária de Estado da Cultura, intervindo na cerimónia comemorativa do Dia Mundial da Música, naquela cidade. Para Teresa Gouveia o problema das orquestras sinfónicas «radica fundamentalmente na insuficiência das estruturas pedagógicas no campo musical».

MÁRIO SOARES: cento e cinquenta fotografias tiradas ao longo da campanha do então candidato à presidência da República preenchem o livro agora lançado no mercado «Na Estrada com Soares», da autoria dos repórteres fotográficos Alfredo Cunha e Luís Vasconcelos. Edição de Publicações D. Quixote, o livro inclui ainda textos de 23 jornalistas que fizeram a cobertura noticiosa da campanha de Mário Soares. «Na Estrada



com Soares» é, na opinião do prefaciador, o jornalista Manuel Falcão, «uma reportagem que ajuda a perceber o que é uma campanha eleitoral».

ANDREI SAKHAROV: a perseguição da polícia soviética, KGB, ao físico soviético dissidente pode levá-lo ao suicídio, afirma a sua mulher num livro que vai ser publicado na Alemanha Federal. «Nenhum ser humano, por mais estável que seja, está livre de, em tais circunstâncias, sofrer um colapso que o leve ao suicídio», lê-se no livro «Unidos na Solidão», da autoria de Yelena Bonner.

LINDA DE SUZA: o Casinó de Paris está a apresentar a comédia musical «A Mala de Cartão», um espectáculo indigente inspirado na ascensão fulgurante da cantora de origem portuguesa, Teolinda de Sousa (Linda de Suza). «A Mala de Cartão» do Casinó de Paris intitula-se indevidamente uma comédia musical, na medida em que lhe falta a magia da dança, das canções e dos pequenos diálogos. O especta-



dor vê desfilar no palco imagens, como se estivesse diante do seu aparelho de televisão. E os diálogos são indigentes.

JOAO PAULO II reafirmou a validade das conclusões do Concílio de Trento sobre o pecado original. Esta posição do Papa foi assumida perante milhares de peregrinos concentrados na Praça São Pedro, em Roma. João Paulo II citou os textos do Concílio de Trento para afirmar que «o pecado original dos primeiros pais se transmitiu a todo o género humano, não unicamente pela morte física, mas como pecado entendido como morte da alma».

LIGIA TELES é a única actriz que a partir desta noite estará no palco do Teatro Nacional D. Maria II. A actriz irá interpretar a peça do escritor venezuelano Ricardo Acosta, intitulada «O Asfalto dos Infernos». A peça tem encenação de Manuel Coelho, cenários e figurinos de Nuno Carinhas, música de Fernando Guerra e tradução de Orlando Neves.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 h:

MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
02.01 3,80 m	07.36 1,10 m
14.13 4,00 m	19.59 0,90 m
Dia 3	
02.35 4,00 m	08.11 0,90 m
14.48 4,20 m	20.33 0,80 m

BRAGANÇA	15°
VIANA DO CASTELO	14°
VILA REAL	13°
PORTO	15°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	18°
PORTALEGRE	19°
LISBOA	18°
ÉVORA	18°
BEJA	17°
FARO	19°
SAGRES	18°
PONTA DELGADA	21°
FUNCHAL	20°

Convenção já tem Comissão Executiva

Helena Roseta, Artur Portela, Vitor Wengorovius e Fernanda Mestrinho são alguns dos nomes não filiados partidariamente que vão integrar a comissão executiva da Convenção da Esquerda Democrática.

A Convenção, que é uma iniciativa do Partido Socialista, realiza-se em Lisboa nos dias 21, 22 e 23 de Novembro estando previstas reuniões preparatórias de carácter regional e sectorial em todo o país nos dias 8 e 9 do mesmo mês.

O PS está representado na comissão executiva por Elisa Damião e Nuno Brederode dos Santos o que de certa forma desmente as acusações que recentemente têm vindo a ser lançadas por certos sectores, sobre a hegemonização dos socialistas na organização da Convenção.

Entretanto o «DL» apurou que existe também uma Comissão Promotora com mais de cem pessoas cujos nomes não serão, porém, divulgados na conferência de imprensa que o secretário-geral do PS, Vitor Constâncio, dá esta tarde para dar conta dos objectivos da Convenção.

Candal sai do PS

Carlos Candal auto-suspendeu-se da Comissão Política do Partido Socialista, diz hoje o «Jornal de Notícias», que refere igualmente uma carta daquele dirigente socialista a Vitor Constâncio na qual afirma que a sua auto-suspensão não significa a retirada da sua confiança política na actual direcção do PS.

Em declarações aquele matutino, Carlos Candal diz expressamente que «que continua a apoiar Constâncio e António Guterres».

Conselho para a paz

Infeliz encontro

Reagan-Gorbachev

O Conselho Português para a Paz e Cooperação congratulou-se ontem como próximo encontro marcado para os dias 11 e 12 na Islândia entre os dirigentes norte-americanos e soviéticos, Rona Reagan e Mikail Gorbachev, respectivamente.

O CPCC afirma em comunicado esperar que na cimeira de Reykjavik se «criem condições propícias a acordos sobre a paragem da corrida aos armamentos».

Os múltiplos rostos de Fernando Pessoa



Um dos temas recorrentes da vida deste século terá sido o da identidade: as nações, os povos, as raças, as minorias reivindicam-na, reclamam-na, na necessidade de se afirmarem-na. O medo da sua inexistência ou o risco de a perderem assedia os colectivos e o indivíduo.

A literatura, segundo os seus hábitos, não foi somente o reflexo dessa obsessão, como multiplicou as análises sobre o «Eu» e as suas instabilidades, chegando a entrever e postular a sua dissolução.

Diz-se que na literatura, o criador da intimidade, foi Montaigne, que ele colocou o «Eu» em cena. Correto é, afirmar que com ele o estilo deu lugar (se se pode dizer) à «voz» e, que depois dele o «Eu» é — o que não se cessará de inventar para lhe atribuir uma espécie de «mise en scène» — todas as metamorfoses em que a consciência tem a percepção sem ter o domínio.

Nos finais do séc. XIX, Pirandello reencontrou esse tema que tentou aprofundar até ao fim da sua vida — até esse romance escrito sete anos antes de morrer, «Un, personne est cent mille», onde se vê que o «Eu» não é uno, salvo no instante, e que não será «Eu» se não puder, ao mesmo tempo, ser outro caminho. Caminho percorrido, Pirandello esclareceu melhor que ninguém, o drama do indivíduo que repentinamente se torna «alguém» para os outros. Posto que, é aí que se encontra o perigo: na imagem que os outros têm de nós e que nos aprisiona, nos condensa, suscitando em si o misterioso desejo de não nos afastarmos/dissiparmos, seja pelo risco de travar os nossos sentimentos, os pensamentos, e in-

verter o curso do futuro. Um crime ou um acontecimento podem ser perigosos quando fazem de um indivíduo «alguém», dando-lhe uma «forma».

Sobre todas as latitudes psicológicas

Aquele que levou longe a tentação de viver sobre todas as latitudes psicológicas, todos os estágios da sensibilidade, do pensar, no desejo louco de esperar pelo improvável ponto de vista de todos os pontos de vista, é inegavelmente Fernando Pessoa, o maior poeta português depois de Camões e, neste sentido, sem dúvida um dos maiores de todas as literaturas.

Ele nasceu em Lisboa, em 1888, e tinha sete anos quando sua mãe, viúva de novo casada, o leva para a África do Sul onde faz, em Durban, todos os estudos em inglês. Com dezasseis anos ele reencontra Portugal, que já não deixará mais, e sobretudo a língua portuguesa, que ele considerará como a sua única pátria. Tornase, sucessivamente, tipógrafo, empregado em casas de importação-exportação, director da «revista de Comércio e Contabilidade», tradutor de obras de teosofia, fundador de escolas literárias e de revistas, nomeadamente «Orfeu» (1915), no qual se conjugam o simbolismo em desaparecimento e o futurismo. A certa altura, sonha em estabelecer-se como astrólogo; mais tarde, fará parte da Fraternidade Rosa-Cruz...

Sob o nome de Pessoa, ele só publica, em vida, quatro recolhas de poemas ingleses e, um ano antes da sua morte (sobrevinda em 1935, alguns meses antes da de Pirandello), um livro, «Mensagem», em português. Ele negligenciou o bem-estar material e a glória, e iludiu o amor de uma mulher sob pretexto que os seus meios financeiros não lhe permitiam fazer face às necessidades de uma família. Ele queria consagrar-se por inteiro à sua obra, e não deixou de fazê-lo.

«Que pode fazer um homem de génio senão fazer chegar a si, tão-só, toda uma literatura?». Tal é o desa-

fio que Pessoa se lançou a si mesmo aos vinte e cinco anos. A solução que aporta a esta ambição desmensurada é simples e como que ultrapassa ou está para além do alcance das leis da natureza. Ele não chega a nenhuma conclusão definitiva: a solução aparece-lhe na noite de 8 de Março de 1914 onde, apoiado sobre a alta cómoda onde por hábito trabalhava, ele escreve mais de trinta poemas de uma só vez, numa espécie de êxtase: «e o que se seguiu foi a aparição, em mim, de alguém a que não tardei a dar o nome de Alberto Caeiro, perdoai o absurdo da expressão: em mim apareceu o meu mestre».

Outros abismos

Alberto Caeiro é um sábio que se esforça por ver todas as coisas como se as visse pela primeira vez. Recusa a noção de infinito, só atende ao presente absoluto. Não tardará a encontrar discípulos saídos da imaginação de Pessoa: Ricardo Reis, um formalista cuja obra procede de Horácio e dos estoicos, e Álvaro de Campos, uma espécie de Marinetti que tem o sopro de Whitman, dito de outra forma, a amplitude de «Psaumes».

Foi assim que nasceram, dotados de meticulosas biografias, aquilo que Pessoa denomina os seus heterónimos. Se é verdade que o nome contribui a formar a alma daqueles que o têm e que, por consequência, não é estranho ao destino deste, não se deve esquecer que Pessoa, em latim quer dizer: máscara...

O facto é que o seu nome acabou por ser o pseudónimo colectivo de um grupo de poetas bem diferentes mas da mesma ordem de grandeza. Enquanto, como observa Octávio Paz, «a relação entre Pessoa e os seus heterónimos não é idêntica à dos romancistas ou do dramaturgo com os seus personagens. Pessoa não é um inventor de personagens-poetas, mas um criador de obras de poetas». Como todos os homens, Pessoa nasceu várias vezes, só foi ele mesmo em raras ocasiões perdidas, e morreu um, só.

A sua aventura vai mais longe e deixa entrever outros abismos, ou outros cumes. Pois como ele o afirma

os heterónimos exprimem não somente ideias e sentimentos que lhe são estranhos mas que vão ao ponto de lhe provocar um máximo de repugnância, que diz ser de direito, o dever do poeta de se colocar por debaixo dele mesmo e de toda a ética.

Como obra de Shakespeare — o qual desapareceu por detrás das suas personagens — como talvez nenhum outro, a de Pessoa diz-nos que se uma só coisa neste mundo merece ser cantada, todas o merecem, que se uma só coisa é digna ou indigna dessa magia alada, a poesia, todas o são: o mundo é misterioso e nós ignoramos a secreta finalidade dos nossos actos onde a sombra se enfia como lâmina no futuro.

Léon Bloy, não obstante a idola-

tria que tinha por Napoleão, perguntava se haveria sido ele quem tinha ganho a batalha de Friedland, ou uma pequena rapariga pedindo a Deus que a sua vontade se cumprisse. Cocteau também se interrogava se o Corso tinha «chegado» então do sagrado, ou do seu exílio de Santa Helena.

Pessoa partilhou dessa antiga concepção do mundo e soube que a poesia era sagrada e perigosa. E, balançando-se entre o voo e o calcar os pés no chão do Ser, entre a partida e a entrada, no limiar quase místico da contemplação e da oração, ele manteve a sua comédia intelectual, no risco de se perder, para melhor se tornar no «medium» do espírito.

Hector Bianciotti

O encontro de Royaumont

De 25 a 28 de Setembro o «Encontro à volta de Fernando Pessoa» na Fundação Royaumont agrupou, entre intervenientes portugueses, franceses, brasileiros especialistas a apaixonados do Poeta.

Foram convidados, entre outros, René Tavenier, Philippe Arbaizar, Claude Esteban, Jean-Clarence Lambert Noel, Robert Bréchon e Antonio Tabucchi, o insigne tradutor do poeta em italiano. Na quinta-feira rendeu-se homenagem a Armand Guibert, o primeiro tradutor de Pessoa para francês. O Encontro de Royaumont foi organizado com a ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian e do concurso de France-Culture. Foi a segunda vez (depois da exposição do Centro Pompidou em Março de 1985) que a França celebrou Fernando Pessoa, que mesmo suscitando glosas ditirâmicas um pouco por todo o mundo, não se tem por isso tornado um pouco mais conhecido.

As Edições «Royaumont» publicaram para esta ocasião: «A de triunfal e doze poemas de Álvaro de Campos», traduzidos por Rémy Hourcade, e «é necessário navegar,

viver não é necessário», seguido de citações por Robert Bréchon.

Nas Edições «Une», que já tinha publicado em 1985, traduzidos por Hourcade e Jean-Louis Giovanoni, «Sobre os Heterónimos, A Tabacaria de Triunfal», os mesmos tradutores fizeram aparecer «O Guardador de Rebanhos». Henry Deluy traduziu e apresentou cento e cinquenta e quatro quadras.

Nas Edições «Différence» onde apareceram no ano passado «O Banqueiro Anarquista», traduzido por Joaquim Vital e «Fernando Pessoa», textos corrigidos, traduzidos e postos à disposição por Teresa Rita Lopes, anuncia-se agora a publicação da correspondência do Poeta.

Em Christian Bourgois, prepara-se a edição da obra completa de Fernando Pessoa em sete volumes, sobre a direcção de Robert Bréchon. Enfim, «Gallimard» reunirá — na Primavera de 1987 — num só volume da colecção «Poesia», «O Guardador de Rebanhos e Outros Poemas» de Alberto Caeiro e as «Poesias» de Álvaro de Campos, traduzidos e prefaciados por Armand Guibert.

Um é Outros

Jrupe Emigrillan
Exclusivo LerEscrever

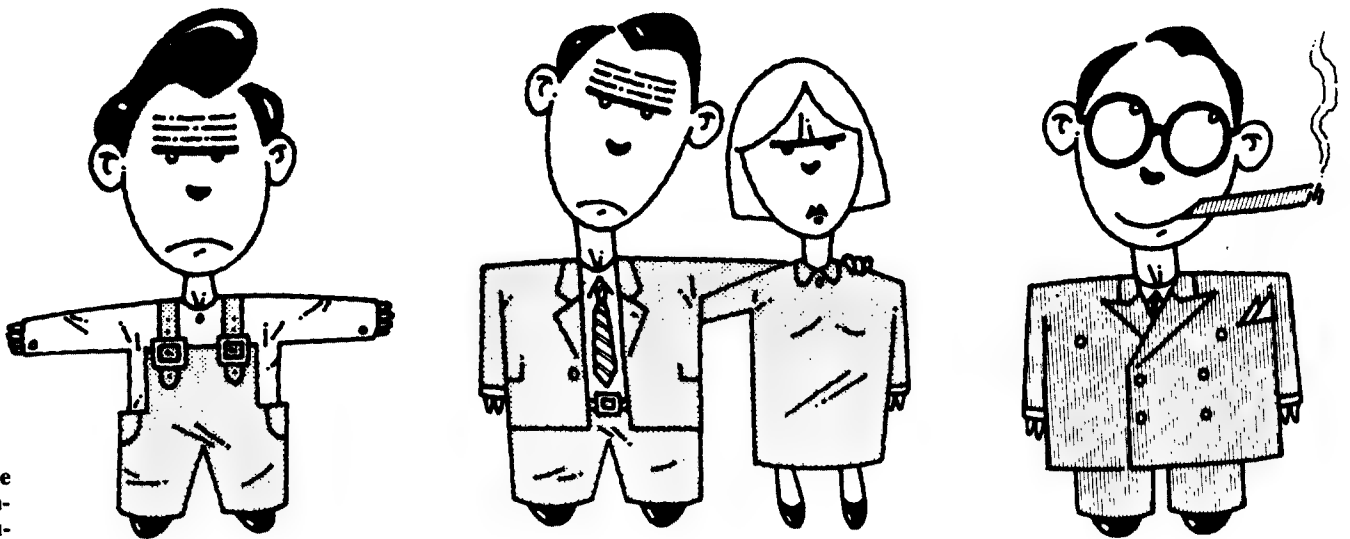
O folhetim do Ler Escrever

Hoje nas Págs. 4 e 5

■ Resumo dos capítulos anteriores

■ Um novo capítulo:
A dieta do Deus

Eis como, de Paris, o desenhador Brito imagina o protagonista de Um é Outros (um homem verdadeiramente crucificado), o protagonista e sua amiga Jill, de Amsterdão, e o personagem manipulador, o «Deus-Cão»



■ «Um País Quente», Shiva Naipaul, Editorial Teorema

Situado, em termos de ficção, «no ombro escorregadio da América do Sul», eis que Cuyama se nos apresenta como «Um País Quente» de Shiva Naipaul. Ou seja: de um escritor que, magistralmente, nos põe em contacto com personagens residentes em Charlistown — o centro de acção deste romance.

Em «Um País Quente» tudo (incluindo e destacando a excelente tradução de Lucília Filipe) me retém com o deslumbramento próprio do amor do verbo capaz de, fotograficamente, captar a realidade. A parte é o todo. O singular e o universal.

A parte encontra-se fluentemente retratada no olhar que o escritor deita à paisagem (impressionável poema lírico), a este ou aquele personagem (potencial vulnerabilidade pré-destinada à horizontalidade). Passo a citar: «Uma leve pincelada de branco aparecia no céu do lado oriental. Da noite que se desvanecia, ressaltavam as silhuetas de palmeiras, telhados e colinas. Um triste brilho rosado surgia na orla do horizonte.» E: «Parou à porta. Tirou os óculos escuros, pestanejou ao entrar na sala e ergueu o braço em ângulo à frente da cara, como se se protegesse de qualquer possível pancada, evitando qualquer ameaça oculta.»

Absorventes são as delicadas ou não delicadas descrições deste livro. E é deleitada que as vejo como parte não de Charlistown, mas como parte englobante de um estar minuciosamente contemplativo — o nosso em recíproco conversar com o autor naqueles momentos em que a plenitude emerge daquilo que se vê, lê ou escuta.

Tão pleno de tudo é «Um País Quente»! — digo ao embrenhar-me no seu enredo apelativo à crua reflexão em torno do acto de estar vivo.

Que nos conta «Um País Quente»? A história de uma família, com tradições diferentes, que vive um momento crucial da história dos povos. A da libertação dos nativos contra os seus colonizadores. E vive-a intensamente por se encontrar no palco (Charlistown) dos acontecimentos....

Assim, é com uma sentida revolta que Dina (a principal, juntamente com Aubrey, protagonista deste relato) afirma ao jornalista britânico (Alex): «— É possível (...) que pessoas que vivem em Inglaterra se interessem pelo que se passa num lugar como Cuyama?»

Pouco importa aos países estrangeiros o destino de um povo que não lhes dá lucros. Também não é (pelo menos ao nível absoluto pensado por Aubrey) significativa a mudança verificada em Cuyama. Porquê? A história aos EN-TES (sempre seres humanos) que a provocam. E aí daquele que acredita na definitiva mutação! Ver-se-á traído como Aubrey ao escutar, pela boca da prima Beatrice, como seria usada a sua altruista oferta de uma colecção ao Museu Nacional. Passo a citar: «— Vou dar-te um grande desgosto. Vou dizer-te



os planos que ele tem para a tua maravilhosa oferta à nação. — A voz dela ergueu-se num grito: — Planeia vendê-la. À minha amiga de Nova Iorque que não te interessa. O ministro não é tão estúpido como tu. Sabe quanto vale aquela colecção no mercado corrente.»

Idealista oriundo da abastada e decadente geração de colonos, Aubrey é vítima da sua irreal projecção no circundante. Falha ao casar, por um misto de piedade/amor, com Dina, ao lutar pela dignificação dos indígenas de Charlistown, ao tentar escrever um romance, etc. Porquê? Porque «os homens não são educáveis. Ou, pelo menos, não o são automaticamente». Porque: «Estamos todos chalados. (...) Cuyama é um enorme manicóbio.»

Aubrey defronta-se com o fracasso. O ruir de todo o seu dinâmico e fantasista projectar-se nos outros. E o que sucede a Dina, aquela cujos antepassados não têm feitos «registados»?

Dina não experimenta menor negativismo que o marido. De resto, acha tudo «tão absurdo, tão irreal,» que duvida se «realmente existe». Porém, a ela sempre tudo se apresentou sem saída. Fantástico! O seu casamento, o ser mãe, o rodopiante desenrolar dos acontecimentos sociais e políticos de Cuyama. Passo a citar: «Quase cinco anos separavam aquela noite nos Alpes desta tropical. Ela nunca recuperara totalmente da sua explosão inicial de incredulidade. Tinha ficado um bocado adormecida, claro, pela passagem do tempo; soterrada sob o hábito e a rotina. Mas nunca desaparecera por completo. (...) era a mesma sensação que a assaltara quando a parteira pegara, para que ela estonteada o examinasse, num ser manchado de sangue e lhe anunciara que era mãe.» Além de que associava a esta estranheza de estar viva, e naquelas condições, uma vocação mística (herança do pai, depreendendo da leitura aflitiva do primeiro capítulo deste livro) que a fazia envolver num pânico irracional (e ir à bruxa) a acidental visão de um seis de espadas. É supersticiosa Dina e, por isso, quando deitada revive o terror provocado pela contemplação da carta (profética?). Passo a citar: «(...) o medo voltara e, desta vez, quando ele a encurralava no silêncio da noite, não era capaz de se

libertar dele tão facilmente. Precipitava-se sobre elas em ondas, apertando-lhe a barriga, fazendo-lhe bater o coração. Continuava a ver as folhas ensopadas, as lascas de madeira, os cacos brilhantes de vidro, o maço de cigarros amachucado. Como fora ela ali parar?»

O idealista Aubrey julga-se um rigoroso analista e, contudo, acabará por se reconhecer um triste rascunho daquilo que pretende. Mas, antes dessa descoberta, defenderá ideias fabulosas. Delas são exemplo: «— Em Einstein a matemática e a poesia convergem (...) Claro que não pretendo saber nada de matemática moderna, mas acredito que possa haver aquilo a que se chama um entendimento poético, do espaço-tempo.» Opostamente, Dina não se entusiasma com as diletantices do marido. Ignora os seus empenhamentos sociais e políticos. Silenciosa passa através de tudo e para si guarda o seu pessimismo. Aquela que a levou a empregar-se numa livraria porque detestava a docência para a qual a preparara a sua licenciatura em «Literatura Inglesa»... A casar com a intenção de retardar o inadiável... isto é: o momento da desnudada autocontemplação.

Dina e Aubrey representam dois pólos radicais que, após reflectida análise da sua relação com os outros, chegam a igualmente desencantada conclusão. Isto é: não têm saída. Nunca passarão de microscópicos e diluídos sobreviventes no universo.

Porém, não são apenas eles a reconhecer a vacuidade. A parda mobilidade de fracassado agir, digo ao pensar a cínica Beatrice ou o céptico Alex. O cristianíssimo pai de Dina...

Beatrice, a lúcida protagonista deste romance, afirma: «— Nesta vida, meus queridos (...), temos de ser realistas. Temos de aprender a caçar com os cães e a fugir com a lebre. Temos de aprender a arte da flexibilidade. A dobrar com o vento como o salgueiro. Como eu faço, queridos.» Fá-lo com a certeza de conhecer a correcta forma de viver sem grandes incómodos. Como se nada a atingisse... E, contudo, torna-se instável quando o aprendido se metamorfoseia. Agarra-se, neurótica, a um revólver...

Todos os personagens deste empolgante enredo «sucumbem à realidade». Impossível lhes é recriá-la: «Um vazio. Escuridão. Fome incarácterística. Era o que tinham: o seu vazio, a sua escuridão, a sua fome. Não tinham um eu, uma alma a que chamassem seus. Eram disso que tinham sido espoliados: do eu, da alma. Era essa terrível descoberta, que tentavam disfarçar sob demonstrações de frenesim, sob os sonhos ousados (...).»

Petrificante a mensagem deste «Um País Quente» pelo claro realismo em que se edifica. De modo algum é destrutiva porque a vida continua. E isso mostra-o o seu final. Aubrey encaminha-se para a sua livraria, embora saiba que fracassados malogros são as humanas projecções futuristas...

Ana Paula Portugal

Dia a Dia Amante, Poemas de António José Forte, Hiena Editora

NUMA época em que não se lê para satisfazer uma das mais violentas necessidades humanas, nem para avivar o incêndio de um homem em flagrante ruptura com a sorte que lhe está reservada, mas para domesticar o espírito, um pequeno livro como este, onde o autor é o único depositário dos mecanismos que determinaram a sua criação, não pode deixar de surgir como um corpo estranho.

A parte mais relevante da vida poética que o anima, um erotismo que precipita o homem no âmago primitivo da sua condição, restitui à poesia os seus prestígios de potência emancipadora, mantendo o poeta, para além de todos os limites e contingências, na via vital do grande encontro com essa presença ou ausência que é a razão única, num mundo de e para a morte, da vida e dos esforços humanos.

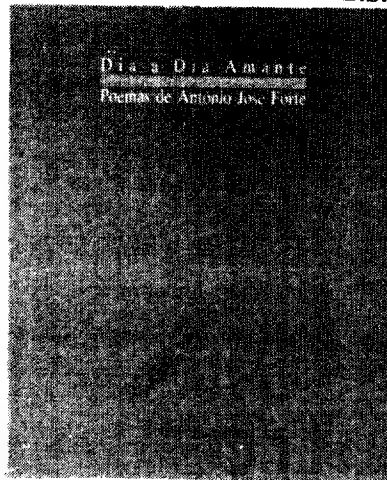
A poesia de António José Forte, mais do que um alinhar de belas imagens, é o esforço de um espírito que pretende recuperar-se e conhecer a natureza da sua possibilidade, do seu «erro próprio»: mito ou raiz de um desejo transformado em instrumento de desocultação apaixonada.

Essa exigência, saldada ou não por um fracasso, mesmo em toda a sua radiosa frustração, mesmo em todo o seu esplêndido rebentar, é o único e duro caminho para o conhecimento, primeiro, para a liberdade, depois.

Saudemos em António José Forte um desses efémeros portadores de leis negras, impetuosas e sem justificação que não aceitam a brusca coagulação do mundo, que nunca perdem a confiança na sua possibilidade exorbitante nem deixam de corresponder (apesar do nevoeiro que dificulta a navegação ao largo) ao convite da aventura, jamais renunciando à devassa de um espaço aberto embora irrevelado.

«Solitário/ na clareira violenta onde uma criança em fúria/ escreve a sua história/ e um relógio de fogo/ queima as horas imundas», em *Dia a Dia Amante* o poeta lança as suas sortes: ganhar é conseguir projectar ainda a sombra do homem sobre a natureza.

E.S.



ESTOU A ESCREVER-TE DE UM PAÍS DISTANTE

Henri Michaux



Estou a escrever-te de um país distante, Henri Michaux, Hiena Editora, Tradução de Aníbal Fernandes

CADA uma das obras de Henri Michaux é uma espécie de fotografia instantânea dos seus sonhos ou a narrativa das suas maravilhosas viagens imaginárias.

No alheamento de movimentos ou escolas, é sempre a poesia que enche as suas diversas manifestações literárias ou plásticas: uma poesia que procura dizer o indizível, descobrindo-lhe um denominador comum, que é confrontação com o mundo e seu exorcismo pela linguagem.

Em *Estou a escrever-te de um país distante*, uma excelente tradução de Aníbal Fernandes (como sempre, aliás) dá-nos uma ideia do duelo incessante travado pelo poeta com os fantasmas que o habitam.

E.S.



O ESSENCIAL DOS TEMAS ESSENCIAIS ESTÁ NA COLECÇÃO ESSENCIAL

Em breves mas substanciais ensaios, reconhecidas autoridades dizem-lhe o essencial sobre grandes temas e grandes personalidades das artes, da história, das ciências e da cultura. Cada volume 100\$00!

Colecção Essencial — a mini-enciclopédia ao tamanho da sua bolsa.

cada número - essencial! não deixe nenhum em falta na sua biblioteca

«A Morte das Imagens», Helena Malheiro, Ulmeiro

É a multifacetada corporalização literária de uma mulher à procura da sua identidade. Corporalização cintilante pelo infinito desenrolar do estilhaçado e solar tapete — «Ana, mulher-criança há séculos à deriva, há séculos à espera, há séculos a querer (...) tomar o partido da vida (...)».

Corporalização verbal e cinematográfica de Ana é o livro «A Morte Das Imagens» (Ed. Ulmeiro), digo satisfeita e consciente da minha relutância em aceitar a prosa não linearmente apresentada. Esta de que vos falo...

Porquê, então, a minha satisfação quando sou pela clareza discursiva? Não é muito comum ler uma novela portuguesa em que a sua autora tem a preocupação de nos sublinhar momentos importantes através do indicar a uma câmara quais os planos a destacar. Os ângulos que deve perspectivar, etc. Em que a autora tem a preocupação de o mais fielmente possível reproduzir a mensa-

gem que de si brota. Escrava da intenção que lhe confere o existir é a palavra em «A Morte Das Imagens». E é-o até à sua desnorteante fragmentação. De cócoras ou sentada, titubeante ou altiva, a palavra percorre os envios caminhos desde que estes sejam os mais adequados à perfeita comunicação do seu utilizador. Passo a citar: «Captar aqui um grande plano de Ana (...) Travelling que será plano geral de mar, areia e mulher andando de jeans (...), pés descalços cujo ofegante ritmo seguiremos de perto, a câmara devendo captar tudo, a areia, o mar e a mulher numa leve oscilação de cima para baixo e de baixo para cima (...)».

De um engenhoso, mas intrinsecamente necessário malabarismo se apresenta «A Morte Das Imagens» quanto à forma da sua escrita. Forma movediça quer pelo alternar do discurso entre Ana e Ana (narra-se na primeira e na terceira pessoa) e a escritora que a observa e deseja filmada, quer pela poética musicalidade das suas palavras. Passo a citar: «A noite é uma enorme boca sem contornos onde diariamente mergulho, toda eu me dando num pro-

fundo beijo interminável. A noite envolve-me agora no seu mágico hálito de folhas e de Verão e sei que entrei já evagarinho no seu seio como criança pequena indefesa, dando-me inteira a ti noite que és frenética palpitante de sentidos e de desejo. O Pedro é noite. Sei que o Pedro é noite prolongada, espreguiçando-se contra os ramos e contra o mar, roçando o rosto nas folhas e nas pedras, na gelada transparência da água.»

Deliciosa poesia em prosa metamorfoseada, «A Morte Das Imagens» assume-se sempre móvel imagem. Imagem, de ora em quando, menos graciosamente composta — tenho de reconhecer quando me deparo com os seguintes lugares comuns: «Desfazia-me em baba e ranho», «Tens uma estrela na testa».

De que trata este «A Morte Das Imagens», livro que me aprouve ler? De uma viagem reflexiva feita por uma mulher (Ana) que pretende determinar, exacta e pormenorizadamente, a sua relação com o envolvente. O humano e o paisagístico... Passo a citar: «(...) tive de fazer as malas e partir sozinha para

me sentir nova e poder decidir só o que sou e o que quero ser nesta terra ambígua onde sempre vivi, nestas múltiplas faces em que sempre me desdobrei e que agora quero fundir para poder crescer em longas e alargadas folhas e criar profundas raízes que a mim mesma me prendam, enfim reencontrada como espero dentro desta noite que adivinho já interminável.»

Isola-se Ana porque se quer apreender sem a influência dos outros. E, por isso, a uma atenta escuta do que viveu ela se entrega. Assim, evoca Serge: «O Serge diz que vivemos a maravilhosa aventura do nada. (...) e as tuas palavras já não chegam bem a mim e as cartas que me escreves polvilhadas de frases já conhecidas perdem-se na linha de ar que separa o papel dos meus olhos (...)». Isto é: um homem que a atraiu. Reteve na intimidade. Tal como sucedeu com Pedro e outros rostos que mais difusamente se lhe apresentam neste solitário e memorativo repensar-se.

Dolorosa busca de si mesma é esta. E, por isso, ouvimo-la: «Continuamente escavo em mim própria a malfadada terra de que sou feita

sem encontrar fundos lisos nem transparentes. Continuamente cavo com a pá de misteriosos olhos interiores e o tempo dilui-se, até o presente me escorre por entre os dedos como água. Busco e rebusco-me e só esta liquidez opaca, viscosa». Ou: «Tenho a cabeça cheia de filmes projectados a alta velocidade e não só um, mas vários em simultâneo, pequena cabeça-vídeo tão cansada que já misturo as bobines e nem sei de que filme se trata nem onde estou».

De um modo angustiante, Ana introspecciona-se. Porém, consegue chegar a respirar-se. Regressar a si mesma, corpo emergente de (e no) caótico universo vivencial: «A personagem que está no carro encontra-se paradoxalmente de novo a abrir a porta de casa».

Um livro a destacar (saboreiem-lhe a genialidade da última página!) entre os que, e ao longo de 1986, foram por portugueses escritos é esta «A Morte Das Imagens», original forma de contar a doída vivência de um EU que se pretende inteligente de um modo transparente.

APP



«Os Fundamentos do Mundo», Eurico Portela, Edição do Autor

É IS que me chega do Porto, em edição de autor, um livro de poemas intitulado «Os Fundamentos do Mundo», assinado por Eurico Portela. Para os não iniciados em alguns ramos das ciências exactas, talvez que a sua leitura não só seja difícil como susceptível de provocar um certo sentimento de frieza. No entanto, este pequeno livro, de unicamente dez composições, mergulha os seus dizeres, não nas aparências, mas na realidade última que o conhecimento humano conseguiu captar e de modo claro equacionar.

Porque tenciono demorar-me, em tempo oportuno, com outra atenção sobre o livro ora chegado às minhas mãos, deter-me-ei por agora sobre a novidade de um poema.

Com toda a simplicidade, vejamos o paralelismo que o poeta estabelece entre os seus sentimentos e determinados postulados científicos. Quando,

por exemplo, Eurico Portela canta o seu amor por uma mulher expressa-se da seguinte maneira: «Amo-te em linhas curvas, / pois encurvas o espaço / em que te olho. / Não há em ti / gravidade / que me atraia. / Circulo teus seios, / tua nuca / tua pele de seda / — sou sempre geometria / e nunca simples queda...»

Se analisarmos cientificamente este poema, isto é, se o transportarmos para um campo de conhecimento que ultrapasse o mero campo da sensibilidade, iremos detectar aqui precisamente uma das descobertas de Einstein no mundo da física. Qual...? A da curvatura do espaço. Explicando (e que me seja perdoado qualquer erro de interpretação): de acordo com Einstein, qualquer massa no espaço encurva o espaço. Suponhamos um planeta, em que, porventura, nos encontremos. Se, num ponto desse planeta, projectarmos um feixe de luz estimulada (laser) em linha recta, veremos que essa linha recta luminosa se encurva aolongo do espaço e a determinada distância do

planeta. Por outras palavras: a luz não é atraída pela gravidade do planeta, e, embora «descaia» nele, limita-se a seguir a curvatura que o planeta obriga o espaço a ter. Daí Einstein ter chegado à conclusão que não existe gravidade: o que existe é geometria.

Ora Eurico Portela, no poema seu acima transcrito, exprime o seu amor por uma mulher utilizando precisamente alguns dos fundamentos do mundo. Quanto a mim (e não pretendendo de maneira nenhuma fazer doutrina) é uma expressão ontológica de amor. Trata-se daquela expressão que mergulha as suas vogais em postulados absolutamente necessários para que possamos compreender (na medida do possível) o Universo em que estamos inseridos.

Resumindo (que Eurico Portela me não leve a mal): enquanto algumas mulheres merecem rosas tradicionais, outras há (e cada vez mais) que são contempladas com leis siderais...

Pedro Alvim

Mérito cultural para Francine Benoit

Francine Benoit, um dos nomes de que o «Diário de Lisboa» se orgulha (quem não leu, durante anos e anos, as suas pertinentes críticas musicais no nosso jornal?), foi distinguida no Dia Mundial da Música (1 de Outubro) com a medalha de Mérito Cultural, atribuída pelo Ministério da Educação e Cultura.

Com noventa e dois anos, doente e cansada, Francine Benoit não estará presente na cerimónia (em Castelo Branco) em que, tal como ela, serão distinguidas várias entidades e personalidades.

Não irá à cerimónia, mas é sua intenção continuar a trabalhar no que para ela é a grande paixão: a música e a crítica musical.

Paixão que vem cultivando há sessenta anos, ora como pedagoga, ora como crítica, ora como compositora (refira-se aqui «A Princesa e o Caçador», cantata infantil que a Fundação Gulbenkian lhe encomendou em 1966).

Francine Benoit: um nome que o «Diário de Lisboa» pronuncia com todo o respeito.



Fernando Dacosta recebe prémio

Prémio do Círculo de Leitores (1000 contos) entregues na segunda-feira passada a Fernando Dacosta: foi durante uma insólita cerimónia a que esteve presente o Presidente da República e que decorreu em plena Torre de Belém, ocupado para o efeito. O romance premiado é o viúvo, que o «Círculo» agora põe a circular entre os seus membros. O Ler Escrever publicou em primeira mão um capítulo do livro, na sua secção No Prelo.



Acaba de sair

N.º 5

ALAVANCA

revista do trabalho

Reportagens • Estudos • A luta dos trabalhadores
• Desemprego / Salários em atraso • Assuntos
de actualidade político sindical

Pedidos às
edições
UM de OUTUBRO
Sociedade Editora de Publicações Lda.

Assina e divulga

RUA DA GLÓRIA 41-2 ESQ TELEF 36 18 13 • 1200 LISBOA

Um é Outros

Jrupe Emigrilian
Exclusivo LerEscrever

Resumo dos capítulos anteriores

Dois homens estavam sentados a uma ferrugenta mesa de esplanada e a poucos metros deles corriam os carros sobre a auto-estrada. O mais velho olhou para os borbotões de fumo que saíam, em espasmos sucessivos, de uma chaminé da grande fábrica, do outro lado do alcatrão. Para cá dele, um bairro de cimento estendia-se até àquele café onde estavam, e que por enquanto era o único do novo aglomerado, feito para o pessoal da zona industrial em expansão.

O mais novo estava vestido como se viesse de jogar ténis, com calções e blusa brancas, e brincava com uma raqueta. O mais velho tratava-o por «engenheiro» e também vestia de branco, mas roupas em desuso, um velho fato de linho largueirão que fora chique nos anos 60.

Soprava uma brisa ligeiríssima, e no ar alaranjado do fim da tarde nuvens esparsas corriam velozes, muito altas.

O tenista perguntou claramente ao outro, depois de um largo silêncio:

— Mas afinal como é que tudo isso começou?

O outro — seria um velho músico, um bibliotecário? — sentiu que o empurravam com uma pergunta para o fazer falar, e considerou o seu interlocutor com um relance, antes de se decidir, meio enfadado, por uma resposta:

— Não sei bem — disse por fim — mas parece que foi com um telefonema anónimo, certa madrugada. Ele percebeu que lhe estavam a falar acerca de uma casa que alugara na Costa e foi até lá, porque julgou que aquilo lhe dizia respeito. Foi lá e encontrou uma antiga amiga morta. Estrangulada. Quem a matou encenou um pouco tudo aquilo. Tinha acertado, a coisa dizia-lhe mesmo respeito. Ele avisou a polícia sem se identificar, voltou para casa perplexo e um pouco assustado, e foi nessa noite que tudo se complicou.

O «engenheiro» não reagiu, por saber que aquele fim de frase sugeria uma continuação. Um empregado veio trazer martinis. O mais velho respirou fundo, irritado por o outro não acrescentar, agora, uma pergunta à conversa, e recomeçou a falar:

— Nessa noite foi a um bar do Cais do Sodré cheio de marinheiros franceses e de raparigas. Houve uma que foi aos lavabos e ele foi atrás dela. O facto é que deram com a rapariga morta. Não me pergunte se foi ele que a matou, porque não sei. Parece que alguém, horas antes, lhe deixara qualquer coisa em casa, mas a história é tão improvável que não sei se vale a pena contá-la.

Aqui sim, o «engenheiro» fez um gesto de interesse com as sobancelhas. O mais velho deixou-se ir na deixa desse gesto:

— Deixaram-lhe em casa uma das meias de «nylon» da amiga morta que ele encontrara na Costa! Este tipo de coincidência viria a repetir-se sintomaticamente.

O tenista bebeu o martini, fez um trejeito significando espanto, falkou um passe imaginário com a raqueta e ela caiu-lhe ao chão. Corou ligeiramente, mas quase não se viu, ao crepúsculo, que corava. Disse:

— Já agora conte-me tudo. Eu só conheço a coisa de ouvir dizer.

O mais velho olhou para o seu martini mas não lhe tocou. Recostou-se, enfiou as mãos nos bolsos e durante um instante foi nítido que hesitava sobre se devia continuar. Depois retomou:

— Não há muito a dizer, sabe? No fundo, é uma história de pos-

sessos. Ou uma daquelas histórias que voltam sempre ao seu ponto morto, como um motor de automóvel. Aliás, a partir daquela segunda morte, no bar do Cais do Sodré, as coisas adquirem um ritmo quase incontrolável. Fascinante, mas incontrolável. Ele tinha o hábito de semear indícios falsos por onde passava. Se de facto foi ele que matou a segunda rapariga, terá deixado no local alguns desses indícios falsos. Pois bem: foram-lhe devolvidos para casa juntamente com a mão da segunda morta, muito bem cortada, como se tivesse saído da sala das autópsias do Instituto de Medicina Legal. Logo a seguir recebeu novo telefonema do mesmo tipo, gozando com ele. Aquilo começava a ter um ar persecutório, extremamente dirigido.

— E ele não contou isso a ninguém? — perguntou o tenista, como quem considerasse ridículo todo o caso.

— Nessa altura, não. Eu só soube de tudo muito depois. Ele meteu a mão cortada no frigorífico e pensou que tinha de desaparecer. Nunca lhe passaria pela cabeça ir à polícia. Pôs o cão e o carro em casa de um amigo, fora da cidade, e instalou-se numa residencial que há ali para a Graça. Ele disse-me que, no próprio dia em que lá se instalou, viu num jornal a notícia do roubo de um quadro em que alguém estrangulava uma vítima, e que ficou obcecado com a ideia de que tanto é criminoso quem mata, como quem pinta um assassínio. Mas o que é fabuloso é que no mesmo dia chegaram à residencial uns cineastas — um realizador estrangeiro, com o seu produtor e uma vedeta. Ele presenciou os contactos deles com a imprensa e na noite seguinte acordou com o estampido de dois tiros... tinham morto a vedeta com duas balas na testa. Pouco depois, a residencial estava cheia de homens da Judiciária.

— Inacreditável — comentou, falsamente suspenso, o tenista. — Onde esse tipo aparece, morre alguém.

— Mas nessa altura — continuou o mais velho sem o ouvir — ele já tinha percebido que não se veria livre do «outro», o dos telefonemas. Mais: que os crimes e os telefonemas, e ele próprio, faziam todos parte da mesma trama, da mesma desgraça, da mesma perdição. Desculpe se o perturba este vocabulário. Nem eu sei se é o mais apropriado. Ele contou-me que, estando a residencial cheia de polícias, o tal realizador estrangeiro veio ter com ele ao quarto e se pôs com uma conversa muito estranha, dizendo-se amante da vedeta morta, mostrando saber que fora ele o assassino da rapariga do bar... Acabou por convencer-se de que o homem poderia muito bem ser o autor dos tais telefonemas. O realizador — creio que se chamava Lucas qualquer coisa, ou qualquer coisa Lucas — quis persuadi-lo de que se estava a tomar por uma espécie de Deus e que queria matar esse Deus. Abriu uma gaveta onde ele não guardara nada e tirou de lá uma pistola... de brinquedo! Penso que houve uns socos e uns empurrões entre os dois.

— E como termina esse fantástico incidente? — interrompeu-o o jovem «engenheiro», ironizando.

O velho não desarmou: tinham-no espicaçado, ia estar-se nas tintas para o que o outro pensasse.

— Mas meu caro engenheiro, da única maneira como podia terminar: o «outro», o dos telefonemas, mandou-lhe um recado explicando-lhe que o que tinha a fazer era fugir pelos telhados, para não ser apanhado como um rato pela Polícia. Ele achou por bem seguir o conselho e escapou-se, tornando-se assim, de facto, num suspeito, num homem perseguido: Foi dali para o Solar do Vinho do

Porto respirar fundo e reflectir uns momentos e, ali, novo telefonema: o «outro» tinha-lhe deixado também um bilhete de avião... para Faro!, e queixava-se de que ele já estava atrasado para o apanhar. O que é certo, é que naquela fase das coisas ele já não queria escapar à rede em que fora apanhado, estava fascinado por ela e lá seguiu para Faro. Ali, tinha à sua espera, no próprio aeroporto, novo bilhete para Amesterdão e uma apreciável quantia em dinheiro...

O engenheiro-tenista pediu, impaciente, outro Martini. Perguntou, mais céptico ainda, se na opinião do seu interlocutor tudo aquilo não relevava do foro psiquiátrico. O outro encolheu os ombros:

— Sem dúvida, sem dúvida... mas que importa isso? A coisa está em que ele nunca se quis fazer assistir, compreende? Eu percebo porquê: entre optar pelo seu caminho, mesmo que o caminho simule um ditado, e passar para o clube dos assistidos... bem vê... Aliás, é nesse estágio que a história dele se torna mais interessante. Porque em Amesterdão, ele visita uma amiga e apercebe-se de que também essa amiga é manipulada por alguém que, tudo indica, é o mesmo tipo dos seus telefonemas... Também já tinha havido mortes provocadas nessa segunda história... Enfim: o «outro» telefona-lhe para casa da amiga, eles percebem então que, de facto, o amigo dos telefonemas é o mesmo, o «outro» pede-lhe que ele vá procurar, em certo museu, certo crime pintado... E ele vai. Acaba por dar com o óleo de um anónimo onde talvez esteja representado um bisturi e uma mancha de sangue. Convinde-se de que poderia muito bem ter sido ele o autor do crime ali representado. No dia seguinte deixava-lhe uma carta em que lhe dizem que siga para Florença, a fim de lá cometer realmente um crime, porventura com um bisturi que vem juntamente com a carta...

— Muito interessante, muito interessante — explodiu finalmente o engenheiro, quase sem fôlego e brincando com cada vez mais violência com a raqueta. — Mas o tipo é um mero homem de palha, um pau mandado! É manobrado por um desconhecido até ao inverosímil! Que interesse vê você nessa maldita história?

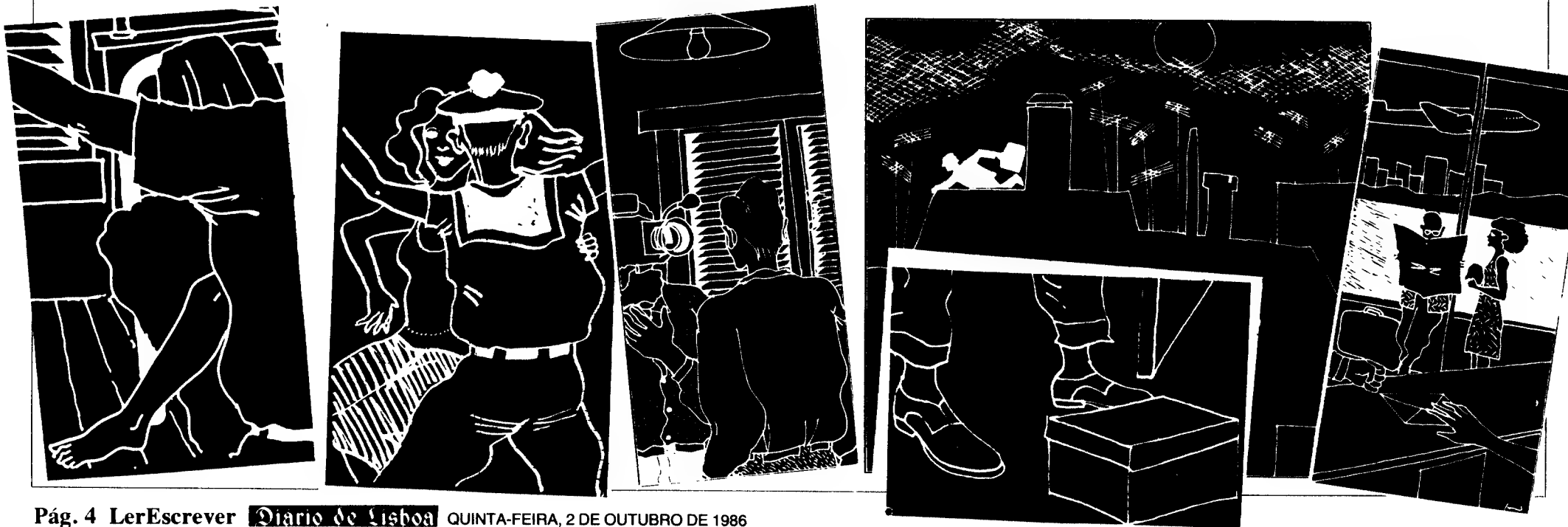
O mais velho suspirou lentamente e arrepeliu-se com a brisa, que se tornava mais forte. Transpirara um pouco, entusiasmando-se com o que contara. Retirou lentamente um lenço do bolso, limpou a testa pensando, não no que iria dizer e fazer, mas no tempo que ali gastara, em mais uma dessas inúteis e doentias actividades sociais que consistem em explicar a certos personagens coisas que eles não podem perceber. Finalmente disse o seguinte:

— Engenheiro, há histórias que queimam os lábios de quem as conta, como esta. Eu devia ter percebido que o senhor não estava à altura dela, o que é normal. Mas a vida não é feita só de palavras, e se eu me limitasse a dizer-lhe isto o senhor poderia ficar a rir-se de mim, o que seria inteiramente desajustado à importância do que lhe contei. Sou, assim, obrigado a sublinhar as minhas palavras com um pequeno gesto suplementar.

Dito isto ergueu-se, pegou no Martini que não bebera e lançou-o à cara do tenista, que se levantou de um salto, tossindo e estupefacto, derrubando a mesa no gesto desequilibrado. O mais velho disse-lhe ainda, com um quase sorriso:

— Tem sorte que eu não o estrangule com as minhas próprias mãos.

E partiu dali, levantando a gola do casaco e sem olhar para trás. O engenheiro só muito mais tarde percebeu que nunca tinha sido tão insultado.



Um é Outros

Jrupe Emigrillan
Exclusivo LerEscrever

Na próxima semana
ainda dura
a jornada italiana

Capítulo XI

A dieta do Deus

«...e um crime desconhecido de que todas as imagens permanecem invisíveis, de que apenas o remorso nos oprime, por sopros, por sopros arrebatados, sem conteúdo, e que apenas dizem isto: eles são o passado, crime inacabado, irrealizado e permanentemente invisível...». Fechei o livro bruscamente. O bisturi, que até aí me servira para cortar o selo das páginas, escorregou-me para o chão, expondo o seu brilho fatal à luz crua do compartimento todo azul do Trans Europa Express que decidira tomar em Zurique. À minha frente, o filho mais novo do casal Dreyer (era esse, pelo menos, o nome que julgara perceber no meio da nórdica violência daqueles diálogos) arregalara, por instantes, os olhos inocentes e surpresos, para depois os suspender no meu mais que comprometido gesto de apanhar o bisturi e o arrumar entre as páginas do livro que A.T. — qual anjo emissário — decidira oferecer-me em Amesterdão.

O comboio rolava depressa, talvez mesmo demasiado depressa. Por momentos sentira pena de não ter arriscado o percurso numa daquelas intermináveis linhas italianas em que o tempo — coisa aí desconhecida — parece nunca ter começado a contar. Apagar o passado e a memória... «il n'y a que des crimes à mettre en ordre».

Pouco passava das 6 horas da tarde, quando me apeei em Santa Maria Novella. O sol invisível, cujo brilho apenas o Arno reflectia, envolvia já, nessa luz suave e única, o crepúsculo da República. Não fora o roçar cruel do bilhete fatídico na algibeira das calças e ter-me-ia abandonado livremente à hipnótica sedução daquele ar. «Florença. Irá a Florença não para completar o crime pelo olhar, mas para o executar ao vivo». Bem, cá estava. Não sem uma ponta de saudade, adivinhei o sorriso da *mamma* Tita ao acolher-me, uma vez mais, na sôfrega e perversa alegria da pensão *Sogni d'Oro*. «Sim, *mamma*, é o teu "bambino portoghese" que acaba de chegar a esta terra "senza tempo"».

Santo Spirito tinha já a animação habitual das grandes noites. Ainda há pouco espreitara da janela do quarto o espantoso movimento daquela praça irregular, onde putas e chulos, bichas e travestis, rapazinhos loiros e potenciais clientes se comprimiam numa dança de pares fáceis e sempre desencontrados. Agora, estendido sobre a cama, olhava o desenho frenético dos faróis das lambretas, cujos reflexos lambiam ininterruptamente as paredes brancas do quarto, perpetuando, como num eco, a sensualidade quase fílmica desta noite e deste espaço excepcionais que, pela graça de... (que ia eu escrever?), me haviam elegido seu espectador privilegiado. Adormeci, no intervalo de um grito de mulher e do amoroso chiar de velhas camas, cujos ocupantes ocasionais outra coisa não pareciam ter feito, desde imemoriais e mais brilhantes tempos, do que constituir a prosperidade (e sabe-se lá mais o quê) da *mamma* Tita. «*Sogni d'Oro*, *bambino* mio».

Entre Santa Maria Novella e Santa Croce, por detrás de toda uma guerrilha religiosa que, desde há séculos, opõe franciscanos e beneditinos, há toda uma guerra do olhar que o turista habitualmente não vê, esquecendo-se de lavar os olhos entre cada quadro ou cada fresco, que para isso se fizeram as pias de água benta.

Santa Croce é a festa do *excesso*; dos longos frizos de túmulos até aos frescos das capelas tudo está exposto, *sobreposto*. Onde a luz das *vedutas* mal chega, logo o projecto e a respectiva caixinha de moedas se oferecem prestimosas a iluminar o muro, enfatiando as formas e as cores de uma luz que não é a delas e que mal podem suportar. Em Santa Maria Novella, pelo contrário, reina a penumbra e a penúria, não porque sejam menores os tesouros, mas por causa desse monumental e absoluto vazio, apenas rasgado pelo branco da cal das paredes (que o Mestre tão bem soube cruzar, numa *intarsiatura* em grande escala, com o mármore escuro) e a ameaçadora massa negra das telas maneiristas, impossíveis de ver, se não se

colocar no altar uma vela ao santo da devoção. Crer para ver. Cada olhar em Santa Maria Novella exige todo um complexo ritual, até mesmo cá fora, no Chiostro Verde onde, apesar da mais intensa luz natural, os prodigiosos frescos de Uccello se furtam à vista inexperiente ou desatenta, as cores e as formas comidas pela usura do tempo, que se lembra, nestas coisas, de deixar os seus traços.

Em Santa Maria Novella impera, a esta hora da manhã, um salutar e silencioso recolhimento, na ampla igreja vazia de turistas, que mal entram logo saem, não se sabe se derrotados pela austera falta de equipamentos que, noutros sítios, lhes ajudam à tarefa de catalogar mais um «ricordo». Aqui, apenas dois focos de luz estão estratégica e dramaticamente colocados debaixo (como o olho do pintor) da *Trindade* de Masaccio, essa admirável fissura

no muro branco onde se torna irreprimível um doméstico e talvez envergonhado sentimento das origens. Um mundo de formas começou aqui... um mundo. Procuro, no sábio cruzamento destas linhas, o cruel segredo desta geometria que para sempre me aprisionou, e da qual não vislumbro saída. «Deste buraco não se sai», dizem-me estas figuras de martírio que as tintas do jovem pintor prenderam, de uma vez, e para sempre, à quietude do muro, encenando-lhes a morte num *trompe-l'oeil* prodigioso, para onde a vista agora me foge, lançada na imparável vertigem desta perspectiva *dal sotto in sù*. A Virgem, o Baptista, o Cristo crucificado sob o olhar melancólico do pai, tudo isto me atravessa o olhar que, sem o saber, desliza já, para trás, para as aventuras destas arcadas hiper-reais e sem fim, onde outra história já corre, nos bastidores deste crime há muito perpetrado e cuja mancha indelével me invade a consciência e me comanda os sentidos. *Dal sotto in sù*, de baixo para cima, todo o gesto é então possível.

As meias-tardes florentinas são o tempo próprio da meditação ou da entrega a outros lúgubres e secretos prazeres, para quem aqui vem corrigir o olhar na ortopedia dos frescos ou de outras belas coisas que esta terra tem em demasia. Teria eu cumprido a dieta do Deus, depois de ter vorazmente peregrinado pela cidade, do Bargello a San Marco, de San Lorenzo a Santa Maria del Fiore, dos corredores do Pitti aos dos Uffizi? Teria eu purificado suficientemente a retina, mergulhando-a nos segredos dos arquitectos e dos pintores, do feliz Fra Angelico de San Marco ao atormentado Ghirlandaio de Ognissanti e da Carmine, dos sinais reticulares de Ghiberti e Bruneleschi às espirais frenéticas dos Tondos de Michelangelo e Rafael?

Agora, no quieto sossego da esplanada do pequeno café da Signoria, defronte à «loggia» onde repousam as estátuas de Cellini, Donatello e Pio Fedi, olho a cabeça de bronze da Medusa, cortada cerce pela espada de Perseu, antes deste a ofertar a Atena e desta a cravar no escudo de Zeus, escudo esse que Caravaggio imortalizara no «ready-made» dos Uffizi.

Absorvido nos meandros desta história admirável não notara a penumbra que crescia já sobre a Signoria e a cidade, sepultando-as ambas sob os perfumes do Arno e sob essa luz regular que ainda ontem me acolhera. Petrificara-me, por certo, o olhar da Medusa decapitada que Perseu tão vitoriosamente exhibia; de todas as formas, jamais poderia explicar como tinha vindo parar acima da mesa aquele envelope amarelo que nem precisava abrir para confirmar a proveniência. Na mais bela praça do Mundo, o Deus mostrava-se.

Rasguei o sobrescrito amarelo. Quase sem surpresa vi caírem, lá de dentro, um molho de chaves e o bisturi que deixara esquecido na pensão. Desdobrei, lentamente, a folha dactilografada que acompanhava a «encomenda». Lia-se: «Sei que aproveitou bem o tempo, e que por esta altura estará já preparado para decifrar as tramas ardilosas de imagens mais elaboradas e secretas. "Imagine fátos per significare una diversa cosa da quella, che si vede con l'occhio". Vá a Aresso; as chaves que aqui estão são de um Alfa vermelho, estacionado em frente a San Lorenzo. Entre na Igreja de San Francesco e leve a pilha que está no porta-luvas do automóvel. A porta da igreja estará apenas encostada. Quando chegar ao coro, por detrás da cruz do altar, acenda a lanterna. Verá que as paredes estão cobertas de frescos que lhe contarão uma estranha história. Não deixe que os olhos o enganem e espere o tempo em que a história o olhará a si. Verá então que os olhos dela estão fechados, e serão esses os únicos que o olharão. Faça então o que tem a fazer. A.T.»

(Continua)



Galiza

O Oitavo de Língua Portuguesa

O problema galego remonta à época da comum história entre Portugal e a Galiza. Com a independência de Portugal e a manutenção da Galiza como colónia de Castela, os galegos e a sua cultura e língua foram submetidos a um processo de castração e anulação da sua identidade profunda, durante séculos e até à actualidade que os levou à subvalorização e auto-anulação, formas supremas de humilhação psico-cultural dos colonizados, como demonstraram Albert Memmi e Frantz Fanon.

A língua da Galiza, então, foi pura e simplesmente subestimada pelo castelhano, postergada do ensino, da administração, da comunicação social e, em geral, da vida pública e das relações intra-estatais e internacionais, remetendo-se à coloquialidade pouco mais do que campesina. Língua de labregos, tal foi o insidioso epíteto lançado ao maravilhoso e sensível imaginário galaico-português, conspurcando a doce memória de D. Diniz, Martin Codax, Airas Nunes, Fernão Lopes, Camões, Bocage, Eça, Rosalía, Pessoa, Castelão, António Vieira, Tomás António Gonzaga, Machado de Assis, Castro Soromenho, Agostinho Neto, Jorge Barbosa, Francisco José Tenreiro, Rui de Noronha, Blanco-Amor e tantos outros. Mas o Ressurgimento do orgulho linguístico e cultural galegos deu-se no século XIX, ganhando asas de grande envergadura. A esse Ressurgimento, em que as novas gerações se têm empenhado, corresponde uma vontade política de mudar o estatuto de menoridade a que a Nação galega foi remetida.

Recordemos aqui que, há quatro anos, a Real Academia Galega e o Instituto da Língua Galega (não a nossa, é

claro) subscreveram umas «normas da língua galega», aprovadas depois por decreto da Junta Governamental. Essas «normas» revelaram-se predominantemente castelhanizantes, como provou a Associação Galega da Língua (AGAL), ao publicar uma crítica linguística impiedosa e certa. A tendência castelhanizante procura fazer com que a língua da Galiza prossiga na via dolorosa da castração, defendida pelas mesmas pessoas que detêm os cordelinhos ao poder institucional na Junta governativa, na maioria parlamentar, na Real Academia, no Conselho da Cultura, na Faculdade de Filologia. As figuras salientes desse poder são García Sabell, delegado do Governo espanhol na Galiza, Ramón Pinheiro, presidente da Academia (desde os anos 60) e do Conselho de Cultura, Ramón Lorenzo, catedrático responsável pela área da língua na Faculdade, e Constantino García, director do Instituto da Língua e também numerário académico.

Nacionalistas como Ricardo Carvalho Calero — grande figura de intelectual, catedrático jubilado e patriarca das novas gerações, com obra publicada pela Sá da Costa — ou Xosé Manuel Beiras, economista de créditos firmados, integraram a Real Academia, mas a convocatória para a sessão de leitura do discurso de posse da cadeira deste último tem sido sucessivamente relaxada por ostensiva má vontade. Outros nacionalistas, os escritores Manuel Maria e Xosé Luís Méndez Ferrín, demitiram-se dos cargos de correspondentes por discordarem da política cultural e da deontologia seguida.

As normas da Real Academia Galega e do Instituto da Língua reiteram o es-

tado de direito antipedagógico, anti-social e antinacional. Elas mais não preceituam do que o (pre) domínio do espanhol no ensino, na imprensa, na rádio e televisão, na administração. Todas as matérias, inclusive parte das aulas da língua da Galiza, são ministradas em espanhol! Apenas o jornal semanário *A Nossa Terra* se publica na língua-mãe. A TV Galega utiliza o *castro*. As telenovelas brasileiras, além de desnecessária e ridiculamente dobradas, por a língua ser a mesma, apresentam deficiências de tradução bastante conflagradoras, tudo isso roubando o doce sabor de fruir um saber de modo muito mais próximo e apaixonante. Quem traduz, como quem tem acesso aos grandes meios de difusão, é o sector castelhanizante, os alunos saídos do Instituto, que desconhecem os reais problemas do galego-português e das culturas do mundo luso-afro-brasileiro.

Em Abril último, decorreu, em Santiago de Compostela, um encontro sobre a Normalização Linguística da Galiza, convocado pela Associação de Escritores de Língua Galega, Associação Sócio-Pedagógica da Galiza, Federação de Agrupamentos Culturais e Associação Galega da Língua. Menos de um mês depois, estava constituída a Mesa Permanente para a Normalização Linguística, na intenção de alargar cada vez mais o âmbito de actuação junto de entidades, instituições e organizações não só galegas. Mais de 200 professores de língua e literatura galegas apuseram a sua assinatura no documento-base que permitiu o acordo entre aquelas organizações representativas da melhor inteligência galega. Em Portugal, muito recentemente, a questão da língua

da Galiza foi referenciada a propósito do Acordo Ortográfico afro-luso-brasileiro. A uma primeira fase, em que os galegos não foram sequer convidados a inteirar-se do que se passava (prática aliás corrente da intelectualidade dos outros sete países onde mais se fala o português), seguiu-se uma mudança de atitude, com a aceitação de uma delegação galega usufruindo, ainda e somente, por razões compreensíveis (precisamente a não normalização da língua na Galiza), do estatuto de observadora. Situação similar enfrentam os galegos em relação ao previsto Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa, a celebrar no próximo mês de Maio em Lisboa. Neste momento, procede-se, no Porto, à recolha de assinaturas de escritores residentes no Norte que apoiem o reconhecimento do estatuto de igualdade dos escritores galegos nesse Congresso.

Esta rememoração de alguns factos importantes fica a dever-se à minha convicção de que nem todos os escritores portugueses estarão cientes da gravidade do problema galego. Muitos de nós não leem um livro de escritor galego por ano, nem sequer no tempo de férias propício à meditação. A divulgação dos seus livros em Portugal continua a ser inexpressiva: não há regulares sessões de lançamento de livros, nem críticas ou resenhas, e muito menos entrevistas. O intercâmbio, a circulação livre e porfiada do livro, a cooperação cultural, com a profundidade e a extensão que já seriam de esperar, ainda não se verificam. Acho que os próprios escritores não estão isentos de culpa, pois muito poucos portugueses colaboram regularmente na imprensa galega e a inversa é também verdadeira. Africanos e brasi-

leiros não circulam por estas paragens, salvo quando qualquer evento os chama, por instantes, à ribalta. Ai, fazem-se juras e desfazem-se divórcios, mas a separação continua.

Os vapores do vinho da amizade dissipam-se ao contacto com a dura e inerte realidade quotidiana, fechada sobre si, incapaz de abrir-se aos quatro ventos das áreas culturais que lhe são afins. Quase apostaria que, em relação aos africanos e brasileiros, muito poucos de nós se entregaram à leitura de Yaka de Pepetela, de Pão & fonema de Corsino Fortes ou do *Memorial de Santa Cruz* de Sinval Medina, e, no entanto, só teríamos a ganhar nos aspectos documental e estético, reconhecendo-nos nas picardias textuais dos outros.

Sem querer retomar experiências passadas que fizeram época, julgo que todos teremos a ganhar conhecendo-nos mutuamente para melhor nos reconhecermos.

A língua da Galiza sobrevive em África, mas saberão os escritores galegos de que modo? E os escritores africanos e brasileiros conhecem os seus confrades galegos?

Por tudo isto, aqui se lança um apelo: que os intelectuais dos Cinco países africanos onde se fala o português e dos outros dois (Brasil e Portugal) tomem consciência de que, onde se falar de e se encontrarem os sete, o oitavo terá de estar presente. Assim, propõe-se que, a nível da unidade dos sistema linguístico do português e da comunidade de interesses culturais, sempre que possível, se fale sempre, não já dos Cinco ou dos Sete, mas dos oito. De facto, o nosso projecto cultural é que sejam $5 + 2 = 8$.

Pires Laranjeira

Viteix: pintar ao ritmo das danças africanas

VÍTOR Teixeira, Viteix para os amigos e para o grande público, é um pintor angolano — por muitos considerado o maior pintor de Angola — que neste momento está em Lisboa e se prepara para regressar dentro de dias ao seu país.

Veio para participar no 20º Congresso da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte) que se realizou recentemente na Fundação Calouste Gulbenkian, onde apresentou uma comunicação sobre arte africana, e aproveitou para expor, numa galeria da capital portuguesa, as suas últimas aquarelas.

Nesses seus trabalhos, que obtiveram assinalável repercussão, Viteix apresentava, em todos, cercaduras com símbolos cuja inspiração (lia-se no catálogo) «se pode encontrar nos murais elaborados por diversos povos de Angola, nomeadamente os lundas e os tchokwe».

Por aí começámos uma breve conversa com Viteix, que, confessou, já está habituado a falar de tais cercaduras, «pois quase sempre me perguntam o que é que eu quero dizer com elas». E explicou então.

«A verdade é que essa prática vem desde 73, ano em que pela primeira vez as utilizei. E já começa a ser como que um pequeno vício... Alguns desses sinais foram tirados de máscaras africanas, outros foram surgindo à medida da evolução do próprio conjunto. O que



«Os meus quadros são uma certa mistura entre o real e o sonho»

posso dizer é que não se trata de uma moda, mas de uma necessidade estrutural do próprio quadro que pinto. São sinais marginais, é verdade, mas ao mesmo tempo fazem parte da própria estrutura do quadro, da sua concepção geral. Agora, sem dúvida, são elementos decorativos. No fundo trata-se de um jogo de formas, de grafismos, de manchas, que me fascina e me obriga

por vezes a ordenar desta maneira, talvez repetitiva, as margens e a estrutura central. Mas observando bem talvez seja um vício. É a explicação que posso dar.»

Pintura angolana

Nascido em 1940 em Luanda, Viteix aí começou a estudar artes plásticas,

tendo a sua primeira exposição em 1957, em Angola. Depois estudou em Lisboa e Paris, tendo, na capital francesa, concluído a sua licenciatura em 1973. Dez anos mais tarde defendeu, ainda em Paris, uma tese de doutoramento sobre Artes Plásticas em Angola.

Quando, em 75 o seu país se tornou independente, estava em Brazaville, sempre trabalhando em pintura. Regressou a Luanda e em 76 foi um dos fundadores da União Nacional de Artistas Plásticos de Angola, tendo, até 1981, desempenhado funções directivas, organizando e dinamizando numerosos cursos, oficinas e exposições — o que, em certa medida o impediu de se dedicar, como queria, à pintura propriamente dita, ocupado que estava com tarefas necessárias mas burocráticas.

Agora que regressa a Angola não quer voltar a exercer esse tipo de funções, e os projectos que o absorvem são muitos. Para já vai preparar a sua participação na delegação angolana que antes do fim do ano se deslocará à Bienal de Havana; para o princípio de 87, estará de abalada até S. Paulo, no Brasil, onde, a convite da universidade local, irá expor e proferir várias palestras; depois, regressado a Luanda, pensa organizar uma exposição colectiva de pintores angolanos que percorrerá as principais cidades do seu país.

«Repare» — disse Viteix ao «Ler e Escrever» — «hoje, passados onze anos sobre a independência de Angola, já se pode falar, ainda que timidamente, da existência de uma pintura caracterizadamente angolana. Apareceram muitos jovens, foram incentivados, agora é necessário limarem-se algumas arestas e fazer a triagem. Já se revelaram alguns valores — que é preciso acarinhar e divulgar — e temos mesmo grandes esperanças que na próxima década surgirão artistas que vão dar que falar e assumirão o verdadeiro exercício da profissão».

O sonho e o real

Viteix, chegado aqui, falou então das dificuldades existentes em Angola para adquirir materiais «que são caríssimos e pagos em divisas». Contudo, como lembrou — pôde constatar isso mesmo nos contactos que manteve durante o Congresso da AICA — essas dificuldades não são exclusivas do seu país, pois «existem um pouco por toda a África». Assim, considera que tais dificuldades «não devem fazer-nos desanimar e cruzar os braços», mas, antes «incentivar-nos a procurar soluções».

«Só que essas soluções não podem ser procuradas individualmente. Passam por um esforço organizado e co-

Continua na pag. 8

Visita a Dürrenmatt

A única realidade que existe é o presente. Como julgar, em sociedade, actos que pertencem todos ao passado, e são, por isso, imaginários, hipotéticos? Eis o tema de Justiça, um romance policial escrito propositadamente para o 30.º volume das suas Obras Completas.

«E como passa Max Frisch?» É tentador abordar Friedrich Dürrenmatt pedindo-lhe notícias do seu velho amigo e rival, o outro grande escritor suíço. Desde há muito que os confundem, que, no estrangeiro, os tomam por alemães, e eles acham graça. De facto, Dürrenmatt e Frisch são escritores internacionais. Os seus livros são imediatamente traduzidos no mundo inteiro. *Justiça*, o último romance de Dürrenmatt, já está, exactamente, traduzido em vinte línguas desde a sua publicação no ano passado. (Em vinte línguas mas não em português, N.T.). O mesmo vai passar-se com *Der Auftrag* (A missão), que sairá um destes dias na editora Diogenes Verlag, de Zurique.

Frisch e Dürrenmatt são clássicos, estudados nas universidades e nos liceus desde os anos 60. Dois possíveis Nobel. Talvez o facto de eles terem tantos títulos premiados e de serem ambos suíços esteja a bloquear o júri, que não pretende vexar nenhum.

Por vezes são mais conhecidos como dramaturgos do que como romancistas, e continuam, como tal, a ser confundidos um com o outro. A visita da velha senhora, O.K., é Dürrenmatt. E O sr. Homenzinho e os Incendiários, é Frisch. Mas O casamento do sr. Mississipi é do autor de Berna ou do de Zurique? Façam o teste à vossa volta, e depois tratem de ver como se distinguem eles. Dürrenmatt é «absurdist», Frisch é «brechtiano», responderá a doxa literária. Velha história.

De que trata *Justiça*? De um assassinio, evidentemente. Dürrenmatt já nos tinha habituado aos seus desvios filosóficos do policial. O juiz e seu carrasco, A suspeita, A promessa, trabalhavam grandes temas a pretexto de inquéritos. Um grande tema, se quisermos simplificar: o Mal e o nonsense do Mundo, aos quais seria ilícito resignarmo-nos. *Panne* é uma paródia com processos conduzidos por juizes reformados, que retorce em todos os sentidos a fibra essencial da consciência protestante: a culpabilidade.

Estes romances, que datam dos anos 50, vinham de uma inspiração existencialista consideravelmente sombria; o grotesco mostrava o seu nariz, mas angustiadamente. Em *Panne*, a farsa corria mal: o (irrisoriamente) acusado acabava por se enforcar de verdade.

A grande arte da bebedeira literária

Em *Justiça*, sabemos logo de início quem matou, visto que assistimos ao assassinio, cometido por um notável na pessoa de um universitário num restaurante completamente cheio. Além disso, lemos o relatório do advogado que foi contratado, a partir da prisão, pelo assassino condenado, a fim de analisar a hipótese seguinte: Qual seria a realidade se ele não fosse, de facto, culpado?

Tendo obtido, de algum modo por uma espécie de fraude filosófica, a inocentação do seu cliente durante a revisão do processo, o advogado decide fazer justiça com as suas próprias mãos, matando o notável antes de se suicidar. O relatório, escrito por ele em estado de embriaguez e apressadamente, lê-se alegremente com crescente espanto, porque nele se desorganiza a cronologia, avançando o texto e golpes de teatro lógicos que são, igualmente, uma enorme poda nos tufos complicados da narração. O facto

de, em nenhum momento, o leitor perder o fio à meada, demonstra a mestria desta arte da embriaguez literária.

«É um trabalho de diletante», comenta ironicamente o próprio Dürrenmatt, que pretende, na terceira parte do livro, ser apenas o editor do relatório, que lhe terá sido comunicado pelo comandante da polícia de Zurique.

Abrindo caixas após caixas, como telescópio assestado sobre a impossível justiça, aqui temos, em toda a evidência, uma interessante parábola. Mas uma parábola sobre o quê, exactamente?

Sobre o poder? Sobre a inteligência humana, que quer ascender ao divino entregando-se a experiências, brincando com os homens como se eles fossem simples bolas de bilhar? Isaak Kohler, o assassino, esse deputado e doutor *honoris causa*, esse conselheiro de um grande consórcio, será, afinal, uma figura teológica? Uma espécie de Deus assassino?

Spat, o advogado que serve de co-baia a Kohler, será a imagem da criatura submetida a absurdas vontades?

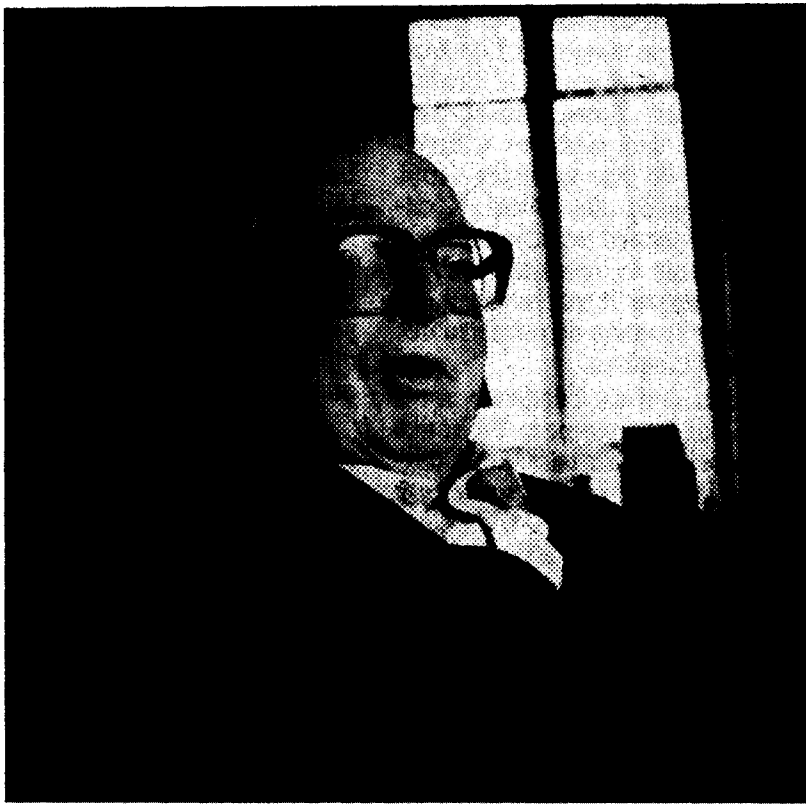
Monika Steiermann, a assustadora anã sádica, herdeira de uma fábrica de armamentos, será a encarnação lúbrica do mal?

Fecha-se o livro com o sentimento de nos termos divertido e, como recorda Umberto Eco falando de Borges, isso torna-se no principal critério de apreciação do romance. O leitor julga ter visto passar furtivamente, por detrás do sábio labirinto, um enigmático rosto. Seria o rosto do autor?

Um monstro de trabalho

O próprio Dürrenmatt tem o ar de um personagem saído de uma das suas peças ou romances. Recebe-nos na sua bela vivenda de pedra branca e vidro, que se abre sobre o lago e a cidade de Neuchâtel, que domina. Parece um sábio, um sábio louco, talvez como Einstein, saído dos seus *Físicos*. Olha para nós, e não conseguimos decidir se os seus olhos, por detrás dos óculos, são tristes ou maliciosos. Mas ficamos a saber que a nossa brincadeira com Frisch vai cair em saco roto: «Não sei como ele está, não tenho qualquer notícia dele, não me enviou o seu último livro e de qualquer maneira eu não o teria lido. Não leio literatura, escrevo-a e basta.»

Na sua enorme mesa de trabalho, lado a lado com o *Vocabulário Técnico da Filosofia* e do manuscrito que tem em curso (Camisas bem arrumadas), há o espesso volume de Soljenitsyne *Novembro 16*. «É incrível! — diz ele sobre esse livro —. A imagem da Suíça, da Zurique dos revolucionários, é de tal modo estereotipada... Todos estes grandes romances são impossíveis de ler.» Então é Tolstoi, Dostoiévski, Thomas Mann? «Nunca os li. Tentei, mas não tenho tempo. Nem Musil, que admiro muito. Grande inteligência, um artista morto pela guerra.»



Que impressão deixaria um Pascal aos seus visitantes?

Tinham-nos prevenido: Dürrenmatt já não diz, nas suas entrevistas, senão mal de toda a gente. A sua mulher ri-se; «Ao ouvi-lo, dir-se-ia que não leu nada, mas ele conhece tudo.» Ele diz que lê filósofos, à noite. Ela é a sua segunda esposa, actriz, cineasta, natural de Munique, bela, mais nova que ele, que parece ter mais que os seus 65 anos.

Diabetes aos 25 anos, soube que tinha uma doença incurável. Perdeu toda e qualquer angústia diante da morte. Dois enfartes obrigaram-no a grandes prudências, mas não deixou de trabalhar como um doido. A sua vocação era a pintura, mas o expressionismo, natural nele não estava na moda. Tornou-se escritor e passou a viver da pena, cada vez melhor, graças ao teatro, que continua a mantê-lo, embora ele já não escreva peças. «Já não há companhias com grandes actores para representarem como seria preciso no teatro experimental que tenho em mente.» Mas nunca deixou de pintar. O museu de Neuchâtel expôs este ano uma grande retrospectiva da sua obra plástica.

O telescópio de Newton

e desenhos e de obras de amigos seus, sobretudo retratos dele próprio. No seu «atelier», que se encontra numa segunda casa mais abaixo, há um grande telescópio, igual ao de Newton, e uma parede inteira está ocupada por uma enorme tela, a *Brigada do Exército de Salvação*, do seu amigo Varlin, o mestre de Zurique, já falecido. Dürrenmatt refere-se à morte dele quase com rancor, como se Varlin o tivesse deixado sozinho. Em Neuchâtel, ele não vê ninguém.

O casal Dürrenmatt tem amigos em Munique, gente do teatro, cineastas, artistas. Passam lá várias semanas por ano, num grande hotel.

«A Suíça? Viver aqui nunca constituiu um problema para mim. Não há melhor lugar para se trabalhar. Todo o país é como uma mesa de trabalho bem limpa. E em quatro ou cinco horas, está-se em qualquer das grandes capitais da Europa.» No cavalete está uma tela por concluir: é um camponês cuja cabeleira se incendiou sob uma árvore que também se vai incendiar. Dürrenmatt viu esta cena em Munique, num jardim público. Nós dizemos-lhe: «Sim.» O camponês da tela está a gritar, e nós pensamos na Suíça, onde ninguém grita a não ser por detrás de portas insonorizadas.

A sua mulher eclipsa-se. Tinham-nos dito que ela respondia, em vez dele, nas entrevistas. Os suíços são, muitas vezes, maldizentes. Ficamos aliviados. E atacamos: Não declarou ele que o romance é tempo perdido? E então, o caso de *Justiça*? Ele explica que foi por causa da sua mulher, do seu editor, das obras completas... que o pressionaram para incluir no 30.º volume, sob a forma de fragmentos, esse policial abandonado em 1957. Ora isso não se faz, quando ainda se está vivo. Por isso reescreveu-o inteiramente, sofrendo seriamente com problemas de «dramaturgia», mas divertindo-se enormemente.

«Um romance não me interessa senão quando enfrenta ao mesmo tempo problemas formais e as questões que se põem à inteligência humana face ao cosmos. Para *Der Auftrag*, parti dos princípios de composição do cravo bem temperado de Bach e construí 24

frases, cada vez mais longas, que formam os 24 capítulos do romance. E abordei uma questão que releva da teoria do conhecimento (Erkenntnistheorie), a da observação dos fenómenos de observação, através da história de uma missão confiada por um psiquiatra e um cineasta. Penso que a literatura deve tornar-se tão leve que não pesará mais nas balanças da crítica literária actual, e que só desse modo poderá readquirir importância.

«Com *Justiça*, o que escrevi foi um divertimento sobre a questão do tempo. Porque é que a justiça é impensável do ponto de vista ético, e irreizável na vida social? Porque *moral* e *sociedade* repousam sobre uma ideia da realidade. Ora, não há outra realidade senão o presente. Quando um acontecimento é já do passado, ele torna-se imaginário, portanto hipotético. O julgamento moral respeita à intenção, o julgamento social aos actos. Mas como os actos pertencem ao passado, já não são, reais. Aí está um paradoxo, uma aporia, do ponto de vista da razão pura. Fiz disto uma parábola. Não há qualquer teologia nisto, nem metafísica. Sou ateu. O meu pai era pastor, o meu filho também. Discutimos sempre. Deus é uma resposta sumária dos homens às questões que lhes são postas pelo universo e pela própria morte. Mas as possibilidades do espírito humano são infinitas, enquanto a espécie não se suprimir a si própria.»

O efeito Pascal

Durante duas horas, falando numa língua que não é a dele e que ele usa procurando as palavras com o seu terrível sotaque de Berna, Dürrenmatt, enterrado na sua *chaise-longue*, torna-se absolutamente ensurdecido. Diante da doce paisagem que se estende até aos Alpes, e sob o olhar atento de dois cães-lobos, a terra põe-se a girar mais velozmente no cosmos, a ciência vai abrir um labirinto de espelhos onde o espírito se perde e volta a encontrar-se metamorfoseado em si mesmo, o pensamento atravessa as idades de Ptolomeu e Kant, de Platão e Cantor, de Aristóteles a Einstein. Sentimos, no próprio corpo, a aceleração violenta do saber representado pelo desenvolvimento da biologia e da física ao longo dos quinze últimos anos, e que Dürrenmatt transporta com entusiasmo e com medo também, «porque apesar de tudo há muitos imbecis». Abrimos os olhos diante da lembrança, maravilhada, de que as partículas luminosas não o são senão para o cérebro, e de que, sem ele, as trevas reinam sobre a terra.

Esvaziamos, com Dürrenmatt, uma garrafa de um grande *cru de bordeaux*, estamos ligeiramente ébrios, deixamos o velho sábio que vai jantar com o seu editor e ficamos com a sensação de termos encontrado alguém de muito, muito excepcional.

Como desconfiamos das grandes palavras e do grande *cru de bordeaux*, evitamos dizer: um génio. Mas ficamos a pensar no efeito que faria, digamos, um Pascal, nos seus visitantes.

Entrevista de

Michel Contat

Acaba de sair: *Justice*, de Friederich Dürrenmatt, alegremente traduzido para o francês por Etienne Barillier. Julliard, L'Age d'homme.

Ribeiro Cardoso

Pedro Alvim